

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA

Olga Marmori de Moraes

NÃO SOU NOVELEIRO
RECEPÇÃO E USO SOCIAL DA MINISSÉRIE “JUSTIÇA” NA PERSPECTIVA DA
CLASSE MÉDIA

Brasília, agosto de 2017

Olga Marmori de Moraes

NÃO SOU NOVELEIRO
RECEPÇÃO E USO SOCIAL DA MINISSÉRIE “JUSTIÇA” NA PERSPECTIVA DA
CLASSE MÉDIA

Monografia apresentada ao Departamento de Antropologia da Universidade de Brasília como parte dos requisitos para conclusão do curso de Bacharelado em Ciências Sociais com habilitação em Antropologia.

Orientador: Luiz Eduardo Lacerda Abreu

Brasília, agosto de 2017

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	6
1.1 HISTÓRICO DA NOVELA NO BRASIL	7
1.2 NOVELAS, PUBLICIDADE E QUALIFICAÇÃO DO TELESPECTADOR.....	8
1.3 A NOVELA COMO INFLUENCIADORA DE HÁBITOS DE CONSUMO	9
1.4 QUEM ASSISTE A NOVELA? UMA ANÁLISE DAS CATEGORIAS DE AUDIÊNCIA.....	11
1.5 MÉTODO	16
2 BOURDIEU: A RELAÇÃO ENTRE ARTE, CAPITAIS E GOSTOS	18
2.1 CATEGORIAS DE GOSTO E USOS SOCIAIS	19
2.2 O PARADOXO INTERPRETATIVO DA NOVELA DENTRO DE UMA CATEGORIA DE GOSTOS.....	22
2.3 A QUESTÃO DE CLASSES	24
2.4 BOURDIEU, CLASSES E CAPITAIS NA ELABORAÇÃO DA PESQUISA E DO CAMPO	25
3 EXPECTATIVA X REALIDADE.....	28
3.1 A HETEROGENEIDADE DA CLASSE MÉDIA.....	28
3.2. A NÃO ESCOLHA DE UMA NOVELA DAS 9	31
3.3. OS NOVELEIROS.....	33
3.3.1 CASA DE PEDRO	35
3.3.2 CASA DE ANDREA	37
3.3.3 CASA DE MARIA.....	39
3.3.4 CASA DE BIA.....	42
3.3.5 CASA DE CLARA.....	44
3.4 ONDE ASSISTÍAMOS JUSTIÇA.....	45
3.5 ROTINA DE CAMPO	46
4 HISTÓRIAS DE JUSTIÇA	50
4.1 A HISTÓRIA DE VICENTE ÀS SEGUNDAS-FEIRAS	50
4.2 A HISTÓRIA DE FÁTIMA ÀS TERÇAS-FEIRAS	54

4.3 A HISTÓRIA DE ROSE ÀS QUINTAS-FEIRAS	58
4.4 A HISTÓRIA DE MAURÍCIO ÀS SEXTAS-FEIRAS.....	62
4.5. JUSTIÇA: UMA HISTÓRIA DE VINGANÇA, INCÔMODOS E OPOSIÇÕES.....	65
5 A RECEPÇÃO DE JUSTIÇA	69
5.1 A RECEPÇÃO DE VICENTE	69
5.2 A RECEPÇÃO DE FÁTIMA.....	74
5.3 A RECEPÇÃO DE ROSE	76
5.4 A RECEPÇÃO DE MAURÍCIO.....	79
5.5 O QUE É VEROSSÍMIL?.....	84
6 CONCLUSÃO.....	86
6.1 NOVELA X MINISSÉRIE E SEUS CÓDIGOS FAMILIARES	86
6.2 A NOVELA COMO UM ESPAÇO DE SOCIALIZAÇÃO.....	87
6.3 OS OUTROS	88
6.4 JUSTIÇA E AS PROBLEMATIZAÇÕES	89
7 BIBLIOGRAFIA.....	91

1 INTRODUÇÃO

*“Novela é uma possessão. Há horas em que os personagens falam coisas em seu ouvido. É uma convivência com pessoas invisíveis.”*¹

Nas filas dos mercados, próximo aos caixas, é comum nos depararmos com revistas que chamam nossa atenção ao anunciar, em suas capas, desfechos mirabolantes para as telenovelas ou que nos conquistam ao prometer fofocas escandalosas sobre os protagonistas. Tudo isso impresso com fontes grandes, coloridas e chamativas e com um preço tão pequeno que é tentador não levar uma dessas pra casa, abrir suas páginas e curtir seu sensacionalismo sem fontes e sem lógica. Nessas mesmas prateleiras, próximo ao caixa do mercado, revistas mais caras e de mais prestígio estampam os mesmos rostos dos mesmos protagonistas, mas agora bem maquiados, bem vestidos ou usando um biquíni, contando sobre sua vida glamorosa (ou diminuindo o glamour dela para se aproximar do público no melhor estilo “gente como a gente”), o possível desfecho de seus personagens, como se preparam para aquele papel, o que gostam de usar e comer e como foi seu final de semana na ilha de Caras.

Entre esses dois extremos de revistas, há todo um espectro de publicidade e material estampando os mesmos rostos e comentando os mesmos assuntos. É possível que você tenha uma aversão completa as telenovelas e se sente na frente da televisão para assistir apenas aos jornais, mesmo assim, esses jornais irão promover as telenovelas, comentar suas polêmicas e muitas vezes enaltecer seu conteúdo. Ou, para evitar esse tipo aproximação com essa produção menos prestigiosa, você prefira ler o jornal impresso e aos domingos, ele virá com resumos semanais de todos os capítulos das principais novelas. Enquanto isso, os jornais online possuem links que lhe induzem a querer saber sobre o que acontecerá em seguida com seu personagem preferido.

Além da publicidade em si, a telenovela tem efeito em diversos outros segmentos, influenciando, por exemplo, mercados, vocabulários e gostos. Podemos observar (e até nos recordar) as roupas daquela personagem descolada que encheu todas as lojas da sua cidade e fez com que diversas garotas se vestissem iguais, uma protagonista de origem árabe que

¹ Depoimento de João Emanuel Carneiro, autor das novelas “Da Cor do Pecado” (2004), “Cobras & Lagartos” (2006), “A Favorita” (2008), “Cama de Gato” (2009), “Avenida Brasil” (2012) e “A Regra do Jogo” (2015), para revista digital Época, agosto de 2015. Disponível em: <<http://epoca.globo.com/vida/noticia/2015/08/joao-emanuel-carneiro-o-publico-de-televisao-parece-uma-crianca.html>>

impulsionou a popularidade de aulas de dança do ventre ou um bordão que passa a ser repetido na rua.

Enfim, como demonstrado nos exemplos acima, estamos constantemente em contato com a novela, ela permeia nossos hábitos e constitui parte da nossa cultura. Sendo assim, o objetivo dessa pesquisa é compreender essa proximidade entre histórias da televisão protagonizadas pelas tais pessoas invisíveis com os telespectadores e seu senso de interpretação e recepção. Em outras palavras, buscarei entender e analisar esse vínculo entre telespectador e telenovelas a partir de um recorte de classes, levando em consideração as particularidades e as nuances da vivência pessoal de cada uma das pessoas que participaram da minha pesquisa, assim como seu lugar dentro de uma hierarquia de camadas sociais, capitais escolares e culturais, e como esse jogo de interpretação e conexão interfere na recepção de uma novela.

1.1 Histórico da novela no Brasil

Antes de abordar a questão que liga os diversos momentos desta pesquisa, devemos, primeiro conhecer esse produto e explorar suas características e particularidades que começam a tomar forma desde sua origem em território nacional. É o que faremos neste tópico.

A televisão se iniciou no Brasil logo após seu nascimento nos Estados Unidos, ou seja, ela teve um surgimento considerado prematuro no território nacional que, por ser um país com uma desigualdade social marcante e ainda bastante rural, não permitiu uma evolução semelhante a americana e a expansão televisiva se deu de forma lenta. (HAMBURGER, 2005, p. 21) A novela em si surgiu como um gênero melodramático destinado a donas de casa. Era uma variação de menos prestígio do teatro encenado na televisão. Entretanto, isso não impediu que a produção cultural nacional para a TV crescesse, fosse sendo valorizada e obtivesse um alcance cada vez maior. E dentre esses produtos, está, certamente, a telenovela.

A autora Esther Hamburger, *O Brasil Antenado* (2005), divide a história da televisão no Brasil em três etapas. A primeira delas, que abrange 20 anos de história a partir de 1950, é caracterizado pelo domínio da emissora Tupi, assim como pela escassez de aparelhos televisivos (em comparação ao número de hoje) e, conseqüentemente, pelo caráter elitista do público que, tal qual os profissionais da área, consideravam a novela como uma produção cultural de menor legitimidade artística. O segundo período, de 1970 a 1989, é definido pela expansão televisiva no Brasil onde as novelas se tornaram principal produto da nova emissora dominante, a Rede Globo. O último período, iniciado em 1990, é marcado pela diversificação na programação, com o aumento de consumo de televisões, TVs por assinatura e outras formas

de reprodução de filmes, séries, novelas, documentários, no qual se inclui desde a compra de aparelho de vídeo cassete até compartilhamento de contas em sites e aplicativos especializados como a Netflix.

Dito isso, chegamos a configuração atual da TV e da novela no Brasil, que ainda é um produto cultural de grande cobertura nacional, em especial as destinadas à faixa de horário das 9 horas da noite na Rede Globo. Mesmo que a audiência tenha diminuído ao longo dos anos com o aumento da competição e das alternativas já mencionadas e a concorrência crescente das outras emissoras, as novelas das 9 horas na Globo continuam, na grande maioria do tempo, sendo líder em público.

A inserção da televisão dentro dos lares e estabelecimentos brasileiros é de extrema relevância para refletir o alcance tanto das telenovelas quanto dos seus anúncios. É somente por meio desse largo alcance e na conseqüente relevância que ela possui na construção de hábitos, moda, linguajar e outras manifestações culturais que as novelas são capazes de dialogar com quem não as assiste diretamente.

1.2 Novelas, publicidade e qualificação do telespectador

A publicidade é o que sustenta financeiramente a TV aberta. A programação é o principal produto da emissora, sendo a novela o mais notável deles, portanto, o objetivo central da telenovela dentro da emissora é que ela assegure a audiência do telespectador para os anúncios comerciais que acontecem no seu intervalo (MARCONDES, 1986, p. 64). A novela cria uma pequena tensão antes de cada “plim plim” e a desfaz rapidamente assim que volta. Ela não vende o produto em si, mas, sim, o comercial. Sendo assim, o merchandising dentro da novela, inserido na trama, é a própria fusão desse objetivo com o processo criativo por trás do enredo, núcleo e personagens.

Porém, não é apenas a quantidade de pessoas que assistem ao programa, para vender espaço publicitário, a emissora deve garantir que quem assiste ao programa tem poder aquisitivo e possibilidade de consumo, o que implica fazer parte de uma certa classe social com um determinado capital cultural. Conseqüentemente, a programação deve ter o refinamento necessário para atrair esse público e valorizar seu espaço publicitário. (ALMEIDA, 2001, p. 85) A fórmula para o sucesso do retorno financeiro de qualquer programa, então, está em “popularidade, qualificação de audiência e prestígio”. (ALMEIDA, 2001, p. 87) O mesmo vale para a novela.

O horário nobre da Rede Globo, que exibe a novela das 21 horas, é o tempo mais caro da TV brasileira, pois dispõe das características valorizadas pelos anunciantes. Além disso, a novela possibilita a inserção do merchandising que consiste na demonstração de um produto dentro da própria novela junto de determinados personagens. Segundo os publicitários na pesquisa da Heloísa Almeida (2001), essa é uma forma excelente de gerar e influenciar hábitos e comportamento. A própria colocação do anúncio nesse horário na novela determina prestígio pra marca em questão. (ALMEIDA, 2001, p. 91)

Segundo Everardo Rocha (1995), a publicidade é uma espécie de magia que cria seu próprio cenário idealizado e, portanto, o anúncio, além de mostrar o produto, mostra uma carência do mundo real. Ele pretende atingir o máximo de pessoas possíveis e fazer muito mais do que apenas aumentar a venda de um produto, a propaganda quer influenciar hábitos e educar.

“Assim, a publicidade retrata, através dos símbolos que manipula, uma série de representações sociais sacralizando momentos do cotidiano. (...) O discurso publicitário fala sobre o mundo, sua ideologia é uma forma básica de controle, categoriza e ordena o universo. Hierarquiza e classifica produtos e grupos sociais. Faz do consumo um projeto de vida.” (ROCHA, 1995, p. 26)

A publicidade é, então, um mecanismo de reprodução da distinção de classes e estilos de vida e está, em grande parte, intimamente ligada as produções de TV e, principalmente, as novelas e sua composição.

Sendo assim, os mecanismos e a influência da publicidade sobre as produções culturais da televisão, a própria construção da telenovela e sua linguagem, a hierarquização de classes sociais a partir de categorias nativas unanimemente aceitas por esses dois universos (publicitário e televisivo) e, por último, a visão do telespectador como um consumidor em potencial; nos levam ao objetivo central da TV aberta: o consumo em si.

1.3 A novela como influenciadora de hábitos de consumo

A novela é considerada um espaço de reprodução, criação e influência de hábitos e comportamento, capaz de mudar a atitude de compra dos indivíduos. Ela é também um produto destinado às mulheres, como foi explicado nos parágrafos anteriores, e assim os anunciantes consideram esse mais um ponto positivo, já que as maiores consumidoras seriam as mulheres.

O prestígio da novela encontra-se na qualidade (ainda que modesta em comparação ao discurso de outras produções como teatro e cinema) cultural.

Esse discurso sobre o aspecto comercial da novela é necessário para chegarmos a um dos pontos da pesquisa em questão, a novela está inserida numa sociedade de consumo, sendo o próprio consumo seu objetivo, parte central do seu enredo e o que possibilita sua continuidade. Sua importância no mundo publicitário influencia na sua composição, representações e símbolos. Porém, nada disso determina seus efeitos quando esta é transmitida para o público.

“Acessíveis no interior do espaço doméstico, as novelas dirigem-se a todos os telespectadores da mesma maneira. Se determinados segmentos do público não podem desfrutar do consumo de bens exibidos nas novelas, eles aprendem que produtos estão disponíveis, para que servem e como deveriam ser usados, um conhecimento que entendem como necessário para sua inclusão na sociedade. Ao utilizar os recursos disponíveis, telespectadores de menor poder aquisitivo procuram reconstruir o universo representado em suas vidas. E nessa busca, o mundo do espetáculo aparece como uma via de realização social-profissional possível.” (HAMBURGER, 2005, p. 83)

Ou seja, o consumo é parte central da apreensão da novela e seus componentes, desde quando esse estabelece um distanciamento como nos discursos encontrados na *Leitura Social da Novela das Oito* de Ondina Fachel Leal (1983), quando as mulheres decoram suas casas com utensílios domésticos que seriam “coisa moderna” como um liquidificador ou como em “*Muito mais coisas*”: *telenovela, consumo e gênero* da Heloísa Almeida (2001), onde propagandas de carros são inseridas no horário em que há uma audiência que não pode consumir tais carros, pois o desejo das pessoas acompanhado da impossibilidade de possuí-lo agregam valor a marca e ao objeto, ou o reconhecimento de objetos familiares, identificação e o reconhecimento de uma realidade possível próxima aquela mostrada na TV.

A conclusão que chego a partir dessa primeira reflexão a respeito da novela e seu histórico, sua audiência, seu aspecto comercial e seu direcionamento é de que ela é planejada pensando em proporcionar identificação e, conseqüentemente, criar vínculo com a maior quantidade de pessoas possível, priorizando, obviamente, aqueles que são considerados melhores consumidores em potencial. Entretanto, as categorias, já mencionadas, da Rede Globo e dos publicitários quanto a audiência não apreendem a realidade da relação entre público e novela.

Sendo assim, a novela é um produto cultural posicionado dentro de uma estrutura de classe que, no entanto, não se legitima dentro de nenhuma delas, ou seja, os indivíduos que compõem essas classes não reconhecem as telenovelas como algo destinado para si e seus semelhantes. Porém, ao mesmo, as novelas não se ausentam da realidade dessas classes e se mostra substancialmente “eficaz” nos seus objetivos traçados nos mais diversos discursos, desde o publicitário, o autor ou a emissora. Esses assuntos serão melhor explorados no capítulo a seguir.

1.4 Quem assiste a novela? Uma análise das categorias de audiência

O termo “audiência” trata justamente de uma generalização que busca homogeneizar as pessoas que assistem televisão, dividindo-as em categorias que pouco correspondem ao público heterogêneo e suas particularidades e tem como objetivo facilitar o trabalho das emissoras. Por esse motivo, “audiência” é um termo da indústria televisiva que considera legítima suas classificações e, assim, como Heloísa Almeida (2015), o utilizarei como uma categoria nativa.

A audiência é um dos pontos centrais de uma telenovela. É ela que deve ser conquistada e satisfeita, assim como também é ela que sustenta as emissoras e suas produções. Sendo assim, é de extrema importância que se saiba e compreenda quem assiste a novela. Para isso, as emissoras utilizam informações e conjuntos que determinam os perfis de seus telespectadores. De acordo com Heloísa Almeida (2015), sobre os dados de audiência:

“A construção da audiência é o processo que transforma pessoas que assistem à televisão em audiência, números, porcentagens, perfis, donas de casa com ou sem filhos, homens e mulheres de determinada classe social e faixa etária. Esses dados são vistos como “a realidade” por quem mais se utiliza deles, como ferramentas para o trabalho de planejamento das emissoras e dos anunciantes. Apesar de terem se tornado mapas sobre a realidade empírica, os índices existem para que esses profissionais consigam ver a totalidade de um sujeito social quase invisível: o conjunto dos espetadores de TV, “escondidos” em seus espaços domésticos.”

Inicialmente, as pesquisas eram feitas considerando apenas renda e poder aquisitivo como critérios de pertencimento às classes, porém, esse era um parâmetro confuso, já que trabalhadores informais e crianças e adolescentes que não possuem renda acabavam deturpando

a classificação da audiência. (ALMEIDA, 2015, p. 29) Como resultado, mudou-se para a classificação de classe por meio da propriedade de determinados bens, que explicarei a seguir. Além disso, a partir dos anos 70, a classificação começou a levar em consideração a escolaridade do chefe da família, a fim de se aproximar cada vez mais da realidade do perfil do telespectador brasileiro e hoje em dia, até mesmo o aspecto cultural é valorizado quando são traçados os perfis de audiência. (HAMBURGER, 2005, p. 52) Sempre com o objetivo de definir o poder aquisitivo e a disposição para consumo de cada classe tendo em vista o caráter comercial da novela. Atualmente, o potencial de consumo é um termo nativo responsável por definir as principais categorias de classificação da audiência, ele significa a disposição do telespectador para consumir. Ou seja, a divisão da audiência em classes está principalmente relacionada ao seu potencial de consumo. Essa capacidade de consumir, por sua vez, é medida a partir da posse de bens do domicílio, como dito anteriormente. (ALMEIDA, 2015, p. 29 – 30)

Esses critérios de classificação de classes são constantemente revisados e reajustados para se adequar a realidade nacional, entretanto, e nisso consiste nossa hipótese de pesquisa, eles pecam ao homogeneizar públicos tão distintos que possuem maneiras particulares de assistir e interpretar a novela e a televisão no geral.

A programação da Rede Globo consiste basicamente em novelas e jornais, sendo as novelas seu principal produto. Exportadas para todos os continentes e premiadas internacionalmente, as produções de telenovela da emissora asseguram a grande quantidade de patrocinadores e anunciantes nos comerciais. Há divergências quanto a origem e as razões de sua ascensão e o seu valor político e social. A novela é, portanto, um grande objeto de discussão e pesquisa no Brasil e no mundo. Segundo Esther Hamburger (2005), a qualidade da novela brasileira e seu sucesso com os telespectadores, provavelmente, se devem aos critérios questionáveis de divisão de classes para definir a audiência e público alvo da novela, como foi comentado nos parágrafos anteriores, o que acabou por nivelar seu conteúdo “por cima”, ou seja, a divisão de classe utilizada pelas emissoras atualmente, infla a classe A e diminui a desigualdade social, o que faz com que audiência da novela pareça ter mais pessoas pertencentes a classe A e que seu conteúdo, portanto, seja pautado em classes mais altas do que aquelas que de fato assistem a telenovela. A consequência é um produto com mais qualidade do que aqueles que geralmente são destinados a classe que realmente assiste a novela.

O público da telenovela, quando analisado do ponto de vista das emissoras, é dividido principalmente em classe, como dito anteriormente, e gênero. Assim, elas são capazes de levantar sua audiência de uma maneira que elas consideram mais fiel e se adequar tanto aos seus valores éticos e morais, como as suas expectativas gerais com relação aos personagens e

enredo. Também pela valorização e respeito a moral e ética dos telespectadores, a Rede Globo na construção de suas telenovelas, mantém a instituição familiar como o ponto central de suas histórias, não levantando questões acerca de modelos de maternidade, por exemplo, que são amplamente aceitos e difundidos. (HAMBURGER, 2005, p. 49 – 50) Para tal fim, a Rede Globo adota a ideologia de que os seus telespectadores interpretam ativamente o que assistem e não apenas o recebem.

Desse modo, a Rede Globo trabalha com “tipos ideais” de grupos de audiência. (HAMBURGER, 2005, p. 50) Por meio de índices de audiência é possível estabelecer um perfil médio do público de cada horário da televisão, levando em consideração idade, gênero e classe. Grosseiramente, a mulher acaba sendo atrelada às novelas e o homem ao noticiário, fato de extrema relevância para compor a relação do gênero masculino com a novela, pois, apesar de não serem o “público alvo”, é importante trazer o máximo de telespectadores possível. Assim, com o jornal antes da novela, o homem pode assistir as notícias e “emendar” até a novela sem ter que assumir que a telenovela faz parte do seu universo ou que ela se destina a ele também.

As mulheres são, portanto, o grupo mais visado quando se trata de telenovelas, principalmente a mulher dona de casa e, mais recentemente, a mulher da classe C. Isso porque a novela busca estabelecer uma relação de fidelidade com seus telespectadores, ou seja, pessoas que possam consumir as telenovelas de forma frequente e a dona de casa da classe C seria o perfil mais disposto a criar esse vínculo. (HAMBURGER, 2005, p. 50) Apesar de todas as problemáticas quando pensamos e dividimos a audiência em classes, no geral consideramos que a classe A possui capital financeiro, cultural e escolar para priorizar eventos culturais de maior prestígio e legitimidade em detrimento da novela e por isso não se fideliza ao seu conteúdo.

A separação de classes também é importante para que a novela reproduza, proporcionalmente, personagens de todas essas camadas (HAMBURGER, 2005, p. 80), buscando uma identificação e aproximação com a realidade e com a sua audiência. É por meio dessa tentativa de criar empatia com os personagens, que a emissora acredita ser um dos fatores responsáveis pelo sucesso dessas produções, que a novela seria capaz de vender produtos e serviços, conseqüentemente, concretizaria seu valor comercial que é o que sustenta tanto a sua produção quanto a própria emissora.

Entretanto, nenhum desses perfis é eficaz em representar a real composição de classes da sociedade brasileira. Mesmo que o conceito de classe seja problemático e os parâmetros

sejam constantemente revisados, a literatura² referente ao índice de audiência da televisão, mais especificamente da telenovela, é praticamente unânime quando falam do errôneo inchaço da classe A, causado pelos critérios confusos, e a conseqüente diminuição da desigualdade social brasileira, dado que, obviamente, não reflete a realidade.

Sendo assim, a classe C passa a ser a mais visada, pois seria o maior montante da população, ao mesmo tempo que tem uma boa disposição para comprar. Há divergência na literatura³ a respeito da origem do foco da emissora na classe C, não se sabe se foi devido ao plano real ou a possibilidade de longos parcelamentos que o hábito de consumo dessa classe foi estimulado. O que se sabe é que o potencial de consumo da classe C aumentou e fez com que ela ganhasse destaque nas categorias de audiência.

Parte da problemática dessa classificação também se encontra no fato de que “mulheres da classe C” não contemplam uma grande parcela do público que assiste a novela (os homens, por exemplo, são uma parte significativa dos telespectadores e mesmo algumas escalas que não foram tratadas nesse texto são questionáveis como idade e inserção no mercado de trabalho).

E, finalmente, outro problema que gostaria de destacar é que nenhum desses índices contabiliza a população rural, o que não impede essa população de se identificar ou se distanciar da novela e se reconheça como parte integrante de uma modernização em andamento e uma sociedade de consumo, como mostra a pesquisa de Heloísa Buarque de Almeida em “*Muito mais coisas*”: *telenovela, consumo e gênero* (2001), realizada numa sociedade rural, ou seja:

“A pesquisa de mercado ignorou os segmentos considerados excluídos do mercado de consumo. Mas a televisão e as novelas, em especial, veicularam imagens e conhecimento prático sobre os mais variados produtos e assuntos para um público amplo que inclui os segmentos não considerados pela pesquisa.” (HAMBURGER, 2005, p. 82)

² Aqui quando digo “literatura”, me refiro as principais obras que compõem esse trabalho e que são amplamente usadas como referências para tantas outras produções na mesma área e que abordam o mesmo tema. Essas obras são O Brasil Antenado de Esther Hamburger (2005), Muito Mais Coisas: Telenovela, Consumo e Gênero de Heloísa Buarque de Almeida (2001) e, por fim, A Leitura Social da Novela das Oito de Ondina Fachel Leal (1983)

³ Novamente me refiro as obras que compõem esse trabalho e que são usadas como referências para tantas outras produções na mesma área e que abordam o mesmo tema; O Brasil Antenado de Esther Hamburger (2005), Muito Mais Coisas: Telenovela, Consumo e Gênero de Heloísa Buarque de Almeida (2001) e, por fim, A Leitura Social da Novela das Oito de Ondina Fachel Leal (1983)

Tudo isso dito, mesmo que a novela seja direcionada principalmente as classes C (por todas as razões mencionadas) e a classe A (pelo alto poder aquisitivo), as classificações que delimitam essas classes são muito confusas e não compatíveis com a realidade, como foi dito anteriormente a partir da análise de Esther Hamburger em *O Brasil Antenado* (2005). Não cabe a essa pesquisa traçar um paralelo afim de verificar essas afirmativas, pois trata-se de assunto que exige ser abordado com profundidade, já que estão em jogo tantas classificações diferentes e a própria noção de classe e hierarquias sociais; por isso, aceitarei a análise dessas divisões (ditas confusas) de classe vinda das pesquisadoras utilizadas na construção dessa tese. Ainda assim, mesmo sem os dados necessários para conferir e comparar as divisões de classe na audiência e as divisões de classe na realidade nacional, é possível perceber, como foi explicitado nos parágrafos acima, a inevitabilidade de que haja alguma confusão já que vários segmentos da audiência são menosprezados, por exemplo.

Apesar disso, o sucesso dos anunciantes se mantém, o que nos ajuda a reforçar a ideia trazida por Esther Hamburger (2005) de que a produção se nivelar “por cima” seria uma característica relevante na formulação do seu sucesso. O fato é que nem sempre os publicitários e anunciantes conhecem seus consumidores, como quando afirmam durante as entrevistas realizada por Heloísa Almeida (2001), que pessoas negras não seriam consideradas como consumidores em potencial, tanto quanto pessoas brancas. Ao mesmo tempo, o espaço publicitário na televisão, principalmente nos comerciais das telenovelas, não deve ser para um anúncio que se destina a um público específico, a esse tipo de propaganda é preferível revistas especializadas, por exemplo, justamente pela variedade de sua audiência. Sendo assim, juntando o fator do sucesso das propagandas e a amplitude de um anúncio veiculado na TV, a questão da divisão de classe e representatividade não parece ser fortemente fiscalizada pelos anunciantes.

Diante de toda essa confusão sobre o que seria a classe A ou a C, o mercado publicitário, por volta dos anos 90, começa a focar no que seria a “classe AB”, uma classe média que representa um mercado ativo e que não necessariamente está entre os extremos da classe A e C, mas que se caracterizam como indivíduos urbanos com potencial de consumo (ALMEIDA, 2015, p. 29). Essa nova audiência que se destacou no universo publicitário é, no entanto, pouco definida, com características genéricas e não é propriamente delimitada na classificação das emissoras.

Então, a quem, de fato, a novela está atingindo? Qual é o público que recebe esses estímulos de consumo e estilo de vida e que se identifica com os personagens e com as histórias contadas?

“Os números sugerem que uma determinada porcentagem de pessoas do país está assistindo a determinado programa; no entanto, não captam a heterogeneidade da realidade empírica, já que assistir à televisão é uma atividade complexa, pode ser feita de forma distraída, crítica e fragmentária, em meio a outras atividades.” (ALMEIDA, 2015, p. 28)

Minha hipótese é de que essa divisão confusa de classe pode interferir na recepção das telenovelas e, portanto, esse processo não ocorre exatamente como as emissoras planejam. Afinal, ao inflar certas classes e diminuir a desigualdade social, a telenovela não está representando a realidade da sua audiência, assim como os anunciantes não estão necessariamente comprando um espaço totalmente compatível com seus principais consumidores.

Em resumo, as nuances da vida particular e a heterogeneidade de classes que são vistas e tratadas como homogêneas faz com que fatores relevantes de identificação e distanciamento sejam ignorados e que o poder aquisitivo e a disposição para o consumo sejam superestimados. As novelas também abusam e repetem estereótipos de gênero e classe na composição dos seus personagens, como, por exemplo, o “pobre, honesto e trabalhador” e tantos outros. Além de apresentar situações não muito comuns no mundo real: ascensão social frequente, representações de amor romântico como desfecho e espaços comuns de classe A e C (sociais, de trabalho, etc).

É necessário refletir a questão da representatividade e a familiaridade e estrutura do enredo das novelas para, então, perceber como esses elementos se relacionam com os telespectadores que foram tratados de forma homogênea pela indústria. Minha hipótese é que é preciso questionar a eficácia dessa representação e do seu almejado efeito de identificação como pensado pela emissora. Acredito que a relação de público e programa acontece de forma muito mais complexa e subjetiva e que o próprio discurso da Rede Globo acerca da estrutura de classes da novela faz parte do jogo de símbolos, interpretações, identificação e distanciamento.

1.5 Método

Para examinar a heterogeneidade da recepção das novelas, utilizarei o que, no campo, se chama de “etnografia de recepção”, nos moldes da etnografia de Ondina Fachel Leal em *A Leitura Social da Novela das Oito* (1983). O método consiste em acompanhar a maneira como

as pessoas recebem e interpretam uma produção como a novela. Ou seja, estar presente no espaço onde elas assistem a televisão e analisar aquele momento, estabelecer diálogos, participar do ritual que envolve acompanhar uma programação. Nesse caso, significa adentrar a casa das pessoas, pois a novela pertence principalmente ao domínio do espaço doméstico.

2 BOURDIEU: A RELAÇÃO ENTRE ARTE, CAPITAIS E GOSTOS

Até aqui elaboramos e destacamos pontos que tornam a telenovela um produto tão relevante no cotidiano do brasileiro, como sua construção (ou legitimação) de valores, hábitos e preferências de consumo, sua abrangência em diversas “classes” de audiência, seu estimado valor comercial. Em seguida, criticamos e ressignificamos alguns desses critérios utilizados principalmente pelas emissoras e anunciantes que compõem a divisão de camadas sociais que exploramos no capítulo anterior. Agora inicio esse capítulo me propondo a analisar a recepção da novela a partir de um recorte de classes, porém, pretendo buscar novas categorias a partir de conceitos que analisaremos nesse capítulo como gosto e capital escolar. A opção por trabalhar com um recorte de classes, mesmo sendo problemático, é devido a essa ser a principal categoria utilizada pelas emissoras e anunciantes para definir sua audiência e também por ser um recorte bastante familiar na literatura⁴ que trata sobre recepção de novela. Para tanto, vou utilizar principalmente do trabalho de Bourdieu relacionando com a literatura⁵ acerca do tema das telenovelas.

O interesse de utilizar das análises de Bourdieu para o assunto da recepção de telenovelas deve-se a seus estudos com relação a indústria cultural e aquilo que pode ser considerado arte (televisão, moda, fotografia, etc.), mas, principalmente, tem a ver com as suas categorias de “gosto” e de obras legítimas (ou não) que estão atreladas a categorias de distinção entre classes e a forma como as pessoas recebem, interpretam e reagem a certos tipos de produções culturais. Dessa forma, guiaremos nossas reflexões acerca dos usos sociais da recepção da novela e suas particularidades dentro dessa diferenciação hierárquica sob a qual se organiza o sistema de camadas sociais. O que a princípio pode parecer uma produção cultural de gosto estritamente popular, devido a todas as características que exploraremos ao longo desse capítulo, acaba se mostrando um produto que desperta o olhar ingênuo típico da estética popular em classes não propriamente populares (fato esse que é bastante perceptível tanto nessa pesquisa quanto na de Ondina Leal (1983)) porém, ao mesmo tempo, cria símbolos de distinção próprios da sua recepção, ou seja, são categorias de distinção provenientes do seu uso social e que habitam no ato de assistir e reagir a telenovela. Durante a pesquisa de campo, observarei

⁴ Idem.

⁵ Novamente, aqui, quando digo “literatura”, me refiro as principais obras que compõem esse trabalho e que são amplamente usadas como referências para tantas outras produções na mesma área e que abordam o mesmo tema. Essas obras são O Brasil Antenado de Esther Hamburger (2005), Muito Mais Coisas: Telenovela, Consumo e Gênero de Heloísa Buarque de Almeida (2001) e, por fim, A Leitura Social da Novela das Oito de Ondina Fachel Leal (1983)

como esse jogo de distinção ocorre. Além disso, a partir da pesquisa de Bourdieu e suas ponderações, poderemos refletir as próprias categorias de classe, partindo agora de sistemas que envolvem capitais escolares e culturais, gostos, usos sociais de um determinado produto e não mais as categorias estabelecidas pelas emissoras e anunciantes que atualmente se norteiam pela posse de determinados bens e que já problematizamos no capítulo anterior. Bourdieu também é um autor muito familiar dentro da literatura acerca das telenovelas em diversas áreas como antropologia e comunicação e, portanto, mais uma vez, estou utilizando dessa bibliografia precedente como referência nas escolhas teóricas da minha pesquisa.

Sendo assim, o objetivo de Bourdieu nessa pesquisa é embasar nossas análises da recepção da novela, nos permitindo destacar seus usos sociais e como atua a recepção do público para criar seus símbolos de distinção (afinal, todos assistimos novela, mas é a maneira como assistimos que nos diferencia), e, também, compreender sua dualidade interpretativa ao adentrar em diversas camadas sociais ao mesmo tempo que não pertence a nenhuma delas. Ou seja, partiremos da análise de Bourdieu sobre outras produções culturais e a própria indústria cultural para traçar um paralelo com a novela e criar nosso próprio recorte de pesquisa.

2.1 Categorias de gosto e usos sociais

Daremos início com uma breve análise das categorias de gosto de Bourdieu, suas características e como elas atuam de forma distintiva, são essas categorias e suas principais características que influenciarão nossas reflexões e nos farão perceber o caráter singular da telenovela quando comparada a outras produções culturais. E, em seguida, poderemos compreender como os gostos estão presentes (ou ausentes) na recepção e interpretação de uma telenovela.

Segundo Bourdieu, o gosto se separa em três categorias, o “gosto legítimo” que é aquele de preferência pelas obras consideradas de mais prestígio cultural, o “gosto médio” que não é ainda o preponderante nas classes populares, porém, não é tão “intelectual” quanto o gosto legítimo e, por fim, o “gosto popular” que “varia em razão inversa ao capital escolar”, sendo caracterizada sobretudo pelo caráter dramático, ideológico e a identificação entre pessoa e personagem, principalmente na análise de Bourdieu quanto a interpretação do público em relação ao teatro. (BOURDIEU, 2007, p. 21) Baseado nessas ideias e transferindo-as para essa produção derivada do teatro televisionado, a telenovela, percebo que é preciso entender o que estabelece a associação entre capital escolar e consumo cultural para que os dados relativos a sua recepção não sejam apenas dados que não nos dizem nada analiticamente, ou seja, estamos

buscando o uso social da novela e como esse acontece de forma a criar uma distinção de classe, baseado em critérios de gosto e capital escolar e cultural. Para isso, é necessário compreender os antagonismos, presente na relação entre as classes ou no interior de uma mesma, e a partir dos conceitos de Bourdieu, perceber como se determina a relação com as obras do domínio legítimo, interpretando seus usos sociais, “legítimos” ou “ilegítimos” (BOURDIEU, 2007, p. 23). Para, somente então, deslocar esse conhecimento, essas relações e essas categorias para a análise da recepção de telenovelas que é uma produção cultural tão abrangente no contexto nacional.

Como foi introduzido nos parágrafos anteriores, o gosto, a preferência e a relação das classes com objetos e produtos são símbolos de distinção entre elas. A aversão e a oposição a estilos de vida estabelecem barreiras que separam indivíduos conforme seu capital escolar, cultural ou origem social. Ou seja, a separação e a hierarquização do gosto em “legítimo” e “popular” é uma ferramenta social de dominação daqueles que detêm maior capital escolar, pois eleva, valoriza e diferencia o seu gosto com relação ao que é popular.

De acordo com Bourdieu, para elaborarmos uma pesquisa relativa a esses temas de distinção e hierarquia social, também é necessário:

“Explicitar completamente as significações múltiplas e contraditórias que, em determinado momento, estas obras assumem para o conjunto dos agentes sociais e, principalmente, para as categorias de indivíduos que se distinguem ou se opõem por seu intermédio.” (2007, p. 24)

Ou seja, o uso social de um determinado produto, que pode ser bastante variado, é associado a interpretação dele pelas pessoas e às formas como ele é inserido dentro de um contexto social e essas facetas do uso social de um produto são caracterizadas e delineadas a partir das categorias de gosto, é o que determina a distinção entre as pessoas e suas classes que o consome ou utilizam. Nosso objetivo é, portanto, determinar essas categorias e a oposição entre essas classes a partir do estudo da recepção da telenovela.

Ainda sobre a análise da significação social de cada produto, essa seria uma parte importante da construção da minha pesquisa com relação as telenovelas, pois, como dito de forma breve no parágrafo acima, os produtos são submetidos a diversos usos sociais que podem ser camuflados pela aparente homogeneidade deles. (BOURDIEU, 2007, p. 25) Por exemplo:

“(…) “arroz”, ele dissimula o “arroz doce” ou o “arroz refogado com gordura”, preferencialmente, populares; o “risoto ao curry”, de preferência, “burguês” ou, de modo mais preciso, “intelectual; sem falar do “arroz integral” que, por si só, evoca um verdadeiro estilo de vida.” (BOURDIEU, 2007, p. 26)

O uso social das coisas está atrelado as noções de estética e de gosto, afinal, segundo Bourdieu, são essas categorias interpretativas que atuam na distinção entre classes e são consequentes da posse dos capitais já mencionados. Sendo assim, para prosseguir com o nosso paralelo entre Bourdieu e telenovelas, destaco o conceito de estética popular que é acompanhada pelo chamado “olhar ingênuo” (que se opõem a estética erudita e seu olhar teoricamente “puro” e a “neutralização e distanciamento que o discurso burguês supõe e opera sobre o mundo social”) (BOURDIEU, 2007, p. 47) que consiste na apreciação de uma obra como continuidade da vida, provocando o envolvimento emocional entre público, enredo e personagem. Ou seja, a apreciação de uma obra como continuidade da vida e o envolvimento emocional são característicos de um público de baixo capital escolar. (BOURDIEU, 2007, p. 35 – 36)

Entre as formas de produção cultural que o capital escolar, cultural e tantos outros poderiam se relacionar, está a novela. Partindo do conceito de gosto e estética popular (levando em consideração suas principais características no que diz respeito a relação entre público e produção cultural) e de acordo com a minha percepção, é possível que, ao traçar esse paralelo entre usos sociais, gostos e telenovela, esta última estaria mais próxima dos domínios mais livres, ou seja, da estética popular. Segundo a pesquisa de Esther Hamburger contida em *O Brasil Antenado* (2005), a novela teve origem como uma variação das *soap operas* americanas (gênero televisivo de grande apelo dramático), teatro (dando origem ao teleteatro que precedeu o sucesso das telenovelas) e programas seriados de rádio de onde, inclusive, vieram a maioria dos seus primeiros profissionais. Logo em sua origem era considerada uma produção de menor valor cultural tanto por quem assistia quanto por quem a produzia. Apesar de ter tido um período em que foi destinada a uma população de alta renda, segundo Esther Hamburger, a telenovela buscou ampliar seus domínios, ou seja, buscou tornar-se mais popular. (HAMBURGER, 2005, p. 27-31)

Em sua análise, Bourdieu destaca a produção do teatro, uma arte que pode ser tanto legítima quanto popular dependendo das expectativas do público e seus valores. (2007, p. 24) O teatro precede a novela, como havia explicitado anteriormente, e destaco a principal diferença que, ao meu ver, é o objetivo comercial da telenovela. (MARCONDES, 1986, p. 64). Porém,

apesar dos pontos que se assemelham, como o fato de ambas serem portadoras de uma mensagem social, terem uma narrativa, dependerem da atuação de profissionais semelhantes como atores, diretores e roteiristas e, principalmente, de uma produção ser antecessora da outra, o teatro ainda está inserido no domínio legítimo enquanto que a novela não. A junção de todos esses fatores me levam a questionar o espaço da novela dentro de uma estrutura de classes, ou seja, onde, dentro dessa hierarquia de camadas sociais, a novela é um produto cultural de relevância, a que classe ela pertence e de que maneira ela se constitui como uma ferramenta de distinção. Afinal, apesar de sua proximidade com a estética popular, ela ainda está presente em todas as outras classes, sendo assistida, consumida e interpretada e, muitas vezes, é até atribuída ao universo das classes altas pelas próprias pessoas que a recebem em seus lares, como foi relatado anteriormente em referência a pesquisa de Esther Hamburger em *O Brasil Antenado* (2005) e que ainda exploraremos ao longo dessa pesquisa de recepção.

2.2 O paradoxo interpretativo da novela dentro de uma categoria de gostos

Apesar do caráter dramático, ideológico e a busca por identificação entre pessoa e personagem característico da estética popular (BOURDIEU, 2007, p. 35), não acredito que a telenovela se limite ao gosto e estética popular. Novamente, para Esther Hamburger (2005), a novela é o “programa de ninguém”, enquanto que a “patroa” que segundo a lógica de Bourdieu seria portadora do “gosto legítimo” ou “médio”, acredita ser um programa da sua empregada doméstica, a doméstica, gosto popular, acredita que a novela é um programa do universo da sua patroa e nesse vácuo de propriedade do programa, ascende o sucesso da telenovela. (HAMBURGER, 2005, p. 83) Entretanto, apesar de ser “domínio de ninguém”, o reconhecimento da produção cultural como pertencente ao domínio legítimo (ou o “rebaixamento” a um domínio mais livre) está associado ao capital escolar e, portanto, restrito ao grupo que o possui. (BOURDIEU, 2007, p. 83) A partir disso, comecei a questionar-me qual discurso (daqueles que possuem o maior ou menor capital escolar) legítima (se é que o faz) o espaço da novela na sociedade.

Ainda sobre o espaço da novela nas categorias distintivas de gosto, relembro a afirmação de Bourdieu quanto ao chamado “olhar ingênuo” característico da estética popular e termo discriminatório entre os gostos, e, assim, um fator que rebaixa hierarquicamente a produção cultural e a audiência que o exercem. Entretanto, através da pesquisa etnográfica do já citado *A Leitura Social da Novela das Oito* (LEAL, 1983), tanto a classe detentora de maior capital escolar quanto a menor, se tratando de telenovela, teriam o olhar ingênuo que se deixa levar

pelo enredo e personagens e que causam identificação, apesar da tentativa de distanciamento na narrativa daqueles que tem preferência pela arte legítima.

Quando Bourdieu discorre quanto aos vários usos e interpretações sociais de um mesmo produto, entendo que o mesmo pode ocorrer com a telenovela, onde a aparente homogeneidade de uma mesma produção (já que é o mesmo produto que chega na casa das pessoas), que é a novela em si, recebe reinterpretções variadas. A forma de assisti-la e a disposição dos móveis em relação a televisão dentro de uma casa interferem no uso social que ela recebe, como é descrito no trabalho de Ondina Fachel Leal, *A Leitura Social da Novela das Oito*. (1983). Dessa mesma forma, ainda que explanado de maneira demasiadamente sucinta por esse parágrafo, pretendo elaborar a minha pesquisa, atenta ao uso social e as particularidades da recepção da telenovela em campo.

A classificação da novela e sua associação ao capital escolar e cultural pode demonstrar seu caráter distintivo e como, conseqüentemente, seu consumo é socialmente determinado, assim como os efeitos possíveis do seu consumo. Porém, acredito que o produto por si só não é capaz de nos fornecer todas essas informações. Assim como Bourdieu diz que o consumo do arroz não é área comum entre as classes, ou seja, “não existem produtos naturais ou fabricados que se adaptem, por igual, a todos os usos sociais possíveis.” (2007, p. 26), eu acredito que o mesmo ocorre com a novela. A questão está, portanto, na forma como a novela é assistida e consumida e a distinção entre as classes está na disposição e reação desse ritual.

Portanto, creio que a relação de identificação e distanciamento que a novela e sua recepção causam nos telespectadores são, talvez, o principal aspecto que determina o discurso e a forma como elas são consumidas nos mais diversos segmentos da sociedade. Ou seja, seu caráter distintivo habitaria na sua recepção. E, por sua vez, sua recepção estaria ligada a identificação e a negação que a novela proporciona. Por fim, todas essas coisas, como veremos mais pra frente, se relaciona com os capitais escolares e culturais.

Aqui percebo uma das questões mais interessantes dessa pesquisa que é a de assimilar como o público organiza a negação da novela ao mesmo tempo que a engloba em sua vivência. Ou seja, aquilo que Esther Hamburger (2005) apresenta em seu livro e que também é possível verificar nos discursos da *Leitura Social da Novela das Oito* (1983) e que já mencionei: o fenômeno da “novela de ninguém” ao mesmo tempo que ela é de todos, pois trata-se de um sucesso de audiência em prestígio comercial, qualidade e quantidade, portanto, ela não pode ser, de fato, um produto alheio ao mundo das pessoas de todas as classes. Junto a esse fato ainda somamos o, já comentando, “olhar ingênuo” que adentra todas essas camadas sociais.

Estamos, portanto, diante de vários paradoxos interpretativos da recepção da telenovela, a partir das categorias de Bourdieu, o olhar ingênuo que permeia diversas classes e a “novela de ninguém”. No entanto, a novela é capaz de abarcar em si todas essas incongruências e continuar sendo, como foi dito, um produto amplamente consumido e valorizado comercialmente.

2.3 A questão de classes

Como nos propomos no início desse capítulo, devemos, também, analisar as categorias de classe que utilizaremos no decorrer da minha pesquisa. Já problematizamos diversas categorias utilizadas pelas emissoras e sua superficialidade, assim como a grande variedade das escalas que elas compartilham com os anunciantes, devido as revisões constantes dessas divisões. O fato é que a novela é muito abrangente e apesar de ter um público alvo, ela alcança um perfil muito variado de pessoas, mesmo com a tentativa constante de criar uma audiência qualificada, com algum tipo de prestígio, isto é, não se trata apenas de números, mas do potencial de consumo, como vimos no capítulo anterior a partir da análise de Heloísa Almeida (2001).

Quando me comprometi a escrever esse trabalho utilizando um recorte de classes surgiu a problemática de como deveria ser feito tal recorte, afinal, temos uma ideia proveniente de senso comum do que seria uma família ideal de classe A, uma família ideal de classe C ou D, uma família da zona rural, ou uma família do meio urbano. Porém, esse senso comum não é suficiente para que possamos delimitar nosso recorte de classes. Na pesquisa de Heloísa Almeida (2001), que se passou numa cidade da zona rural com pessoas de uma classe (a princípio) popular, ela presenciou uma família de professores que mantinha uma relação completamente diferente com TV daquela que era vista na casa dos seus vizinhos. Ali a relevância da televisão era diminuída pelo pai, que só a adquiriu por causa dos filhos, mesmo assim esses tinham horários restritos em que podiam assisti-la. Essa família em questão possuía um capital escolar diferente dos demais, apesar de possuírem tanto (ou menos) bens.

A questão da estética e gosto popular, a partir de Bourdieu, também não é suficiente para criarmos nosso recorte de classes, afinal, como destacamos diversas vezes ao longo desse capítulo, o olhar ingênuo, característico do gosto popular, permeia diversas classes e, portanto, a distinção não reside nesse olhar por si só. Entretanto, há um fenômeno partindo do tal olhar ingênuo que foi percebido nas etnografias das autoras Ondina Leal (1983) e Heloísa Almeida

(2001) utilizadas para compor minha pesquisa, que é bastante interessante e utilizarei como um tipo de suporte ao nosso recorte de classes.

Que o olhar ingênuo permeia todas as classes, isso nós já sabemos, mas a maneira como ele ocorre é bastante curiosa. Usando como referência, novamente, a pesquisa de Ondina Leal (1983), a identificação entre pessoa e personagem ocorre de formas variadas e, às vezes, opostas, entre as mulheres da classe dominante (que poderíamos considerar como aquelas da classe A) e as da classe popular (que seria a classe C). Enquanto que as mulheres de classe A se identificam com a protagonista⁶ que busca aventura e amor verdadeiro, as mulheres da classe C ou D, não compreendem esta personagem e afirmam que um bom casamento é aquele onde o marido sustenta financeiramente a casa e que esses delírios de amor verdadeiro e paixão é “frescura”. O que pretendo dizer com tudo isso é que as trajetórias e valores referentes as classes são particulares e que, portanto, o olhar ingênuo atua de forma diferenciada dentro das camadas sociais.

Somando-se a essa análise do olhar ingênuo e a variedade de identificação possível entre pessoa e personagem, proponho o que seria a forma principal de divisão e elaboração do nosso recorte de classes. Retornando e pegando como exemplo a história da família na etnografia de Heloísa Almeida (2001), creio que o capital cultural e escolar, como foi elaborado por Bourdieu, é a melhor opção para tecer nosso recorte de classes. Assim, poderemos levar em conta não apenas a posse de certos bens, mas, sim, aspectos sociais que trabalham de forma distintas entre classes e que, tendo como referência os já citados trabalhos utilizados na composição teórica da minha pesquisa, parecem de fato interferir na relação e na recepção entre público e telenovela.

Afinal, o capital escolar e cultural atuam na composição do gosto e da elaboração do olhar ingênuo (da maneira que exemplificamos acima) e, fora a limitada classificação das emissoras que levam em consideração principalmente a questão de bens e renda, estão associados a conceitos de intelectualidade e erudição que se relacionam de forma íntima com a indústria cultural.

2.4 Bourdieu, classes e capitais na elaboração da pesquisa e do campo

⁶ Aqui nos referimos sobre a personagem Raquel da novela Sol de Verão que foi aquela utilizada na pesquisa de Ondina Leal (1983).

Enfim, considerando que a novela faz parte de uma sociedade de consumo, distinção e classe e a partir dessas bases teóricas juntamente com a pesquisa de campo que virá a seguir, buscarei entender qual o domínio e o local da novela numa estrutura de classes por meio dos discursos dos informantes e da percepção da distinção ritualística presente no consumo dessa produção cultural, desde a organização do espaço, até a narrativa que as pessoas elaboram sobre sua relação com a novela, ou seja, por meio da compreensão da distanciação e identificação dos telespectadores com a novela e seu enredo por meio da representatividade, principalmente da representatividade de classe.

A própria publicidade deve ser considerada na resposta a essas questões e na interpretação dessas relações, pois é ela (no caso, os anunciantes) que compram sua principal mercadoria que é sua audiência. Por isso, tudo que é produzido e pensado na emissora é com o objetivo principal de trazer publicidade e vender o tempo de seus telespectadores a frente da TV. É o aspecto comercial que permeia a novela que a torna viável como produção cultural. Assim como a publicidade e outras mídias também atuam na promoção da telenovela por meio de anúncios com seus protagonistas em comerciais e por meio de capas de revistas, etc.

Sendo assim, o objetivo estaria em perceber a recepção de diferentes classes diante de uma mesma telenovela, ou seja, a distinção no uso social presente no consumo da novela, porém, como explicarei no próximo capítulo, não foi possível estabelecer uma pesquisa de campo contendo tanto classe A quanto C, como explanarei mais pra frente, meu planejamento envolvia selecionar famílias que, instintivamente por meio do senso comum e do que sabemos das classificações de audiência das emissoras e anunciantes, seriam consideradas pertencente as tais classes e que, mais pra frente, após minhas idas a campo, eu poderia reorganizar essas famílias de acordo com o recorte proposto a partir da análise e categorias de Bourdieu. Porém, sem o campo que havia idealizado, a pesquisa acabou por se desenrolar para análise das nuances de uma mesma classe: a classe média, como veremos nos próximos capítulos. E posteriormente, pude refletir as particularidades e características presentes em cada uma das casas que estive a partir dos conceitos de capital cultural e escolar.

A impossibilidade de realizar meu trabalho com os grupos que comumente compõem esse tipo de pesquisa de recepção (classes dominantes e populares, ou seja, os extremos) acabou por me levar por um caminho desconhecido da literatura sobre novelas. Assim como tive de trabalhar com a classe média por conta de desvios no meu campo, também não pude estudar a recepção de uma novela em si e acabei escolhendo uma minissérie, cujo formato possui diferenças significativas com relação ao enredo tradicional de uma telenovela. Essas duas mudanças foram tão significativas que serão exploradas separadamente nos próximos capítulos.

Por fim, todas as questões envolvendo a legitimidade desse produto e o pertencimento dele a uma categoria de classe hierárquica ainda estão presentes nos dados do campo, mesmo quando não as comparamos diretamente com outras camadas da sociedade. Acontece que a classe média, como classificada pelas emissoras e anunciantes, comumente percebida como um estrato homogêneo (até mesmo pela telenovela e seus autores quando constroem seus personagens e núcleos dentro da telenovela e muito provavelmente pelos anunciantes) é composta por famílias, casas e pessoas bastante heterogêneas que buscam significados diferentes dentro da televisão e sua programação, trazendo para dentro do seu domínio ou rejeitando completamente as telenovelas, ou seja, a classe média tem seu próprio uso social da telenovela.

3 EXPECTATIVA X REALIDADE

O planejamento inicial para a pesquisa de campo desse trabalho envolvia a seleção de dois grupos de pessoas, um grupo de lares considerados “classe A ou B”, segundo a classificação da Globo e um grupo de lares considerados “classe C ou D”, também segundo a classificação da Globo. A ideia era examinar como que estas famílias reagem à novela, levando em consideração os conceitos de capital de Bourdieu em *A Distinção* (2007).

Entretanto, as possibilidades de campo não se apresentaram como o esperado. Apesar de ter me preparado para eventualidades, creio ser impossível estar completamente prevenida e muito menos ser capaz de controlar todos os desvios que o campo provoca, e, até então, eu não havia cogitado a possibilidade de não conseguir reunir o grupo de pessoas dentro do perfil que havia planejado para a pesquisa. A princípio, o que me deixou frustrada, acabou se tornando parte das questões que permearam meus pensamentos após a conclusão das saídas de campo.

Achei pertinente introduzir algumas palavras sobre esse problema que considero central, pois ele interfere diretamente nos rumos que a análise proposta para esse trabalho tomará. Sendo assim, o meu campo passou a ser formado por pessoas que representam uma camada média da população, ou seja, não são parte da elite como também não fazem parte do outro extremo. E apesar disso, os lares apresentam grande diferenças entre si, formando um grupo bastante heterogêneo.

3.1 A heterogeneidade da classe média

A aparente homogeneidade da classe média decorrente da ideia de que todos esses lares pertencem a uma mesma camada da sociedade em contraste com a heterogeneidade dos seus hábitos, estilos de vida e formação da família, se tornou um dado relevante e, posteriormente, o dado central em torno do qual tecerei minhas análises.

Como as elaborações de personagens e núcleos nas novelas são nivelados “por cima”, o que acontece é que, na classificação da emissora, as classes mais altas são inchadas e, assim, a desigualdade social é abrandada, dando a impressão de que o público que consome a novela possui mais “prestígio” (no sentido comercial da palavra) e mais capital cultural do que aquele que, de fato, consome a novela; conseqüentemente, quase nunca percebemos uma representação realmente proporcional e compatível com a realidade dentro dos seus enredos. Logo, as representações das camadas médias da sociedade também ficam comprometidas.

As telenovelas também abusam de estereótipos, tanto de ricos, quanto de pobres e assim não poderia deixar de ser também com as representações da classe média que não variam e permanecem homogênea. O ponto é de que a novela não abarca a diversidade que permeia essa classe, porém, permanece um sucesso de audiência, uma influenciadora de moda, comportamento e consumo no geral. O que nos leva ao questionamento de como essa classe repleta de particularidades e tão heterogênea está interpretando e assimilando o que vem das telenovelas, mesmo que indiretamente.

A camada média, que possui um poder aquisitivo e um capital cultural que interessa aos anunciantes que sustentam novela e emissora, é uma audiência cobiçada pelos canais de TV. Assim, como dito no capítulo anterior, ela também está proporcionalmente representada nos personagens e enredos das telenovelas. Entretanto, falando de uma camada tão heterogênea, até onde essas representações de classe dentro da televisão são suficientes (se é que são suficientes de alguma forma) para criar uma identificação e aproximação com o público?

Essa classe repleta de particularidades, rejeita ou se considera pertencente dessa produção cultural? Afinal, segundo tanto a pesquisa de Ondina Fachel Leal (1983) quanto a de Hamburger (2005), a novela é sempre o produto do domínio do “outro”, como vimos no capítulo anterior, principalmente quando se tratando de classe e símbolos hierárquicos de gênero, classe e idade, como bem ilustra Hamburger em *O Brasil Antenado*:

“Inspirados nessa negativa radical [de que a atividade de assistir novela seja prestigiosa, como foi no passado], telespectadores sentem-se ambivalentes e preferem indicar outros como telespectadores privilegiados. Homens apontam mulheres. Mulheres de classe média e meia-idade definem parentes mais velhas e/ou mais novas e empregadas domésticas como o núcleo dos telespectadores de novela. Quando telespectadores expressam sua preocupação sobre o possível impacto negativo do que eles definem como histórias “imorais” e “maliciosas”, frequentemente definem mulheres e principalmente crianças e adolescentes como vítimas em potencial. Como o telespectador principal é sempre o outro, a novela emerge desse jogo como programa de todos e de ninguém.” (2005, p. 81)

Dessa forma, uma das questões é como a classe média se relaciona com as telenovelas e seu caráter ambíguo de permear todas as classes, gêneros, idades, religiões, mas não ser reconhecidamente de nenhuma dessas categorias e identidades, sendo sempre atribuída ao “outro”. Isto é, enquanto que a novela segue sendo um dos programas mais assistidos pelos

brasileiros de todas as classes, ela também carrega o estigma de produção cultural menos legítima. Onde, então, a novela conseguiu ser bem sucedida e estabeleceu esse diálogo com a realidade do seu telespectador?

Durantes minhas idas a campo, foi possível perceber a linha das narrativas que se iniciavam dentro da minissérie e seguiam até a vida do telespectador, como quando eu e Bia, de 22 anos, engatamos em uma conversa sobre um personagem que andava sempre armado. Nós não entendíamos como ninguém tinha reagido àquilo porque parecia absurdo do nosso ponto de vista. Entretanto, Luísa, que tem 56 anos e é mãe da Bia, nos contou que isso era normal no interior (apesar da minissérie não se passar no interior, e sim em Recife), principalmente no nordeste, que o pai do seu filho estava sempre armado e que, inclusive, ele tinha a marca da arma na cintura e que até mesmo quando iam dormir, ele colocava a arma em cima do criado mudo e que isso a incomodava imensamente, pois Luísa considerava aquilo completamente desnecessário, não havia esse perigo eminente ao ponto de ter que dormir com a arma ao lado da cama e, além disso, essa prática poderia trazer perigo para eles.

Nesse instante, meu primeiro impulso foi questionar se aquela minissérie ou aquela atitude daquele personagem em específico dialogava com a minha realidade e, tendo em vista todo o meu incomodo com o personagem armado que todos ignoravam, automaticamente transferei a minissérie para o domínio do “outro”, o “outro” mais velho habituado a realidade de pessoas armadas no seu dia a dia ou o “outro” que morou em outra região onde talvez isso fosse mais comum, e, então, caí no próprio clichê de estar assistindo a minissérie e, ao mesmo tempo, estar expulsando-a do meu domínio, como se eu não fizesse parte da audiência, mesmo que estivesse ali assistindo e participando daquele momento com diversas família, inclusive com a minha própria como demonstrarei mais para frente.

Portanto, foi a partir dessa percepção inicial com relação ao grupo com que realizei a pesquisa que eu delineei muitos dos meus questionamentos e até mesmo minha postura em campo, deixei de focar essencialmente em questões de classe para abrir minhas possibilidades a outras particularidades e, conseqüentemente, outras possibilidades de identificação e distanciamento entre telespectador e novela que se apresentaram durante as saídas de campo.

Apesar dessa abertura ter sido causada por medo de fracasso ao perceber que a realidade do campo não correspondia as minhas expectativas, ela, mesmo assim, foi muito proveitosa. Aspectos como religião, escolaridade, composição familiar e trajetória de vida ganharam novos destaques, não que houvessem sido negligenciados na minha primeira formulação de pesquisa, mas a ausência de uma distinção de classe marcante me fez contemplar a heterogeneidade de uma mesma camada da sociedade.

Sendo assim, comecei a questionar qual seria o local da novela dentro da camada média.

3.2. A não escolha de uma novela das 9

O primeiro passo, antes mesmo de ir atrás das famílias que assistem novela, foi selecionar qual novela eu iria compartilhar com essas pessoas. A programação da Globo é repleta de telenovelas, cada uma delas com um público alvo, mas a minha preferência era pela novela das 21 horas, pois essas são as que possuem a maior audiência (mesmo quando estão com pouco público, elas ainda são líderes de audiência no seu horário), é onde se encontra o maior prestígio da emissora com os melhores atores (não necessariamente os mais talentosos, grande parte da publicidade das novelas é feita em cima do quão bonito são esses profissionais, principalmente, “galãs” e “mocinhas”) e os espaços de anúncio mais caros.

Um dos fatores que contribuem para o sucesso dessa faixa de horário é o próprio horário em que a telenovela é exibida. Às 21 horas é comum que as pessoas estejam em casa após um dia rotineiro de trabalho ou estudos, ou seja, ao contrário das outras faixas de horário de novela da Rede Globo que muitas vezes são assistidas por parte da família, já que nem todos se encontram presentes, a das 9 conta com a maioria dos residentes disponíveis para aquele ritual naquele horário. Inclusive, por meio da análise de Ondina em *A Leitura Social da Novela das Oito* (1983) e dos dados levantados posteriormente por Esther Harmburger em *O Brasil Antenado* (2005), percebemos a grande quantidade de homens que também consomem novelas, estima-se até 40%,⁷ segundo os publicitários entrevistados por Heloísa, os homens aproveitam que a novela passa logo após ao Jornal Nacional para “emendar” seu tempo no sofá e acabam assistindo-as e acompanhando suas histórias (ALMEIDA, 2001, p. 88). Assistir a essas telenovelas pode ser, portanto, um ritual familiar, quando a maioria dos membros do lar costumam estar em casa.

Claro que nada disso garante ou implica necessariamente que as famílias só assistam a esse horário de novela juntas ou, ainda, que as pessoas da residência estão dispostas a assistir alguma novela e muito menos que a família assista, necessariamente, a Rede Globo.

Além disso, a telenovela das 21 horas da Rede Globo é reconhecidamente um dos produtos culturais de maior valor comercial na TV aberta brasileira. (ALMEIDA, 2001, p. 90). Ela não apenas supera outros programas em quantidade de público, mas também em

⁷ Dados divulgados pela Rede Globo e analisado por Renato Ortiz em *Telenovela: História e Produção*, 1988 (apud. HAMBURGER, 2001, p. 64)

“qualidade” de público. Heloísa Buarque de Almeida (2001) traça esse paralelo comparativo entre a novela do “horário nobre” (21 horas) e os programas da emissora do SBT por meio de entrevistas com profissionais da área de publicidade. Enquanto que o programa do Ratinho possui um grande volume de público, esse não é considerado “qualificado”, pois trata-se de um público com baixa escolaridade e poder aquisitivo. Em contrapartida, a novela da Globo assegura uma audiência mais qualificada, ou seja, maior poder de consumo e escolaridade. Por todas essas questões de relevância social, cultural e econômica, até mesmo as produções acadêmicas sobre novelas brasileiras são direcionadas majoritariamente para a novela das 21 horas. Portanto, a novela das 21 horas me pareceu a escolha óbvia. Novamente a expectativa se chocou com a realidade e acabei abrindo mão do horário nobre. Durante a realização dessa pesquisa, a novela que ocupava essa faixa de horário era “Velho Chico”. Com uma rápida pesquisa nos portais de notícia, nas redes sociais e por meio de conversas informais, era possível perceber que a novela não ia “bem das pernas” e que sua audiência era muito abaixo do esperado. Eu mesma, que até então não havia me atentado para o fato de que a qualquer momento teria que ir a campo e realizar essa pesquisa, não assisti a um capítulo sequer. Pode ser que para alguns, essa condição traria o estranhamento necessário para estudar esse ritual tão presente na realidade dos brasileiros que é assistir a novela das 9, mas, para mim, desconhecer completamente o enredo e os personagens me limitaria na compreensão dos comentários que poderiam ser feitos durante minhas visitas e também nas conversas que teríamos antes e depois do capítulo, mesmo que as conversas fossem apenas para descontrair. Além disso, estar completamente alienada com relação a novela seria uma barreira para fazer parte do ritual que envolvia justamente estar “por dentro” e acompanhar a novela. Dessa forma, decidi descartar a novela “Velho Chico”. Se não fosse para estudar uma novela das 9 de “sucesso” (dentro dos parâmetros da própria emissora e de parte do público), eu preferia me arriscar em outras faixas de horário.

Ao mesmo tempo em que fiz essas reflexões, a Rede Globo começou a anunciar uma nova minissérie que ocuparia a faixa das 23 horas, “Justiça”. Nesse instante vi uma oportunidade de utilizar um produto novo e que me permitiria acompanhar começo, meio e fim com as famílias envolvidas na pesquisa. Novamente por meio das redes sociais, portais de notícia e boca a boca, notei uma empolgação com a nova minissérie das 11 e, quem sabe, um público proporcionalmente maior que o de “Velho Chico”.

A faixa das 23 horas dedicada a novelas e minisséries já existe na Rede Globo há algum tempo, mas não é contínua como as demais. Ela apresenta um conteúdo mais “pesado” (como palavras, cenas fortes de violência ou sexo, uso de drogas lícitas e ilícitas ou polêmicas que

desafiam a moral dos seus telespectadores) e, aparentemente, mais elaborado. As produções exibidas são sempre mais curtas, mesmo quando se trata de novelas e não minisséries.

Mesmo “Justiça” sendo uma minissérie, ela ainda poderia se relacionar com uma biografia sobre novelas e me pareceu uma opção melhor naquele momento. Uma observação curiosa que fiz por meio da checagem de algumas datas e audiências foi a de que a faixa das 23 horas costuma ter um desempenho proporcionalmente melhor quando a faixa das 21 horas não está com a audiência esperada. Digo “proporcionalmente”, porque mesmo que qualquer outra faixa de horário de novelas seja considerada um sucesso de público e a das 21 horas seja um fracasso, a das 9 ainda terá uma audiência superior as demais.

A minissérie “Justiça” se passava em Recife (diferente do habitual Rio de Janeiro e São Paulo do horário nobre; a faixa das 23 horas possui uma variedade maior com relação ao cenário e as regiões em que são gravadas suas produções) e tinha um formato incomum tanto para novelas quanto para minisséries. A história era dividida entre 4 protagonistas com enredos distintos e simultâneos, sendo que cada dia da semana nós acompanhávamos um deles. Por exemplo, quando assistíamos ao personagem Vicente (um dos protagonistas) em uma segunda-feira, só veríamos a continuação da sua história na próxima segunda. E ao longo dos capítulos, suas histórias se cruzavam e interferiam umas nas outras.

Um dos pontos comuns entre todos os protagonistas e que serve como início de sua trajetória, é que todos são presos, por motivos distintos, na mesma noite e libertados 10 anos depois. Cada um dos protagonistas enfrenta questões morais profundas. Alguns dos crimes cometidos são questionáveis e compreensíveis enquanto que outros são brutais, passionais e desencadeiam ódio e vingança. A vingança também é elemento recorrente nas histórias. Mesmo quando não está atrelada diretamente ao crime do personagem principal, a vingança é o sentimento que amarra e desenrola o enredo.

A minissérie era exibida as Segundas, Terças, Quintas e Sextas-feiras, do dia 22 de Agosto a 23 de Setembro de 2016 na Rede Globo, teve 20 capítulos e, segundo a imprensa, foi sucesso de audiência nessa faixa de horário, principalmente no Nordeste, onde a minissérie foi produzida. Enfim, escolhida a novela (minissérie), busquei as famílias que participariam da pesquisa. É o que veremos a seguir.

3.3. Os Noveleiros

Conhecer as pessoas que compõem meu grupo de pesquisa é essencial para podermos compreender toda a questão da heterogeneidade presente nessa camada social e,

principalmente, nesses lares tão diversos em que eu pude adentrar e acompanhar algumas horas da rotina e, assim, perceber sua relação com a novela a partir dessa diversidade. Ou seja, várias casas diferentes significam várias realidades diferentes e, conseqüentemente, vários sentidos diferentes para a minissérie.

Conforme compunha o grupo de casas que visitaria durante a exibição da minissérie Justiça, fui percebendo que, se por um lado todos eles poderiam ser classificados numa mesma classe, por outro apresentavam uma variedade enorme de organização familiar, de hábitos e, muitas vezes, de valores. A questão que começou a surgir nesse momento foi de como trabalharia com um grupo tão diverso que pareciam pertencer a uma mesma categoria social de classes (classe média) e que, portanto, pouco contrastavam em questão de classe. As análises começaram a surgir, portanto, nesse momento enquanto elaborava minhas visitas e todas essas informações comentadas acima se tornaram dados relevantes e reveladores de como essas pessoas interpretavam a minissérie.

As formas como eu cheguei a cada uma das famílias envolvidas foram variadas, mas todas tinham um certo grau de intimidade e proximidade no meu grupo social. Alguns se voluntariaram quando souberam da minha pesquisa, outros vieram por meio de indicação de pessoas próximas, sempre com aquele comentário de que “Fulano é noveleiro! Fala com ele!” e outros foram por meio das redes sociais, eu perguntei quem iria assistir à minissérie “Justiça”; e depois, se poderia realizar a pesquisa na casa deles.

O termo noveleiro me chamou a atenção. Ela assume múltiplos significados. Para quem acredita que está assistindo a novela de forma crítica ou sem se deixar levar pelas manipulações da Globo e dos seus anunciantes, a palavra “noveleira” ganha um sentido irônico. Para quem não considera as novelas como uma produção cultural legítima, “noveleiro” é pejorativo, mas de forma descontraída e engraçada. E para quem é fiel a novela sem essas ressalvas de legitimidade, “noveleiro” faz parte da sua identidade. O termo não era tão frequente no campo, e geralmente ele aparecia quando estávamos conversando sobre o “outro” que assiste novela, o que apenas confirma a ideia de que a novela sempre pertence ao domínio do outro. Em todo caso, esse termo pairava sob o ambiente e aquelas pessoas. Mesmo que não fosse essa a palavra em si utilizada, as personalidades e a relação dos indivíduos com a TV eram traçadas em proximidade ou em oposição com aquilo que ser “noveleiro” representa. Logo, assim como Bourdieu exemplifica o uso social do arroz (2007, p. 26), o vocábulo “noveleiro” tem diversos usos sociais que exprimem uma distinção.

Podemos traçar um paralelo entre as palavras “noveleiro” e “cinéfilo. Enquanto que para se distinguir dos “reais noveleiros” (o outro) é possível usar o termo de forma irônica ou negá-

lo, os cinéfilos (associados ao cinema, uma arte mais legítima) assumem sua identidade sem quaisquer constrangimentos; mesmo que “noveleiro” e novelas sejam mais comum e familiar na nossa rotina e no nosso vocabulário, ainda que indiretamente. “Noveleiro” é um termo amplamente conhecido e presente no vocabulário brasileiro que, não por acaso, tem uma relação muito íntima com as novelas. Até mesmo a Rede Globo possui uma linha de produtos com o nome “Noveleiros” que traz os personagens mais emblemáticos da emissora em produtos diversos como canecas e cadernos.⁸

Enfim, reuni famílias de lugares diferentes do Distrito Federal com formações familiares bem distintas e hábitos particulares. Encontrei até mesmo quem não assistisse a minissérie, apesar de ter aceito participar da pesquisa. Enunciarei a seguir as famílias que visitei, como e onde eram suas residências e também sua relação inicial com a minissérie e as telenovelas.

3.3.1 Casa de Pedro

Como dito anteriormente, meu grupo era formado por famílias da camada média da sociedade, muito heterogêneas entre si. A primeira delas era a família de Pedro, um amigo íntimo meu que por acompanhar minha trajetória dentro da universidade, acabou me sugerindo que assistisse a minissérie na sua casa. Segundo ele, sua mãe, Sandra, sempre acompanhava essa minissérie, embora ele mesmo não fizesse parte desse ritual. Eles são uma família de cinco pessoas. A mãe é professora de educação física, na época desempregada e vendendo pão de mel por encomenda e o pai é advogado de um banco, eles têm três filhos com 22, 19 e 13 anos. Os dois mais velhos estão na faculdade, um cursando Ciência da Computação e o outro, Ciências Sociais. O mais novo está no primeiro ano do ensino médio.

Comecei indo a casa de Pedro às segundas-feiras, mas logo mudei para as quintas por causa de cancelamento das visitas em outras casas por motivos diversos, como imprevistos e compromissos. Ao chegar lá, eu sempre entrava na casa pela cozinha, que tem uma TV e onde Sandra costumava estar assistindo a novela das 9 que ela confessou não entender muito bem, pois é muito confusa. Durante minha primeira visita, ela também me contou que agora com a Smart TV ela pode assistir o que de fato gosta, como vídeos no *youtube*, ao invés de passar o dia todo ouvindo a Globo. Nesse momento, já foi possível perceber algumas relações dessa família com a televisão e, principalmente, com as produções da Globo, Ela, portanto, classifica a Globo como uma distração e não como um produto cultural de valor legítimo. De qualquer

⁸ Disponível em: < <http://www.loja.globo/novelas/noveleiros.html>>, Julho/2017

forma, entre televisão do quarto e televisão da cozinha, acabamos indo para a sala onde, segundo eles, seria mais confortável para assistir a minissérie.

Enquanto assistíamos a minissérie, Sandra sempre identificava atores, músicas e bandas que eu desconhecia, mostrando um domínio da cultura popular que não era comum nas demais casas em que estive. Me chamava a atenção também que suas referências eram sempre de filmes de cinema, festivais, vídeos da internet, mas quase nunca de outras novelas. Além disso, ela é muito atenta aos encontros das histórias dentro da minissérie e ao cenários e casas (que ela considera muito bonitos), reparando em detalhes que eu não percebia. Ela também prestava bastante atenção para as cenas que envolvem cigarros. Apesar de a minissérie apresentar consumo excessivo de álcool e o uso de algumas drogas como maconha, para Sandra o cigarro chamou a atenção justamente por ser incomum dentro da TV atualmente. Ela ficou extremamente incomodada porque a personagem fumava dentro do quarto do bebê e, segundo ela, isso era um absurdo, inaceitável.

A impressão que tenho é a de que as pessoas dessa casa se distanciam bastante do universo da novela, apesar de consumi-la. Inclusive, todos eles, principalmente o Pedro, ironizaram o quão conveniente algumas situações são dentro das telenovelas e da minissérie, como se isso fosse uma falha de verossimilhança, algo que é, inclusive, muito valorizado dentro dessa casa ao assistir a Justiça. Como por exemplo, todos acham extremamente improvável e até cômico quando uma das personagens da minissérie abriga em sua casa um bandido motivada pelo sentimento de culpa. Esses momentos fazem com que a família questione a qualidade do roteiro, porém não os fazem abandonar a minissérie.

Nessa casa também era evidente que a única pessoa que dominava a história e acompanhava a novela das 9, era Luiz, pai de Pedro. Em um dos dias, Sandra estava no sofá assistindo Velho Chico e Luiz, seu marido, estava mexendo no computador. Mesmo de costas para a TV, ele parecia entender e acompanhar melhor a novela do que ela. Constantemente o casal interrompiam um ao outro para fazer perguntas sobre o enredo e personagens. Parece que eles tinham informações diferentes que se complementavam e foi engraçado de assistir eles tentando montar a história do capítulo. Pelo o que eu pude entender, eles até que acompanham a novela das 21 horas, mas não de forma assídua e nem compreendem suas reviravoltas de forma clara.

Quem mais se dedicava a minissérie era a própria Sandra, O outros acompanhavam perifericamente, ou alguns dias da semana, etc. E era perceptível como Sandra ficava impaciente quando os outros vinham perguntar sobre o que estava acontecendo na série. Aliás, esse comportamento de uma pessoa perguntando “Quem é fulano? O que fulano está fazendo?

” quando não acompanha diretamente a novela e a pessoa perguntada ficando impaciente, é bem comum em várias das casas. Afinal, se você quer saber o que acontece, basta assistir. Porém, as perguntas não se prolongam ou quando se prolongam, são muito específicas sobre alguma pequena coisa que ela perdeu, todo mundo tem alguma ideia do que está acontecendo nas novelas, mesmo que não a domine completamente. Darei continuidade a essa reflexão mais pra frente.

3.3.2 Casa de Andrea

Depois teve a casa da Andrea que se mostrava entusiasmada com a promoção da minissérie nas redes sociais e foi assim que cheguei até ela. Sua família era composta por ela, o marido, Igor, e dois gatos. Andrea é sete anos mais velha que Igor e, na época, era quem trabalhava fora como servidora pública e sustentava financeiramente o lar, enquanto que Igor era dono de casa e estudante de mestrado. Andrea é uma pessoa muito engajada politicamente, formada em direito e militante no movimento feminista. Durante uma de minhas visitas, ela relatou que presta assistência jurídica gratuita para mulheres que sofrem abuso e violência. Talvez venha daí sua empolgação com a minissérie, como ela já é uma noveleira por si só (que, inclusive, se identifica dessa forma), é de se esperar que ela ficasse de olho nas estreias da programação, mas a minissérie trouxe mais incentivos quando fez a propaganda de que iria tratar de temas como feminicídio, racismo, estupro e outros.

Eles moravam em um apartamento pequeno na Asa Norte, em comparação com as outras residências que eu visitei, mas muito bem mobiliado e com vários detalhes decorativos que lembravam que aquele era um lar de pessoas jovens com gatos. Entretanto, eles já planejavam se mudar para Palmas, cidade natal de Andrea e onde haviam se casado recentemente.

Apesar da empolgação dela, Igor era completamente alheio as novelas e minisséries que passavam na Globo, preferindo se dedicar a algum jogo no notebook durante todo o tempo que levava minhas visitas. No começo do namoro, mesma época em que estava sendo exibida Avenida Brasil, ele até estranhava quando Andrea desmarcava planos com ele para ficar em casa com os amigos assistindo algum capítulo importante. Ela tem até um autor favorito que é, inclusive, João Emmanuel Carneiro⁹. O reconhecimento de um autor de novelas, além dos atores que costumam protagonizar o horário das 21 horas, é incomum. Enquanto que os atores

⁹ Autor das novelas Desejos de Mulher (2002), Da Cor do Pecado (2004), Cobras & Lagartos (2006), A Favorita (2008), Cama de Gato (2009), Avenida Brasil (2012) e A Regra do Jogo (2015).

são amplamente conhecidos, como também ressalta Ondina Fachel (1983), mesmo quando as mulheres se referem a eles apenas pelos nomes de seus personagens. As atrizes e os atores têm suas vidas expostas em diversos meios de comunicação, enquanto que os autores e diretores não são tão prestigiados, não estampam capas de revistas que ficam em prateleiras próximas ao caixa do mercado e não protagonizam anúncios publicitários. Com relação ao reconhecimento de atores, diretores e demais profissionais envolvidos na produção de uma novela, é possível fazer um paralelo com a análise de Bourdieu em *A Distinção* (2007):

“O conhecimento do nome dos diretores de filmes está muito mais estreitamente associado ao capital cultural possuído que a simples frequência das salas de cinema. (...) é sobretudo em função do número de filmes assistido que varia, e fortemente o *conhecimento dos atores* que, à semelhança do conhecimento dos mais insignificantes acontecimentos da vida dos apresentadores e das apresentadoras de televisão, pressupõe uma disposição mais parecida àquela que exige a aquisição dos saberes habituais sobre as coisas e as pessoas da vida cotidiana e não tanto a disposição legítima; e, de fato, os nomes de atores mencionados pelos menos diplomados que vão, frequentemente, ao cinema coincidem, em número, como os nomes citados pelos mais diplomados dos cinéfilos. Ao contrário, se o conhecimento do nome dos diretores de filmes cresce, em nível igual de instrução, em função do número de fitas assistidas, a frequência regular das salas de cinema é insuficiente, neste domínio, para compensar a ausência de capital escolar.” (2007, p. 30 – 31)

Creio, portanto, que o discurso sobre delimitar suas novelas preferidas, não a partir dos atores costumeiros, do horário ou da temática, mas sim do autor, tem um caráter de distinção, afinal esse é um conhecimento que acredito estar atrelado a demonstração de posse de capital escolar e cultural. Mesmo se tratando de um produto popular, e tendo como referência novamente a pesquisa de Ondina Leal (1983), esse tipo de classificação ou reconhecimento, mesmo que esteja presente em todos aqueles que consomem novela, é a demonstração de um domínio além daqueles das capas de revista das filas dos caixas do mercado.

Apesar de dominar todo esse conhecimento sobre novelas e de se empolgar com várias delas, ela, como a maioria das pessoas envolvidas nessa pesquisa, não se impressionou com a atual novela das 21 horas, “Velho Chico”, mas se animou com a minissérie e até leu alguns textos na internet sobre “Justiça”.

Visitei a casa de Andrea especialmente na terça-feira, mesmo assim foi uma das casas em que menos estive e que mais desmarcou minhas visitas, geralmente porque Andrea estava cansada depois de um dia de trabalho. Às terças à noite, antes da estreia da minissérie, ela já tinha um ritual estabelecido, seus amigos iam até sua casa para fumar maconha, assistir ao MasterChef¹⁰ e pedir pizza sempre da mesma pizzaria que tinha uma promoção de pizza em dobro as terças-feiras. E apesar dos seus amigos não acompanharem a minissérie, ela manteve essa rotina e substituiu o Masterchef por Justiça. Com a casa cheia e o apartamento pequeno, a sala ganhava um novo arranjo com as cadeiras da mesa de jantar e com um colchão no chão.

3.3.3 Casa de Maria

Em seguida, havia a casa da Maria. Essa talvez seja a casa que mais difere das demais com relação a classe, e talvez se enquadre na classificação de “classe C” de acordo com os parâmetros da Rede Globo, afinal, há menos bens dispostos pela casa, menos espaço (apesar da casa de Andrea também não ser tão grande quanto as demais, ela é localizada em uma região nobre do Distrito Federal) e o lote não é de uso total de Maria, mesmo assim reconheço ainda Maria pertencente a classe média, principalmente levando em consideração sua instrução e vivência que, utilizando a ideia de Bourdieu como nos propomos no capítulo anterior, definem nosso recorte de classes nessa pesquisa. Ela também mora em um condomínio na Vicente Pires, assim como Pedro e sua família.

Maria tem mais de 50 anos, é viúva, morava em São Paulo e retornou para Brasília após a morte do marido. Ela era casada com um francês e, por isso, fala fluentemente a língua. Maria possui três filhos, o mais novo está atualmente num intercâmbio pela Europa e os mais velhos moram no mesmo lote que ela, mas em casas separadas com suas respectivas famílias. No total, são três casas dentro de um mesmo terreno. Ela vive da pensão do seu falecido marido. Sua casa é estreita com uma cozinha ligada a sala e uma TV que domina o espaço dos dois cômodos.

Cheguei até Maria por meio da minha mãe. Por ser próxima da família, sabíamos que ela acompanhava as novelas da Rede Globo e que era de certa forma fiel a programação. Nessas visitas, fui acompanhada dos meus pais que, por terem uma maior intimidade com Maria, deixavam o ambiente mais descontraído. Eles também interferiam fortemente no campo, todos dias, pedindo a Maria que se sentasse e assistisse a minissérie mesmo que contra sua vontade

¹⁰ Reality show competitivo de culinária exibido na Band sempre após a novela das 21 horas da Globo.

só para satisfazer a minha pesquisa. Maria tinha o hábito de ligar a TV e acompanhar a sua programação de forma periférica, sempre se dedicando a outra tarefa, o que não é incomum entre as pessoas que assistem as novelas, mas não era bem visto pelos meus pais que, por não entenderem a natureza da minha pesquisa, achavam que aquele hábito poderia me prejudicar de alguma forma. No final das contas, meus próprios pais, noveleiros, se tornaram relevantes durante a pesquisa de campo. Observar a forma como eles se relacionavam tanto com a minissérie quanto com o fazer antropológico tentando equilibrar essas duas mensagens foi interessante ao mesmo tempo que era complicado. Optei por não interferir nas interferências deles, deixei que eles confrontassem sua amiga e que ela respondesse de volta.

Durante minhas visitas, muitas vezes, haviam mais pessoas na casa de Maria, como irmãs ou os filhos. Muitas perguntas foram feitas para mim com relação ao enredo da minissérie. Eles julgavam que eu deveria ter todas as respostas sobre o assunto porque eu estava fazendo uma pesquisa. Esse ponto foi levantado várias e várias vezes, pois as demais pessoas, com exceção da Maria e minha mãe, estavam com dificuldade de acompanhar o enredo da minissérie que é diferente do de uma novela comum, principalmente na parte em que as histórias se cruzam.

Volta e meia, elas iniciavam uma discussão sobre o que seria a centralidade da história e quais eram os protagonistas e o que definia a união desses personagens e eventos, umas diziam que era a cena do atropelamento e Maria dizia apenas que “nada a ver”. Isso me pareceu muito semelhante com *A Leitura Social da Novela das Oito* da Ondina Fachel Leal (1983) onde as entrevistadas buscavam identificar o evento central e os protagonistas da novela e ao identificá-los, as mulheres das classes mais baixas concluíam que esses personagens protagonistas deveriam ter um final juntos como casal, já que eram os principais da novela, mesmo que suas histórias fossem completamente independentes uma da outra. Segundo Leal:

“Esta simplificação da história unindo dois personagens centrais, à revelia da própria trama, pode ser resultado de uma confusão pela não identificação do código tradicional com o qual estão familiarizados, e um dos elementos desse código é unir os atores e personagens centrais entre si.” (1983, p. 117)

Traçando um paralelo entre essas duas situações: a da minha própria pesquisa e a de Ondina Leal, creio que essa fórmula comum da novela, com protagonistas e eventos relevantes bem marcados e delineados com desfechos comuns, seja parte importante da assimilação desse tipo de produto pelo público. A questão da familiaridade é essencial, não pela incapacidade em

assimilar novos produtos (afinal, tanto Maria como suas irmãs consomem outras produções culturais, como séries na Netflix), mas porque é isso que se espera de uma novela da Rede Globo e quando o enredo familiar não se apresenta, há uma busca constante por identifica-lo.

Em outros momentos, houve debates e questionamentos sobre a possibilidade das histórias da minissérie estarem interligadas. E elas estavam. Mas nenhuma das pessoas presentes (Mari e suas irmãs), fora Maria, identificava isso. Aparentemente, na visão delas, para que todas as histórias estivessem, de fato, interligadas, os personagens deveriam todos se conhecer e participar ativamente da história um do outro. Mais uma vez, essa ideia pareceu muito semelhante com o modelo de uma novela comum, onde o espaço de convivência entre os personagens de todas as classes e gêneros é comum e eles interferem diretamente na vida um do outro, enquanto que a minissérie optou por uma situação um pouco mais sutil onde os encontros dos personagens são construídos ao longo dos capítulos, nunca juntando todos os seus protagonistas de uma vez em um só evento e muitas vezes de forma meio tímida. Nessa casa, a história da minissérie chamava a atenção dos presentes em momentos pontuais e não de forma contínua.

O que percebi é que todas as mulheres presentes estavam muito familiarizadas com os códigos de uma novela comum, entretanto, o produto ali era uma minissérie com a proposta de ser inovadora de alguma forma. Isso gerou alguns problemas na compreensão, vários deles relacionados ao fato de que a minissérie não estava se encaminhando conforme as regras da novela e isso parecia ser, de certa forma, frustrante, cansativo e até ilógico; afinal, em nenhum momento elas desistiram de buscar em “Justiça” os eventos comuns de uma novela.

Com o passar das visitas, notei que, apesar da fidelização de Maria a faixa de horário das 21 horas e seu gosto por novelas, ela não acompanhava a minissérie e gostava mais de nos receber em sua casa do que de fato assistir a minissérie. Não era apenas mais uma demonstração daquele hábito de acompanhar a minissérie periféricamente enquanto se dedica a outras tarefas, na verdade, ela nem chegava a ligar a TV naquele canal e naquele horário quando não estávamos na sua casa. Inclusive, nenhuma das pessoas que também estiveram presentes durante minhas idas, continuaram assistindo a minissérie. Talvez por serem pessoas que possuíam menos capital escolar e cultural, a minissérie não dialogava com elas, como na pesquisa de Ondina Fachel Leal (1983), esse perfil de mulheres talvez prefira a familiaridade dos códigos e enredos das novelas das 9, como demonstrado anteriormente.

Isso levantou muitas questões sobre continuar ou não minhas visitas em sua casa. Certamente Maria era noveleira, mas não uma noveleira de minissérie. Acabei decidindo substituir essa casa por alguma que realmente tivesse interesse na série Justiça, mas Maria pediu

que eu retomasse as visitas e assim o fiz. Como eu já estava lá e não havia muito o que ser feito, decidi comer biscoitos, bater papo e assistir a minissérie. Só depois de relaxar pude perceber todas as informações relevantes que haviam ali, mesmo que não estivessem diretamente relacionadas a “Justiça”.

Ela não tinha o hábito de assistir a atual novela das 9 e, quando o fazia, era a contragosto e insatisfeita. Então, ela me contou o problema com a novela: Quando vieram as primeiras propagandas anunciando “Velho Chico”, ela achou que seria uma novela bonita com belas paisagens, mas, segundo ela, a novela acabou se mostrando “feia” com muita violência e ambientada no sertão. Na opinião de Maria, o mundo em si já é muito feio, por isso, quando você liga a televisão para assistir a uma novela, você quer ver algo bonito para aliviar tudo isso. A novela Velho Chico era bem política e interiorana, tratando sobre coronéis e disputas de poder, logo ela não era “leve” e “bonita” como Maria esperava.

Esse comentário me chamou muita atenção e lembrou Bourdieu (2007) e a questão do gosto e da função da arte para a classe popular, onde, por exemplo com relação à fotografia, é preferível a representação de coisas agradáveis aos olhos.

“Em resumo, segundo parece, a obra só é plenamente justificada, seja qual for a perfeição com a qual desempenha sua função de representação, se a coisa representada tiver merecido tal representação e se a função de representação estiver subordinada a uma função mais elevada, como a de exaltar, fixando-a, uma realidade digna de ser eternizada” (BOURDIEU, 2007, p. 45)

Tudo isso me levou a refletir que por esses conceitos, a minissérie também não devia ser “bonita”, talvez isso justifique a falta de interesse dela em “Justiça” e, quem sabe, seja esse tipo de “qualificação” de público que eles, emissora e anunciantes, buscavam.

3.3.4 Casa de Bia

Por último, havia a casa de Bia, no Gama. Cheguei até elas por meio da rede social de Bia, *Twitter*, onde ela demonstrava ansiedade pela minissérie, principalmente devido ao histórico de novelas ruins que a Globo estava lançando recentemente.

A casa de Bia tinha um muro alto e bem fechado que não permitia ver sua casa da rua, ao entrar havia uma ampla garagem e o seu cachorro que era muito animado e carinhoso. Sua casa era espaçosa, assim como a sala onde o móvel central, como em todas as outras casas, era

TV. Na sua casa moravam apenas ela e sua mãe, Luísa e Bia me relatou que assistir novelas, séries e minisséries da Globo foi um jeito que ela encontrou de passar tempo com a mãe, é algo que faziam juntas, mas que justamente pela falta de novelas e minisséries que elas considerassem boas, já não faziam mais há algum tempo e Bia queria recuperar o hábito.

Num primeiro momento, fiquei constrangida com a presença da mãe dela e com medo de que ela nunca tivesse aprovado que eu fosse na casa delas nesse horário, mas logo percebi que tanto Bia quanto sua mãe eram bastante receptivas, sempre havia algum lanche me esperando e Luísa ficava ofendida quando eu não comia nada. Eu tinha o hábito de comer antes de visitar as casas justamente para não causar incomodo, mas diante de toda a cordialidade das famílias que sempre me preparavam e ofereciam algo para comer e também da forma como ficavam ofendidas (às vezes mais abertamente e outras vezes mais discretamente) quando eu recusava. Passei a sair de casa de estômago vazio e preparada para aceitar tudo que me era oferecido. Com o tempo, Luísa foi ficando mais à vontade com a minha presença, e até passou a se levantar para fumar um cigarro no intervalo, coisa que ela não havia feito da primeira vez, mas que a Bia me contou que era um hábito dela.

Assistíamos a minissérie sempre eu, Bia e sua mãe (certo dia, sua sobrinha também estava na casa, mas o conteúdo era muito pesado para ela e Bia arrumou o Netflix para que ela fosse pro quarto assistir outra coisa). No meu primeiro dia em sua casa, Luísa disse que estava cansada e perguntou se não poderia assistir a minissérie no quarto dela, mas Bia insistiu que ela fosse pra sala. Na verdade, pelo horário, elas costumavam assistir essas minisséries e novelas das 23 horas no quarto da Luísa, ao invés da sala. E, assim como já havia acontecido antes em outras visitas, elas mudaram seus hábitos para se adequar a minha presença.

Bia costuma assistir as novelas enquanto usa o celular, ela fica constantemente no Whatsapp com uma amiga e no Twitter fazendo piadas sobre a programação, principalmente sobre uma cena que passou todos os dias na primeira semana da minissérie que é o atropelamento da personagem Beatriz. Bia, assim como Sandra, mãe de Pedro, também sempre reparava nos cenários da minissérie.

Elas eram uma dupla de opiniões muito fortes, Bia e Luísa. Pelo que pude entender, há embates ideológicos entre as duas e suas discussões e alfinetadas não ficam restritas a política, mas permearam a própria minissérie e se tratavam muitas vezes de quem possuía conhecimentos gerais mais acurados. Bia evitava de fazer certos comentários próximo a mãe,

principalmente no que se refere ao recente golpe político¹¹, pois sabia que Luísa iria rebater seus argumentos incansavelmente. Às vezes conversávamos sussurrando para que sua mãe não soubesse que falávamos sobre política.

3.3.5 Casa de Clara

As famílias acima foram as que inicialmente faziam parte do meu campo, mas conforme elas iam desmarcando ou reagendando as minhas idas, percebi que poderia frequentar outras casas para preencher esses espaços. Foi assim que comecei a ir a casa de Clara, mais uma amiga noveleira da minha mãe.

Clara mora também em Vicente Pires em um lote com uma casa dividida ao meio, o dono do terreno mora na parte de trás e Clara mora na parte da frente de aluguel com seu marido e seus quatro cachorros. Assim que entrei na casa pela primeira vez, Clara me disse que a casa e toda a bagunça dela pertencem aos cachorros. O ambiente da casa gira em torno dos cachorros, há comida e brinquedos espalhado por todos os lugares e Clara conversa com eles e dá broncas constantemente. As comidas da casa também são compartilhadas com os cachorros, inclusive, os lanches que minha mãe levava para ela durante as visitas. Havia uma necessidade de cordialidade entre as duas onde ambas deveriam oferecer algo de comer no momento da visita, da parte da minha mãe talvez fosse até um ato de agradecimento e gentileza por permitir minhas idas naquele horário na casa dela.

Minha mãe me acompanhou nessas visitas, já que eu não tinha quase nenhuma intimidade com a Clara (e também porque minha mãe fazia questão disso). Elas conversavam durante todos os intervalos e antes da minissérie e acabavam sempre tão entretidas que eu fiquei invisível e pela primeira vez senti que estava ali apenas observando. Nós sempre chegávamos e íamos direto para a sala e assim como a maioria das casas que estive, a TV estava ligada na novela das 9, mas ninguém prestava atenção e Clara e minha mãe preferiram conversar sobre trabalho (Clara é professora readaptada).

Ela nos contou que o marido não acompanha a novela com ela e durante as minhas visitas ele nem mesmo ficava na sala, na maioria das vezes ele ficava no quarto assistindo a

¹¹ Com um processo que se iniciou em Dezembro de 2015, a então presidenta Dilma Rousseff sofreu impeachment sob a acusação de crime de responsabilidade por pedaladas fiscais. Entretanto, com o advento de novas provas, principalmente áudios, percebeu-se que toda a questão do impeachment foi arquitetada apenas para retirar a presidenta do poder e atender aos interesses de alguns.

alguma outra coisa na televisão, saía apenas para nos dizer um “olá” e logo voltava para o quarto.

3.4 Onde assistíamos Justiça

Essas eram as famílias e as casas que visitei e que assistiam Justiça. Diante de todas essas características, algumas se repetiram, chamaram minha atenção e, portanto, gostaria de destaca-las e analisa-las separadamente. Desde a cidade onde moram até as pessoas que vivem na casa e a forma como se relacionam com a minha visita eram variadas e distintas. Entretanto houve pontos comuns.

Primeiramente, apesar dessa variedade de comportamento e discurso, havia um ponto comum entre aquelas casas que era a disposição da televisão como móvel central das salas em que estive. Essa análise do espaço cuja centralidade pertence à TV é feita também por Ondina Leal (1983) que a remete a algo característico da classe popular. Nesse caso em específico, não estamos falando de uma classe popular, mas de uma classe média que parece mesclar elementos de diversas camadas sociais.

Apesar da posição da TV como protagonista daquele cômodo, quando adentrava a casa das pessoas era comum que ela estivesse ligada e ninguém estivesse assistindo-a sentado no sofá. Eu costumava chegar quando ainda estava passando Velho Chico e raras vezes a televisão estava desligada nesse momento. Como, durante a novela das 9, não havia aquela obrigação das pessoas comigo em sentar e assistir com sua atenção totalmente direcionada para a TV, como ocorria durante a exibição de Justiça; elas se sentiam livres para acompanhar Velho Chico de forma periférica, dando uma amostra de como elas de fato assistem uma novela: se dedicando a outras tarefas. Talvez por isso Velho Chico não tenha caído no gosto popular, por ser uma novela com muitas reviravoltas e uma história densa, ela precisava ser assistida com mais atenção do que as pessoas estavam dispostas a dedicar a uma novela. Todas essas observações se tornaram mais óbvias e bem delineadas quando as pessoas começaram a ficar mais à vontade com a minha presença e se dedicaram a outras atividades enquanto viam Justiça. Como Luísa, mãe de Bia, que passou a fumar durante os episódios ou quando Andrea e seus amigos pediam pizza e fumavam maconha.

Junto a isso, tanto durante a novela como durante a minissérie, era normal que conversássemos enquanto acompanhávamos os capítulos. Assistir a um programa de TV em total silêncio é constrangedor e era mais do que esperado que discutíssemos o que acontecia nos enredos ou que fofocas sabíamos sobre os bastidores e que rumo tomaria aquela história.

Aquele era um momento de socialização, quase não presenciei quem assistisse a uma telenovela sozinho e menos ainda em silêncio.

Os comentários que fazíamos ao longo do capítulo eram bastante marcados pelo deboche. Não havia um dia sequer em que algo não fosse comentado de forma debochada. Estamos o tempo todo debochando das conveniências de um roteiro de novela (encontros improváveis, acontecimentos pouco críveis), dos personagens e até do seu desfecho. Estávamos constantemente zombando da minissérie, talvez por se tratar de um produto destinado ao “outro”, nós nos colocávamos acima daquela produção.

Diante de todos esses eventos que relatei e que aconteciam dentro da sala de estar, é necessário destacar que nem sempre esse era o espaço dedicado a assistir a minissérie. Durante minhas visitas sempre estivemos na sala para assistir a TV, mas mais de uma vez foi comentado que, normalmente, as pessoas assistiam as minisséries em seu quarto, deitadas, pois já era tarde e assim que ela acabava poderiam dormir. A impressão que isso me deu é de que transformamos o ritual das pessoas com a minissérie em algo semelhante ao que faziam no horário das 21 horas.

Com tudo isso dito, também devo destacar a cordialidade das pessoas que me recebiam. Havia sempre uma necessidade em me receber como uma visita programada, eu era algo fora da rotina e por isso todos deviam ser cordiais.

Todas essas características saltaram aos meus olhos durante a escrita do diário de campo. E é necessário tê-las em mente para acompanhar a recepção das pessoas diante da minissérie que me propus a analisar.

3.5 Rotina de campo

Desde o primeiro dia, estabeleci uma rotina e mecanismos para tornar a pesquisa de campo o mais fluida possível. Durante toda as visitas, tive muito medo de que a minha presença fosse considerada invasiva e cansativa, já que a minissérie começava tão tarde da noite, fora do horário que consideramos “convencional” para visitas, ou seja, eu me sentia quebrando regras de cordialidade pré-estabelecidas e que, por isso, as pessoas poderiam acabar abandonando ou desmarcando minhas idas. O medo dessa possibilidade me fez refletir bastante sobre horários e comportamentos que eu deveria ter e respeitar dentro dos lares das pessoas. O meu objetivo sempre foi tornar o ambiente e aquela faixa de horário o menos tenso possível. Tive de escolher quais interferências valiam à pena, como eu faria minhas anotações e até a como assistiria a minissérie. Obviamente que as minhas decisões não se mantiveram durante o processo todo em

todas as casas e com todas as pessoas, mas detalharei os fatores principais que constituíram a rotina planejada.

Cada dia da semana era destinado a uma família que se voluntariou para minha pesquisa, portanto, toda semana eu ia a 4 casas diferentes (a minissérie era exibida segunda-feira, terça-feira, quinta-feira e sexta-feira, do dia 22 de Agosto ao dia 23 de Setembro). Entretanto, era comum as pessoas desmarcarem ou reagendarem as visitas e, por isso, ao longo da pesquisa de campo, como já disse acima, acabei incluindo novas famílias e reorganizei constantemente o cronograma para evitar de não ir a campo. Infelizmente, é impossível eliminar completamente esses fatores imprevistos e alguns dias acabei não visitando casa alguma; nesses dias, optei por assistir a minissérie normalmente na minha própria casa, não apenas por lazer, mas porque a minha identidade como telespectadora era um fator relevante na construção da intimidade que envolveu participar do ato de assistir a “Justiça” dentro da casa de outras pessoas. Acompanhar e conhecer o enredo era importante para não me colocar em uma posição completamente excluída quando estava em campo. Darei mais detalhes sobre a construção da minha postura e a relação com a minha própria identidade de telespectadora.

A minissérie começava, na maioria das vezes, as 23 horas e, por isso, sempre busquei chegar por volta das 22:30. Assim, poderíamos ter um tempo para conversar e descontrair antes do início do capítulo. Essa meia hora de bate papo não tinha por objetivo extrair informações sobre os rituais e hábitos das famílias com relação a TV e as novelas, mas, sim, eliminar a tensão e o constrangimento que a minha presença ali poderia causar. Por ser um horário em que as pessoas costumam estar em casa, à vontade, muitas vezes de pijama e prontas para dormir ao término do capítulo, a minha visita poderia causar desconforto ao participar de um momento que, normalmente (principalmente durante a semana, quando as pessoas acordam cedo e terminam o dia cansadas), é considerado, pela classe média, como privado, do qual participam apenas os moradores da casa.

Fora do cenário de pesquisa, era comum em algumas dessas casas, por se tratarem de amigos próximos a mim, que eu as frequentasse até em horários que seriam mais inconvenientes do que o da minissérie e sem nenhum constrangimento. Porém, quando se tratava de acompanhar a recepção daquelas pessoas em relação a minissérie, me senti invadindo um momento privado da casa. Acredito que tudo isso esteja ligado ao fato de que eu também estou inserida nesses sistemas de cordialidade, boas maneiras, inconveniências, etc., que ditam várias das nossas regras de comportamento e que até mesmo faziam com que eu sentisse que estava em dívida com aquelas famílias por ter sido recebida em suas casas nessas condições. Por isso tudo, simplesmente ignorar o fato de que em um dia comum, fora da realização da pesquisa, eu

não estaria naquelas casas, naquele horário, durante a semana, sem um convite explícito e simplesmente adentra-las com a mesma intimidade de sempre era muito difícil.

No final do capítulo de “Justiça”, quando ninguém se apresentava propenso a conversar, assistir ao próximo programa da TV ou qualquer outra atividade, eu me retirava o mais rápido possível das residências. Havia uma barreira invisível que determinava horários de acordo com a intimidade que eu possuía com as pessoas envolvidas, as famosas regras não-ditas da boa educação.

Desde o princípio, compreendi que não há como realizar pesquisa sem qualquer tipo de interferência. A minha presença por si só já modificava a rotina da casa e não poderia ser ignorada, por mais que eu dissesse que elas deveriam levar suas vidas normalmente enquanto eu estivesse lá, é impossível impor conforto e naturalidade nas pessoas apenas pedindo para que ajam naturalmente. Desse modo, decidi que já que, haveria interferências independente do que eu faça, eu optaria pela interferência que menos deturpasse, a já deturpada, rotina da casa.

Por isso, durante a exibição dos capítulos eu optei por não me privar de fazer comentários ou reagir as cenas. Meu foco era pertencer a rotina daqueles lares (mesmo que seja uma nova rotina imposta pela minha presença) e caso eu ficasse apenas observando em total silêncio, isso poderia ser interpretado como um comportamento que todos deveriam seguir ou instaurar uma formalidade que eu tentava evitar de todas as formas. Além disso, muitas das famílias tinham algum grau de intimidade comigo e o silêncio seria ainda mais constrangedor; afinal, não ficamos em silêncio com pessoas que conhecemos e fazem parte do nosso convívio. E é aqui que entra a minha identidade de telespectadora como parte integrante da minha pesquisa de campo.

Outra opção que fiz foi a de não realizar nenhum tipo de anotação no meu diário de campo enquanto estava na casa das pessoas, independente de estarmos assistindo a minissérie, conversando ou vendo qualquer outro programa de TV, até mesmo comerciais. O objetivo era de que elas não se sentissem observadas e analisadas. No decorrer da pesquisa, temi que esse método me fizesse esquecer de momentos chave quando estivesse em casa e fosse, finalmente, fazer minhas anotações e relatos e, por isso, decidi tomar pequenas notas no meu próprio celular durante as visitas. Como todo mundo estava sempre verificando as horas, redes sociais, mensagens, etc., acredito que minhas observações no celular passavam despercebidas e não causavam desconfortos, ninguém parecia perceber que era pra isso que eu usava o celular.

Concluindo, tentei diluir ao máximo os prováveis incômodo e barreiras com relação a minha presença e participação de diversas formas, várias delas foram manobras que direcionei de forma particular para alguns espaços. Conforme ia percebendo a receptividade e a rotina que

envolvia aqueles indivíduos e a minissérie, fui me adaptando com relação a minha postura, horários, etc. Cada um desses casos será explicitado mais para frente, mas, no geral, essas foram as medidas que tomei de antemão.

No geral, existia sempre um cuidado por parte das famílias em me receber como se eu fosse uma visita. Em várias residências fui recepcionada com lanches e sucos. Além disso havia uma preocupação constante em assistir a minissérie no cômodo com a “melhor TV” da casa, TV essa que, repito, nem sempre era a utilizada pela família naquele horário, já que muitas pessoas relataram que preferiam acompanhar a minissérie no conforto do seu quarto.

A minha presença impunha, portanto, um novo ritual. Antes e durante todo o campo me questionaram sobre com que frequência a minissérie deveria ser assistida, se era necessário que todas as pessoas da casa estivessem presente, em qual cômodo e diante de qual televisão minhas visitas deveriam acontecer. Enfim, por diversas vezes me atribuíram o controle de ditar os esquemas desse ritual mesmo que eu tenha declinado a essa responsabilidade e, no começo, isso significou desconforto nos arranjos das visitas. Aparentemente, a cordialidade coloca muito poder na mão do hóspede e quando esse o recusa, há uma confusão sobre o que se deve fazer, como devemos prosseguir.

4 HISTÓRIAS DE JUSTIÇA

Nos capítulos anteriores, apresentei brevemente a temática e a estrutura da minissérie. São quatro histórias principais com seus respectivos protagonistas (apesar de que ao longo de alguns capítulos da minissérie eles perdem seu protagonismo para outros personagens), cada uma dessas histórias é contada em um dia da semana (a minissérie é exibida segunda, terça, quinta e sexta, sendo quarta o dia reservado ao futebol na programação da Rede Globo). Sendo assim, era comum acontecer de, por exemplo, ir à casa da Bia todas as sextas-feiras e, por isso, acabar acompanhando majoritariamente a história que se passava com o personagem de sexta nessa casa. Obviamente isso não é uma regra, pelos motivos que já expus. Também era muito comum que ao chegar na casa de alguém, as pessoas comentassem todos os episódios do resto da semana.

Por esse motivo, decidi organizar meus relatos de campo a partir das histórias dos personagens de Justiça, assim, é possível acompanhar a trajetória do personagem ao mesmo tempo que acompanhamos o envolvimento daquela família com ele.

4.1 A história de Vicente às segundas-feiras

A minissérie estreou com a história do personagem Vicente que acompanhávamos às segundas-feiras. Vicente era um jovem rico, filho de um dono de empresa de ônibus, Euclides, e também, muito mimado, ele namora Isabela com quem tem um relacionamento abusivo, permeado por ciúme e drama da parte dele. Isabela, ao contrário de Vicente, é uma personagem que a minissérie tenta nos apresentar como um espírito livre e irreverente, algo como uma *manic pixie dream girl*¹² dando significado a vida do protagonista com uma atitude sempre despreocupada e espontânea e que, apesar de aturar as atitudes possessivas de Vicente, não compartilha desse sentimento de posse pelo namorado.

Isabela é filha de Elisa, professora universitária de direito, que desaprova o namoro, parte pelas atitudes agressivas de Vicente e parte, também, pelo nível cultural dele e do seu pai. Ela acredita que a filha merece ser melhor tratada, assim como merece, também, alguém do seu nível intelectual.

¹² *Manic pixie dream girl* é o nome que se dá a uma representação estereotipada de personagens femininos em produções como filmes e séries de TV. Geralmente elas são despreocupadas, divertidas, a idealização da mulher “sem frescura” e irreverentes que servem para dar propósito e suporte a trajetória do verdadeiro protagonista.

Logo no primeiro capítulo, Vicente pede Isabela em casamento. Isabela reflete sobre a vida que pode e a vida que quer ter, assim como Elisa a previne sobre o que significa o casamento, principalmente sobre se casar com Vicente. Isabela, movida pela sua visão romântica e aventureira da vida, decide aceitar e torna-se noiva, mesmo que sem muita convicção já que seu relacionamento é conturbado e seu namorado é instável e explosivo.

Tudo muda quando o pai de Vicente se depara com seus funcionários em greve por conta de salários atrasados. A greve o deixa confuso já que a empresa não enfrenta problemas financeiros. É então que nós (e Vicente, seu pai e seus funcionários) descobrimos que Euclides havia sido enganado pelo seu sócio, Antenor, que fugiu com todo o dinheiro da companhia. A notícia faz com que Isabela mude de opinião em relação ao casamento. Ela, que não estava lá tão certa de suas escolhas, considera que, assim como sua mãe havia lhe alertado, ela merece coisa melhor, mas, principalmente, ela merece alguém que não seja pobre. Ela tem grande aversão ao fato de que Vicente e seu pai perderem tudo que tinham.

Nosso protagonista, por sua vez, fica sem chão e completamente desesperado para não perder a única coisa que ele considera importante em sua vida, Isabela, agora que ele já perdeu todo o resto. Ele, então, corre para sua casa bêbado e armado (como sempre) com a esperança de convencê-la a superar todos os problemas e seguir em frente com o noivado.

Acompanhávamos agora uma das cenas mais anunciadas durante as propagandas de divulgação da minissérie. Vicente entra na casa de Isabela que, por algum motivo, estava destrancada, e a procura desesperadamente enquanto nós, expectadores, vivemos a tensão de já saber o final catastrófico que se seguirá. Vicente encontra Isabella no chuveiro com seu ex-namorado. Saca a arma e atira nela. Elisa, com o som dos tiros, corre ao encontro da filha que já está morta no chão do banheiro, desesperada, ela a embala nos braços ensanguentada e ajoelhada no box do banheiro. A cena é dramática com bastante sangue e nudez e também foi uma das principais fotografias usadas para divulgar a minissérie. Vicente é preso.

Saltamos para 7 anos após a prisão de Vicente, no dia de sua soltura. Elisa passou os últimos anos planejando sua vingança. Ela revive a memória da filha constantemente, mantendo seu quarto inalterado, morando no mesmo apartamento e se preparando para o dia em que poderá fazer Vicente pagar na mesma moeda. Toda a vingança de Elisa é elaborada dentro dos parâmetros da lei, ou seja, toda sua preparação (desde a arma que carrega, até seu treinamento com ela) é feita na legalidade e mesmo com a intenção de cometer um crime e matar Vicente, Elisa pretende se entregar a justiça e pagar pelo assassinato que planeja há anos. Ela faz aulas de tiro e porta uma arma legalizada, pronta para lidar com as consequências legais de matar o assassino da filha sete anos depois.

Ela revela seu plano para seu atual namorado, Heitor que é reitor da faculdade em que Elisa trabalha, e ele tenta convencê-la de não cometer a insanidade de dar continuidade a essa vingança. Mesmo com todos os argumentos sobre a necessidade dela seguir em frente, ele não a convence, mas também, não a impede. Elisa vai até a porta da prisão, mantém uma certa distância com a arma nas mãos, se prepara para atirar e espera Vicente sair. Vivemos um momento de tensão, ansiando pelo desfecho. Sabemos que algo irá impedir o tiro em Vicente, mas ainda não sabemos o que.

Ao sair do presídio, Vicente é recebido por uma mulher desconhecida e por uma criança que o chama de pai. Elisa e nós somos pegos de surpresa e então ela e nós fraquejamos diante desse evento e, por fim, ela desiste (momentaneamente) da vingança por causa dessa criança. Descobrimos, então, que o pai de Vicente está morto, que ele se arrepende do seu crime e, principalmente, também descobrimos que ele agora é casado com uma mulher, Regina, que conheceu enquanto estava preso, mais especificamente no hospital após uma tentativa de suicídio e que eles têm uma filha chamada Isabela.

Vicente se mostra extremamente arrependido e perturbado, quase como se ele fosse a vítima. Vicente tenta retomar sua nova vida, bem diferente daquela cheia de luxos e mimos que vimos no início da minissérie. Agora ele reside em um apartamento minúsculo em um prédio enorme com vários apartamentos pequenos como o dele e sua mulher, que sustenta a casa, vende empadas na praia. Ele volta para a faculdade que largou quando foi preso, a mesma que Heitor trabalha, e tenta concluir seu curso. Ao mesmo tempo, ele começa uma busca incansável pelo perdão de Elisa, perseguindo-a dentro do seu local de trabalho, a universidade.

Em paralelo a essa história, vemos uma menina tentar suicídio na universidade após ter um vídeo íntimo vazado. Naquele momento não fica claro como essa história se insere no contexto de Vicente e Elisa e, a princípio, parece que o único gancho é o fato de que isso ocorreu dentro da universidade onde ela e o Heitor trabalham. Enquanto isso, Elisa e Vicente se aproximam, ficam amigos, se ajudam e até flertam. Ela se torna madrinha da nova Isabela.

As reações a esta reviravolta da trama foram bastante efusivas. Não sei se somos surpreendidos, mas com certeza ficamos confusos e até revoltados com o desenrolar dessa relação. O incômodo é geral, dentro e fora da minissérie, a proximidade dos personagens causam desconforto e em uma das casas que visitei foi lançado o palpite de que eles teriam um caso. Dito e feito.

Vemos nos personagens de Regina e Heitor a representação do nosso incômodo diante disso. Ambos têm aversão a esse relacionamento confuso que se estabelece entre os protagonistas. Regina é mais explosiva e se impõe por meio de ultimatoss e briga tanto com

Vicente quanto com Elisa que, por sua vez, a desqualifica como pessoa diante dessas atitudes, tratando-a como vulgar e barraqueira. A representação do estereótipo da pobre, batalhadora e barraqueira é muito evidente na composição de Regina e faz uma perceptível oposição a atitude contida de Heitor (intelectual, classe média alta) ao protestar pelo mesmos motivos que Regina.

Regina confronta Vicente, exige respeito, se coloca como igual e joga os crimes dele na sua cara e o desafia questionando se ele iria matá-la como fez com Isabela. Essa é uma cena inesperada diante da passividade e do ciúme retratado de forma negativa que a personagem Regina apresentava. Essa situação romântica entre Elisa e Vicente, como pudemos ver, abala todos os relacionamentos presentes na trama e, em paralelo aos flertes deles, Heitor se envolve com uma de suas alunas.

Quando Elisa e Vicente se beijam, nós, o público, não entendemos essa cena. Apesar de já termos previsto o beijo e, portanto, sabermos o que estava por vir, não deixa de ser revoltante e incômodo; não apenas pela relação amorosa entre uma mãe e o assassino de sua filha, mas também pela verossimilhança desse episódio.

Durante esses joguinhos de desejo e culpa, a memória de Isabela é resgatada e nós conhecemos um novo lado do seu relacionamento de mãe e filha. Elisa, até então uma mãe tão devotada (até mesmo obcecada) disposta a encarar qualquer consequência para vingar a morte da filha querida, desconhecia o fato de que Isabela havia abandonado a escola e gastava o dinheiro da mensalidade (juntamente com a sua mesada) para dar passeios pelo shopping durante um ano. Além disso, Vicente revela que ela havia feito um aborto quando eles ainda estavam juntos. Como audiência, ficamos surpresos por Elisa não ser a mãe exemplar e por Isabela perder sua aura de *manic pixie dream girl*.

Com a revelação de todas as traições, os personagens reveem seus valores e relacionamentos e a história parece se encaminhar para um final feliz, cada um seguindo sua vida, Vicente volta para Regina, Elisa volta para Heitor e os protagonistas mantem uma amizade devido ao convívio na faculdade.

A cena que presenciamos agora é de Vicente pegando carona com Elisa dentro de seu carro, conversando tranquilamente a caminho de casa enquanto Regina e Isabela (sua filha) o aguardam com a mesa posta. Vicente e Elisa optam por manter uma relação amigável, ela o orienta na faculdade e auxilia em seus estudos. De repente, um caminhão bate no carro. Elisa fica ileso do acidente, mas Vicente está coberto de sangue e Elisa se desespera para ligar para a emergência, até que, calmamente, ela pondera sobre o assunto e, principalmente, sobre a oportunidade. Guarda o celular e deixa Vicente morrer no acidente. A vingança se concretiza.

Essa história se encerra no enterro de Vicente com Regina acusando Elisa de ter alguma coisa a ver com a morte do marido, mesmo que ela ainda não saiba o que exatamente e fecha com a cena de Regina treinando tiro com uma arma num ambiente bem mais rústico e ilegal do que aquele em que Elisa treinava, nos mostrando que Regina não usufruía dos privilégios que Elisa tinha e que a permitiram elaborar sua vingança de forma legal.

4.2 A história de Fátima às terças-feiras

Às terças-feiras, acompanhávamos a história de Fátima. Ela é casada com Waldir com quem tem dois filhos, um menino e uma menina, Mayara. Ela era pobre, humilde e morava numa espécie de subúrbio rural, além de feliz, dedicada e batalhadora como manda a cartilha de estereótipo dos personagens de baixa renda.

No primeiro capítulo, Fátima prepara uma festa de aniversário para a filha no quintal de casa. Durante a festa, um cachorro raivoso invade o local atrás das galinhas de Fátima, e acaba assustando os convidados e derrubando o bolo, estragando toda a comemoração. O cachorro em questão pertence ao vizinho, um policial, Douglas, que é casado com uma ex-prostituta, Kellen, por quem nutre um amor obsessivo e é totalmente submisso.

Waldir arrasta o cachorro até a casa de Douglas que faz pouco caso da situação e até culpabiliza os vizinhos pela situação e acrescenta dizendo que paga pela galinha e pelos estragos e que não havia necessidade de todo aquele alvoroço. Fátima e Waldir ficam insatisfeitos com a situação, afinal o cachorro assustou seus filhos, é perigoso e o pagamento pela galinha não pode trazer de volta o aniversário da filha.

Ao longo dos dias, o cachorro continua invadindo o terreno atrás de galinhas e a família de Fátima tem de dormir com seus animais dentro de casa para protegê-los, além de portas e janelas trancadas, compartilhando sala e quartos com os bichos, enquanto que o vizinho continua indiferente a tudo isso.

Paralelo aos incidentes do cachorro, conhecemos o dia a dia da família. Waldir é motorista de ônibus, funcionário de Euclides e Antenor. Quando Euclides é traído pelo seu sócio e a empresa quebra, Waldir, assim como os outros funcionários, fica sem pagamento e pretende se juntar a greve, mas Euclides os convence de que se eles pararem, aí que a empresa irá quebrar de vez. A confusão se instaura na empresa, como havíamos assistido segunda-feira na história de Vicente.

Fátima é empregada doméstica e assiste, apreensiva, da televisão de sua patroa, Elisa (mãe de Isabela), toda a confusão no trabalho do seu marido. Essa cena é memorável. Enquanto

Elisa e Isabela, que também estão assistindo a TV, se mostram preocupadas com Vicente e seu dinheiro, Fátima está preocupada com a segurança de seu marido e com seus filhos que não terão quem os busque na escola, já que Waldir está preso no trabalho. Ela pergunta a patroa se pode sair mais cedo para pegar e as crianças e Elisa responde, cordialmente, que não será possível, sem lhe dar nenhuma justificativa plausível pra isso. Apenas paira no ar a justificativa de que Elisa é a patroa e Fátima é a empregada e que esse fato por si só é suficiente. A série em momento algum cria essa tensão por meio de pausas, olhares, sons ou reações dos personagens. Essa tensão foi criada especialmente pelo público.

Com a empresa falida e, conseqüentemente, sem nenhum objetivo a ser alcançado com a greve, afinal, os pagamentos nunca viriam; todos os empregados se veem na rua. Waldir, tomado pelo desgosto e pelo estresse, vai até o bar e se embriaga. Fátima e os filhos vão buscar Waldir e eles dão a entender na sua conversa de que o pai tem problemas com álcool. Ao chegarem lá, ele se mete em uma confusão, uma briga sem muito propósito e acaba levando uma facada, Fátima o socorre, ele é hospitalizado e fica entre a vida e a morte

Todos esses episódios vão levando Fátima ao limite, o cachorro violento à solta, as noites mal dormidas, os desrespeitos que ela tem de engolir, o marido hospitalizado e o esforço de proteger seus filhos de tudo isso.

Durante uma dessas noites estressantes após todos esses acontecimentos dramáticos que se desenrolaram num curto período de tempo, enquanto dormia, ela escuta seu filho gritando por socorro do lado de fora da casa e vai correndo desesperada ao seu encontro. A cena que ela encontra é desesperadora para a personagem: O menino está se segurando em uma escada, se elevando uma pequena altura do chão, enquanto que o cachorro do vizinho late ameaçadoramente pra ele tentando alcançá-lo com os dentes. Fátima, farta dessa situação e do seu sentimento de impotência, pega uma arma dentro de casa, volta e atira no cachorro, matando-o. E é aqui que todos nós pensávamos que Fátima seria presa.

Ao perceber o que havia ocorrido, Douglas, que amava o cachorro de paixão, fica fora de si. Nesse momento, nós que assistíamos ao drama de Fátima, ficamos apreensivos com a vingança de Douglas e de seu poder como policial. No dia seguinte pela manhã, antes de Fátima levar seus filhos para a escola, de repente, a polícia bate em sua porta, vasculha sua casa sem nenhum porquê e encontra drogas enterradas no seu quintal.

A cena que se segue é dramática e emocionante, Fátima nega que aquelas drogas sejam dela e é arrastada para fora de casa mesmo com o desespero dos filhos que em nenhum momento duvidam da honestidade da mãe. E, então, Fátima é presa. Naquele momento, enquanto a mãe

é carregada pela polícia, Mayara, ainda uma criança, promete se vingar de Kellen, pois tem certeza de que foi dela a ideia de plantar droga no quintal de Fátima.

7 anos depois, Fátima sai da prisão. Ela vai até sua antiga casa que está vazia e abandonada com mato crescendo por todos os lados, seu marido morreu no hospital e seus filhos sumiram. Douglas continua na casa ao lado, mas agora sozinho, sem Kellen e obviamente sem cachorro. Ele está embriagado, amargurado pelo abandono da esposa que foi embora com outro e, também, arrependido do que fez a Fátima, dizendo que foi tudo ideia da ex-mulher e que não imaginava que ela ficaria tanto tempo presa. Fátima, que pouco se interessa pelos lamentos e angústias do vizinho, pergunta desesperadamente pelos filhos, mas Douglas não sabe onde eles estão e nem nós.

Fátima tenta retomar sua vida, procura pelos filhos, procura por serviço e tenta fazer sua casa voltar a ser o que era antes. Mais tarde, na praia, Fátima é assaltada por um “pivete” que ela reconhece como seu próprio filho. Ela o leva pra casa, pergunta pela irmã e ele conta que Mayara virou prostituta e trabalha para a Kellen.

Mayara é a principal funcionária da boate de Kellen e seu namorado, Celso, que também possui um quiosque na praia onde vende drogas. Ela atende aos clientes mais importantes, como o atual candidato a governador, Antenor (o ex-sócio de Euclides que fugiu com todo o dinheiro da empresa, deixando ele e Vicente falidos) que é casado com Vânia. Por tudo isso, Mayara é a queridinha e protegida de Kellen, que não faz a menor ideia de que ela é filha de Fátima, a mulher que Kellen colocou na cadeia injustamente.

O plano de Mayara é trabalhar para Kellen, se aproximar dela e a partir disso descobrir um ponto fraco da sua chefe, usar contra ela e, finalmente, ter sua vingança. Porém, esses não são os planos de Fátima para a família que quer apenas viver sua vida em paz. Ela encontra Mayara e ao escutar ideia de vingança, tenta convence-la a desistir de tudo isso e voltar para casa, mas seu esforço é em vão. Mayara está determinada e Fátima não pode impedi-la.

Nesse meio tempo, Fátima vai, finalmente, colocando sua vida em ordem. Ela e Douglas, que agora namora e vive com uma mulher evangélica que controla sua rotina e sua dieta, acabam se entendendo, Fátima até dá um filhote de cachorro pra ele de presente. Ela também volta a fazer alguns serviços na casa de Elisa e começa a vender marmitas próximo a uma construção onde trabalha um homem por quem se apaixona e que se tornará seu namorado.

Enquanto isso, Mayara descobre que uma antiga paixão de Celso que acabou de sair da cadeia e por quem ele é perdidamente apaixonado, trabalha no seu quiosque na praia e vem tendo um caso com ele. Essa moça, Rose, está grávida e diante da situação problemática que é estar grávida de um homem comprometido (principalmente com uma mulher como Kellen,

inescrupulosa) ela pensa em abortar. Mayara se aproxima da amante de Celso e quando ela tem acesso a todas essas informações, vê a oportunidade que tanto esperava para concretizar sua vingança contra sua chefe e, assim, ela convence Rose a desistir do aborto, ter o bebê e constituir família com o homem que ama.

Celso, ansioso por assumir Rose e seu filho, termina com Kellen. O relacionamento deles já estava por um fio desde que Rose havia saído da prisão e após romper com Kellen, ele a expulsa do seu quarto na boate e a manda dormir junto das demais dançarinas e prostitutas, rebaixando-a ao nível das mulheres que trabalhavam para ela e fazendo com que ela se sinta humilhada diante de suas funcionárias e, principalmente, diante de Rose com quem ela vinha travando uma batalha cheia de provocações e ameaças. E é nesse momento que Mayara revela seu dedo na história e sua influência na decisão de Rose de se manter na vida de Celso. Kellen fica possessa e durante uma discussão acaba cortando Mayara e a mandando para o hospital.

Fátima vai buscar a filha no hospital e Celso promete pagar todas as despesas médicas além de dar o auxílio necessário, mas pede que, por favor, elas não prestem queixa, pois isso poderia prejudicar seu negócio. Fátima concorda em não fazer a denúncia, em troca disso, Celso não poderia mais aceitar Mayara como sua funcionária. E eles fecham o acordo.

Com toda essa situação, nós, audiência, ficamos esperando a reação de Fátima com relação a Kellen, a mulher que ajudou a coloca-la na cadeia e que agora feriu seriamente sua filha. Finalmente presenciamos um enfrentamento cara a cara envolvendo as duas mulheres em torno das quais gira essa narrativa. Kellen está na boate, ensaiando uma dança com as meninas que trabalham para ela, quando Fátima irrompe no recinto ameaçando-a e mandando que ela se mantenha longe de Mayara. Kellen responde de forma debochada dizendo que vai manda-la novamente para a cadeia. Fátima quebra uma garrafa e coloca o vidro quebrado perto do rosto de Kellen dizendo que ela já esteve na prisão e que por isso ela não tem medo. Kellen fica desnorteada e amedrontada. É evidente a vitória de Fátima. Uma vitória satisfatória para o público.

Com toda a raiva e humilhação consumindo-a, Kellen decide ir até o apartamento de Celso para se vingar e rouba uma enorme quantia de dinheiro. Sem ter para onde ir ou a quem recorrer, ela retorna para seu porto seguro sabendo que sempre seria recebida de braços abertos, não importando a situação em que havia partido: Douglas. Ele larga sua atual namorada e foge com Kellen para viver uma vida de luxo com o dinheiro do Celso.

O final de Fátima é feliz. Mayara volta para casa e o capítulo se encerra com uma cena bonita de amigos e família reunidos com música em uma festa, Fátima feliz com seu namorado e a ideia de que a vida tomou seu rumo. Apesar disso, temos um rápido vislumbre de que

Mayara continua fazendo programa escondido da mãe, o que nos leva a crer que ela não fazia isso apenas por vingança ou necessidade.

4.3 A história de Rose às quintas-feiras

Às quartas-feiras não havia exibição da minissérie por causa do futebol que passa religiosamente toda semana após a novela das 21 horas, então às quintas-feiras acompanhávamos a história de Rose.

Rose é filha de uma empregada doméstica que trabalhou a vida inteira na casa da família de Débora. Ela e a mãe moram num quatinho apertado, num beliche, na área de serviço do apartamento da patroa. Com o passar dos anos, Rose e Débora acabaram crescendo juntas e se tornaram melhores amigas. Débora, inclusive, emprestava seu quarto para que Rose pudesse receber seu namorado, Celso, sem parecer que era pobre e morava em um quatinho.

Logo no primeiro capítulo, Rose passa no vestibular e elas saem para comemorar sua aprovação em primeiro lugar para jornalismo. As duas andam pela rua, conversando e procurando um bom estabelecimento para festejarem, até que escolhem um restaurante. Ainda do lado de fora, Débora acende um cigarro e pede para a amiga ir pegando uma mesa enquanto ela fuma. Ao tentar entrar, Rose é barrada com a desculpa de que o lugar estaria lotado mesmo que o restaurante parecesse vazio. Débora retorna e pergunta porque a amiga ainda não entrou no tal lugar e Rose explica a situação de que não a deixaram se sentar em uma mesa alegando que o lugar estava cheio. Nesse momento, Débora chama o gerente do local e se prepara para defender a amiga apontando o racismo daquele funcionário e exaltando o fato de que Rose havia passado no vestibular e, assim, elas acabaram entrando no restaurante. As amigas jantam no local como se essa fosse a atitude rebelde, mas que, na casa em que acompanhava aquele capítulo (a de Maria), não foi reconhecida nenhuma rebeldia.

Depois do jantar, elas vão até a praia para uma festa. Elas bebem e fumam maconha, que compram no quiosque do Celso. Tudo estava tranquilo e as amigas se divertiam até que a polícia aparece na festa e o policial, Douglas, começa a buscar por drogas, mas antes, ele separa os jovens em brancos e negros, liberando quem era branco para ir pra casa, inclusive Débora. Enquanto isso, ele revista Rose que está com vários pacotinhos de maconha que ela havia comprado para os amigos e é levada a delegacia, enquanto isso, Débora corre para casa abandonando a melhor amiga.

No dia seguinte, a mãe de Rose fica extremamente decepcionada com a atitude de Débora, e mesmo com as súplicas para que fique e as desculpas de que Débora não poderia

fazer nada pela amiga ou acabaria presa, ela vai embora. Para a mãe de Rose, é evidente a postura racista da polícia, de sua patroa e de Débora. E, assim, Rose é presa. E perde a matrícula na faculdade.

Sete anos depois, quando recupera liberdade, Rose volta para a antiga casa que morava, a casa de Débora. A mãe de Rose havia morrido enquanto ela estava presa e a mãe de Débora havia se mudado dali, agora na casa moravam apenas a amiga e seu marido, Marcelo. Débora a recebe de braços abertos, empolgada e determinada a retomar a amizade. Porém, seu marido não compartilha dessa empolgação, para ele, Débora está sendo ingênua ao dizer que Rose ainda é a mesma e que ela ainda a conhece muito bem, afinal esses anos de cadeia podem ter mudado sua melhor amiga, ela pode ter cultivado o ódio e planejado uma vingança pelo fato de que Débora a abandonou para ser presa e ele se mantém irredutivelmente contra a ideia de colocar uma ex-presidiária dentro de sua casa. Mas Débora não abre mão e diz que aquela é a casa de Rose também e, a contragosto do marido, sai com a amiga para jantar.

Durante o jantar, ela tenta justificar para Rose porque saiu correndo na noite em que a amiga foi presa e porque nunca a visitou na prisão, com desculpas meio esfarrapadas e até um pouco insensíveis, mas Rose não parece magoada e a perdoa. Elas conversam sobre o marido de Débora e Rose pergunta quando é que a amiga vai ter filhos já que ela sempre quis e é aí que Débora revela que não pode ter filhos e inicia-se o novo drama das quintas-feiras.

Débora começa um desabafo, contando sobre um episódio extremamente traumático que mudou sua vida para sempre. Durante um carnaval, ela entrou em um beco para acender um cigarro e um homem a puxou para um canto e a violentou. A cena do estupro é forte e bastante incômoda, algo que nunca poderia ser exibido em qualquer outra faixa de horário de novelas. Devido as complicações ocorridas desse episódio em sua vida, Débora não pode gerar filhos. Ela conta também que a polícia fez pouco caso do ocorrido e nunca tentaram encontrar esse homem. Rose fica enfurecida com a situação e já sem nenhuma fé na polícia depois de todas as injustiças e preconceitos que sofreu por parte deles, afirma que eles fizeram corpo mole com a situação de Débora, que se eles realmente quisessem, eles encontrariam quem fez isso e, por fim, ela promete a amiga que vai encontra-lo e que elas farão ele pagar.

Marcelo, marido de Débora, ao saber de toda essa conversa e do plano de buscar esse homem fica, mais uma vez, contra a mulher e repudia essa ideia de vingança ao mesmo tempo que acredita que tudo isso é influência de Rose, a ex-presidiária que ele não aceita em sua casa. Ele que já vivia em atrito com a mulher por conta da presença da amiga, fica ainda mais inconformado quando Débora começa a criar uma obsessão por esse esturador e o plano de fazê-lo sofrer e pagar por seus crimes. Ele quer constituir família, adotar uma criança, esquecer

o passado e seguir em frente e isso significa esquecer também o estupro que Débora sofreu; mas para ela, a intenção de Marcelo de simplesmente esquecer o que aconteceu e deixar este homem impune é falta de empatia com o seu sofrimento.

Débora, apesar de suas falhas com Rose, é uma personagem desamparada. Todos tentam o tempo todo convencê-la a superar (ou melhor, esquecer) o que aconteceu e seguir em frente. O sentimento de vingança nasce da ausência de empatia das pessoas que a cercam, eles se recusam a compreender seu sofrimento e sua humilhação e tratam até com certa banalidade a violência sofrida por Débora. As lembranças e a ideia de que ele ainda está solto por aí a assombram e todos pedem que ela aprenda a conviver com isso. Menos Rose.

Enquanto a amiga alimenta seu desejo de vingança, Rose, como todos os nossos outros protagonistas, tenta retomar a vida. Ela procura um emprego e acaba se encontrando com seu antigo namorado, Celso, que ainda guarda uma foto dela em seu quiosque na praia, há sete anos. O antigo sentimento aflora novamente e eles acabam se envolvendo. Para ajudá-la e também para mantê-la por perto, Celso a contrata para trabalhar com ele, servindo mesas em seu quiosque. Essa notícia logo chega aos ouvidos da atual namorada de Celso, Kellen, que começa a provocar e vigiar Rose e a marcar território no quiosque.

Nesse meio tempo, Rose vai pagar uma dívida com uma amiga da cadeia que salvou sua vida enquanto estava presa, ela busca o filho dela e o entrega para a tia da criança, na praia, conforme as orientações da mãe. Esse neném passa a perturbar a cabeça de Rose que se sente responsável por ele e sempre o vigia quando está na praia trabalhando no tal quiosque. A tia da criança é negligente com os cuidados do bebê, larga ele com qualquer pessoa enquanto está ausente e o usa para esconder drogas em sua fralda.

Todas essas coisas acontecem em paralelo com os planos de vingança das amigas contra o estuprador. Rose aproveita a influência e contatos do seu chefe (e namorado) e pede ajuda de Celso para encontrar o homem que violentou sua amiga, ele rapidamente coloca seus homens a procura do criminoso e eventualmente eles o acham e enviam uma mensagem para Débora avisando que eles estão com o homem. Débora recebe a mensagem e no impulso de concretizar sua vingança (ou justiça, segundo a visão das duas amigas) sai correndo do trabalho. Ela é professora do primário (inclusive da filha de Regina e Vicente, Isabela) e abandona as crianças sozinhas sem avisar ninguém.

O público já esperava que os homens de Celso acabariam encontrando e batendo no homem errado, como, de fato, ocorreu. Quando Débora chega ao local, o tal homem já está todo quebrado e ela, finalmente, diz que aquele não é o cara certo, que eles espancaram um homem inocente. Os capangas, na tentativa de diminuir a gravidade da situação, tentam explicar que,

mesmo sendo o cara errado, ele não era tão inocente assim, que ele tem passagem pela polícia por roubo, mas Débora não quer saber e, cheia de culpa, convida o homem até sua casa e deixa-o dormir no sofá. Rose se opõe a ideia, afinal, mesmo não sendo estuprador, aquele homem ainda poderia ser perigoso. Mas Débora é a dona da casa e ela passa por cima da amiga e acomoda-o em seu sofá. Na manhã seguinte, o homem espancado havia desaparecido e levado vários pertences da casa, com exceção das coisas de Rose que se trancou no quartinho enquanto ele dormia no sofá.

Tudo isso é a gota d'água para Marcelo que já estava desacreditado do relacionamento, das mentiras e da obsessão da esposa. Débora, então, finge que desistiu da ideia da vingança, apenas para agradar e evitar mais brigas como marido, e, sob o falso acordo de paz, eles decidem dar um passo importante em suas vidas e dão início a um processo de adoção.

No dia seguinte, Débora vai a escola em que trabalha e é demitida após sua atitude irresponsável com as crianças, ela esconde de todos esse ocorrido tentando acobertar sua vingança fracassada, e prefere dar uma desculpa qualquer para não estar indo ao trabalho. A essa altura, nem mesmo Rose pensa que a vingança é uma boa ideia. Na verdade, ela acha que isso está fazendo mal para Débora, pois a amiga abriu mão da sua vida para perseguir seu estuprador. Mas Rose não toma nenhuma atitude para impedir a vingança de Débora. Ela acaba envolvida em seus próprios problemas e se afasta dos planos da amiga. É nesse momento que Rose descobre que está grávida de Celso e não sabe o que fazer, se conta ao amante, se mantém o bebê ou se o aborta. E é também nesse momento que Mayara entra em ação, como vimos na história de Fátima.

Mais uma vez, Débora não é um suporte para Rose que, envolvida nas próprias questões que estão consumindo sua vida, não participa dessa decisão importantíssima da amiga, deixando o caminho livre para Mayara orientar e consolar Rose.

Sem saber qual o próximo passo a ser tomado, Débora, por acaso, cruza com seu estuprador, o reconhece e agindo por impulso, decide busca-lo por conta própria. Logo, ele percebe que está sendo perseguido, a reconhece e imediatamente começa a confronta-la e provoca-la insinuando que ela quer mais do que teve naquele carnaval, ele se prepara para estupra-la novamente. Débora se defende e foge. Agora, com mais informações sobre quem ele é, ela usa os homens de Celso para perseguir sua vingança e os envia em busca do estuprador.

Rose continua de olho no bebê na praia, zelando pela sua segurança. Em um determinado momento, um policial aborda a tia da criança por causa da suspeita de venda de drogas e não acredita que ela e o bebê sejam parentes pois a mulher é branca e o neném é negro e ameaça leva-lo. Rose, no impulso de protegê-lo, finge que o bebê é dela, o policial acredita e

ela leva-o dali, pronta para cria-lo sozinha. E, como já sabemos, Celso fica muito feliz com a gravidez de Rose e a chama para morar com ele em sua casa na boate e eles dão início a uma família, agora também com o neném que ela resgatou na praia.

Com o processo de adoção se desenrolando, Débora e Marcelo tem uma visita marcada com a assistente social responsável, porém, na mesma hora, Débora tem uma emboscada marcada para o seu estuprador. Ela tem então de escolher entre a possibilidade de seu futuro filho e seu relacionamento com seu marido ou sua vingança. Débora vai em busca da sua vingança e deixa Marcelo e a assistente social sozinhos aguardando-a por horas.

Novamente os capangas de Celso fazem seu serviço. A cena, mais uma vez, é marcante e muito sangrenta. Débora assiste ao espancamento e enquanto os homens davam uma surra no homem que a violentou, ele não parou de provoca-la e diante dessas provocações, ela acaba perdendo o controle, pega um pedaço de pau e o espanca a pauladas até a morte.

Marcelo, que esperou a tarde inteira por Débora, fica preocupado com o sumiço da mulher, afinal eles planejaram e sonharam muito com aquela visita e somente uma emergência poderia tê-la feito faltar. Ele vai até a escola em que ela trabalha perguntar se alguém tinha alguma notícia e é então que ele descobre que Débora havia sido demitida. E finalmente ele começa a juntar as peças das mentiras de sua mulher. Marcelo entende tudo quando vê a notícia da morte do estuprador e deseja poder ajudar a esposa.

Ela, por sua vez, quando cai em si, fica desesperada ao perceber que havia matado um homem. E, sem se despedir de ninguém, Débora foge pedindo carona na estrada.

4.4 A história de Maurício às sextas-feiras

Às sextas-feiras acompanhávamos a história de Maurício. Ele é contador na empresa de ônibus de Euclides e Antenor e é casado com Beatriz, uma dançarina profissional. Eles são muito apaixonados e para provar isso, a minissérie dedica várias cenas sem nenhum diálogo ou conflito, com os dois dançando, se admirando ou se beijando apenas para mostrar o quanto eles se amam e se adoram.

Isso quer dizer que nosso protagonista de sexta-feira está presente quando Antenor foge com o dinheiro da empresa e os motoristas de ônibus se recusam a trabalhar. Mesmo com todas essas pendências do trabalho, seu emprego não ocupa o lugar principal em sua vida e nem monopoliza sua atenção mesmo durante uma crise dessa proporção, esse lugar de destaque pertence a Beatriz e depois de todo esse drama e de fazer o que podia para ajudar Euclides na

empresa, Maurício vai até a apresentação de dança de sua esposa. Ele assiste sua apresentação no teatro, muito apaixonado e, no fim, espera sua esposa do lado de fora. Ansioso para vê-la.

Em seguida, assistimos a cena que se passou todos os dias da primeira semana da minissérie. É um local onde pelo menos um personagem de cada história se encontra naquele momento. Elisa está saindo de um jantar com um aluno em um restaurante por perto, Rose e Débora estão dentro do ônibus, Waldir está dirigindo o ônibus e todos tem sua atenção direcionada para o evento que ocorre a seguir: Maurício está do lado de fora do teatro, esperando Beatriz, ela vai sorrindo em direção a ele e dá um rodopio no meio da rua, nesse momento, um carro em alta velocidade passa e a atropela. Maurício corre em direção a sua mulher, desesperado. O carro para, o motorista desce e olha pro acidente, era Antenor. Maurício o reconhece e grita pra que ele não vá embora e preste socorro a sua mulher, mas Antenor entra no carro, indiferente, e segue seu rumo acelerado. Essa cena é o que vai alimentar o ódio e desejo de vingança de Maurício.

Antenor está fugindo do país com todo o dinheiro que ele roubou de Euclides e seus funcionários. Ele deixa pra trás sua mulher, Vânia, e seu filho, Téo. Vânia pede para que ele fique ou que pelo menos conte pra ela porque ele precisa fazer essa viagem urgente, mas Antenor pede apenas que ela confie nele e que no futuro eles terão uma vida de luxo.

Após o acidente, Beatriz é levada para o hospital por uma ambulância e recebe atendimento. Pouco tempo depois, o médico conversa com Maurício, diz que sua mulher sofreu uma lesão na coluna e ficará tetraplégica, isso quer dizer que ela nunca mais poderá dançar. O médico também diz que se ela tivesse chegando ao hospital 10 minutos antes, talvez eles ainda pudessem salvá-la, esse detalhe é muito importante, pois aumenta ainda mais a culpa de Antenor nos fatos que irão se suceder com Beatriz.

Todas as cenas que se seguem são pensadas para serem extremamente comoventes. Maurício dá a notícia para Beatriz e ambos se desmoronam emocionalmente. Ao que tudo indica, a dança está para Beatriz assim como Beatriz está para Maurício e essa dinâmica é o que permite que a história tome os rumos que tomou.

Viver uma vida com Maurício é insignificante para Beatriz se ela não puder dançar. Sendo assim, ela pede para que o marido a mate, pois não quer viver dessa forma, na verdade, Beatriz afirma que já se sente morta naquele momento. Ambos usam jogos emocionais para convencer ao outro de que ele está errado. Maurício não quer que a mulher o abandone e Beatriz argumenta que se ele a ama de verdade, não irá condená-la a essa vida infeliz. E Beatriz vence.

Maurício, num ato de amor pela mulher e abdicando da sua maior felicidade que é vida junto de Beatriz, busca a droga que irá matá-la de forma rápida e indolor com seu amigo, Celso

em seu quiosque na praia. Maurício mata Beatriz em uma cena comovente e dramática onde ele se desespera e é arrastado para fora do hospital. E, enfim, Maurício é preso.

Sete anos depois, ele sai da prisão e vai para sua antiga casa onde se encontra com Celso. A partir de uns contatos de seu amigo, Maurício conseguiu trabalhar como contador dentro da prisão para alguns caras e, com isso, juntou uma enorme quantia de dinheiro que seu amigo estava guardando para ele dentro da parede de sua casa onde morava com Beatriz. Ao contrário de todos os outros protagonistas, Maurício não tem planos de reorganizar sua vida, seu único objetivo é usar toda sua grana para se vingar de Antenor.

Antenor é agora candidato a governador de Pernambuco e um assíduo frequentador da boate de Kellen, namorada de Celso e é por meio dessa ligação que Maurício chega até Antenor como alguém que quer investir em sua campanha. O plano de Maurício é oferecer um final de semana de luxo para Antenor, ganhar sua confiança e, na hora de ir embora, oferecer também um helicóptero sabotado, para que Antenor sofra um “acidente” e morra. O plano até que funciona bem, mas o helicóptero cai no mar e Antenor nada até a margem. Além de gastar grande parte do seu dinheiro em um plano megalomaniaco, Maurício acaba ajudando Antenor nas pesquisas eleitorais com esse episódio do helicóptero e abalando sua confiança, mesmo que seja só por um breve período de tempo. Ele consegue reverter a desconfiança oferecendo mais e mais dinheiro.

Finalmente retomamos a um fio solto da minissérie. A história da menina que teve um vídeo íntimo vazado e que aparentemente é desconexa com o resto da série, retorna nessa linha da história. Após ser exposta na internet e ser hostilizada na universidade, ela tenta se matar pulando de uma janela do prédio da faculdade. Mas sobrevive. A pessoa que viralizou esse vídeo é Téó, filho de Antenor e por isso o candidato a governador vai até o hospital chantagear a garota pedindo que ela não denuncie o filho para não prejudicar sua campanha eleitoral, mas ela não cede a chantagem e a imagem de Antenor começa a ficar comprometida.

Voltando ao furo do plano de vingança de Maurício, ele tenta uma nova abordagem, determinado a fazer Antenor pagar. Ele, então, se aproxima de Vânia, flerta e se envolve com ela e vira seu amante com o objetivo de convencê-la a entregar todas as falcatruas de seu marido que é um político corrupto. Tudo isso acontece de forma muito rápida e, aparentemente, isso acontece devido as carências e fragilidades de Vânia. Ela é o resultado de um relacionamento abusivo e violento. Vânia é alcohólatra e depressiva, sem esperança alguma de se livrar dessa vida com Antenor e Téó que é o próprio inferno. Maurício aparece a ela como uma oportunidade de recomeçar depois de tantas humilhações, mas ainda assim, repleta de medo, ela não consegue se decidir sobre armar uma arapuca para o marido ou não.

Sua decisão final vem quando Antenor a agride durante uma discussão. E, assim, Vânia faz uma gravação escondido com o marido revelando seus esquemas de corrupção e entrega a Maurício, além de uma entrevista contando tudo que sabe. Depois disso, ela foge para um hotel onde se esconde de Antenor e começa a ligar para Maurício pedindo que ele a encontre na esperança de começar essa nova vida com seu amante, mas Maurício não responde aos seus telefonemas.

Com a entrevista de Vânia sendo divulgada e essas denúncias se tornando públicas, Antenor tem de preparar uma nova estratégia para se defender e durante um debate eleitoral, ele tenta desmoralizar as palavras de Vânia como se ela fosse louca e doente e tudo não passasse de delírios do álcool e então, para a surpresa do candidato, o vídeo feito por sua mulher com a imagem do próprio Antenor admitindo seus crimes durante uma conversa de café da manhã é exibido ao vivo no programa.

Vânia acredita que Maurício iria protegê-la e que eles iriam começar uma vida nova juntos onde ela poderia ser feliz, mas ele nunca chega a responder suas ligações. Em vez de Maurício, é Antenor que vai ao seu encontro quando descobre em que hotel ela estava se escondendo, com a intenção de fazê-la pagar por tudo isso. Quando Antenor a confronta tentando entender o que a motivou a cometer essas loucuras, Vânia, que já não aguenta mais as humilhações e as agressões, revela para ele que era tudo um plano de Maurício, o queridinho de Antenor e o ridiculariza. Ele, enraivecido, ameaça agredi-la e, tentando se defender, Vânia se desequilibra, cai pela janela do hotel e morre.

Após a morte de sua mulher, Antenor tenta retomar sua vida (principalmente sua vida política), mas é hostilizado em ambientes públicos. A minissérie faz referência aos “panelaços” que foram usados como forma de protesto contra a presidente Dilma na época, Por fim, Antenor é preso, não pelos seus crimes de corrupção, mas por ter sido acusado de matar Vânia, mesmo que ele alegue que não tenha encostado um dedo nela.

Maurício se dá por satisfeito com esse desfecho e vê sua vingança concretizada, ele então pega o que resta de dinheiro e sai dirigindo pela estrada em busca de recomeço. É quando ele encontra Débora pedindo carona, ele a recebe no carro e eles seguem sem caminho.

4.5. Justiça: Uma história de vingança, incômodos e oposições

“O embrião da ideia, a ânima do projeto, foi um caso real. A moça que trabalhava na minha casa me pediu ajuda para tirar o marido dela da cadeia. Ele estava preso por ter matado o cachorro do vizinho que invadia o terreno dele e matava suas galinhas e patos. Na hora me deu um estalo sobre a

questão da Justiça, essa dimensão pessoal das leis. As leis atuam na nossa intimidade. O marido preso deixou a cama dela vazia. É aí que está a força da questão, na cama vazia. Daí nasceu a minissérie.”¹³

Nos tópicos anteriores, conhecemos a trajetória dos nossos protagonistas, a estrutura e o enredo que o público teve de assimilar e acompanhar. Pudemos perceber que a história da minissérie trata, principalmente, da busca por vingança, a parcialidade da justiça e relações conflituosas. Para construir todas essas questões, a minissérie abusa de figura opostas, como explicaremos nos parágrafos a seguir. E antes de seguir com a recepção dos “noveleiros”, gostaria de elaborar uma análise quanto a construção da minissérie.

A tentativa da minissérie de tratar de temas polêmicos e causar incômodo é evidente, um desses assuntos é justamente o racismo. A personagem Rose é negra e essa história tenta falar sobre a questão racial, mas essa problematização não dura mais que alguns episódios e acaba se perdendo. Até mesmo o protagonismo de Rose nos seus próprios capítulos é perdido. Em algumas cenas onde Rose sofre racismo, quem enfrenta os criminosos é sua melhor amiga branca, Débora, filha da patroa da mãe de Rose que trabalha como empregada doméstica na casa dela. Ou seja, o enredo que se propõe a tratar sobre racismo acaba colocando a própria personagem negra em segundo plano, muitas vezes, até mesmo, abaixando a cabeça para diversas ofensas e negligências afetuosas, o que não passa despercebido pelo público e não parece ser muito bem entendido.

Essas representações das pessoas negras são problemáticas desde sempre, como na pesquisa de Heloísa Buarque de Almeida (2001), onde os publicitários que foram entrevistados comentam sobre a pouca inserção de pessoas negras dentro dos anúncios. Segundo esses profissionais, isso parte da própria marca que está anunciando e muitas vezes é acompanhada da justificativa de que famílias negras não teriam o poder aquisitivo de famílias brancas. E, por isso, dificilmente pessoas não brancas protagonizam comerciais. Ou seja, os profissionais envolvidos no desenvolvimento dessas mídias buscam justificar a construção racista tanto de anúncios como de telenovelas e minisséries (afinal, as minisséries, assim como todos os outros programas das emissoras, têm como objetivo atrair anunciantes, como foi explicitado no início dessa pesquisa, portanto, seria possível traçar um paralelo entre a falta de representatividade nas propagandas e a falta de representatividade dentro dos produtos da TV) com a desculpa de estarem representando uma realidade social

¹³ Depoimento de Manuela Dias, autora da minissérie “Justiça” (2016) para o site Gente IG, novembro de 2016. Disponível em: < <http://gente.ig.com.br/2016-09-22/manuela-dias-justica.html>>

A relação entre patroa e empregada também não é muito problematizada na série, mesmo com algumas situações obviamente absurdas. Essa problematização parte quase que totalmente do público e não fica claro, assim como no caso de Elisa e Fátima, se isso é uma provocação da minissérie. Rose permanece como a representação de sanidade e companheirismo dentro da sua história, enquanto que os outros personagens se perdem de seus valores morais e dividem as opiniões da audiência. Rose tem total apoio do público com exceção de que não deveria ser tão branda com aqueles que a abandonaram. Numa série movida por sentimentos de vingança, em momento algum o público torce pelo perdão, que é exatamente o que Rose faz diversas vezes.

Além do racismo, temos uma lista incontável de polêmicas que Justiça tenta explorar. Relacionamentos abusivos, feminicídio, *revenge porn*¹⁴, relação professor e aluna, drogas, prostituição infantil, abuso policial, estupro, eutanásia, alcoolismo, corrupção e outros. A minissérie se propõe, portanto, a criar incômodo e reflexão, mas, assim, como vimos na introdução e na estrutura de telenovelas, Justiça explora vários sentidos comuns e não se aprofunda em diversas questões, assim como não se aprofundou no tema que tratava sobre racismo. Por exemplo, nunca chegamos a saber o desfecho do tal *revenge porn*, e ao que tudo indica, o personagem Téo perdeu a cabeça com a possibilidade de ser preso, mas não chegou de fato a responder por esse crime de alguma forma. A minissérie também nos lembra poucas vezes de que a personagem Mayara é menor de idade e isso não fica na lembrança de ninguém. Enfim, as polêmicas iniciais e principais de algumas histórias são abandonadas, como é o caso de Rose, e outras são exploradas tão superficialmente que até esquecemos que algum dia essa discussão esteve ali presente. Ou seja, a minissérie incomoda, sim, mas ainda é contida por preconceitos e ressalvas.

Outra questão de destaque são as representações de oposição, a minissérie contrapõe vários personagens e suas trajetórias, criando figuras opostas que sempre despertam a atenção e interesse do público. Essa oposição não significa necessariamente “bem” e “mal” e nem sempre polarizou a torcida do público, muitas vezes tratava-se de uma ironia das coincidências e arranjos das histórias dos personagens. Sendo assim, temos duas mulheres presas injustamente (pelo mesmo policial) por causa de drogas e dois namorados que matam suas respectivas namoradas. Enquanto que Vicente é um jovem mimado e possessivo que alimenta um sentimento doentio pela namorada, Maurício é dedicado e mata sua mulher como um ato de

¹⁴ *Revenge porn* é quando vídeos ou imagens íntimas de uma pessoa são divulgadas na internet sem sua autorização por vingança

amor. Os dois personagens que, aparentemente, cometem o mesmo crime, são motivados por sentimentos completamente opostos e, nesse caso, estimulam reações completamente diferentes no público com relação um ao outro. Rose e Fátima, também “cometem” um crime semelhante relacionado a drogas, ambas são vítimas do abuso de poder de um mesmo policial. Enquanto Rose é jovem, recém aprovada no vestibular que está em busca de diversão e de construir uma carreira na área do jornalismo, Fátima é uma mãe de família humilde, mora em um lugar afastado, satisfeita com a simplicidade da sua vida. Nesse caso, ambas as personagens despertam nossa empatia como telespectadores.

Entretanto, há uma dupla que se opõe completamente e que sustenta parte da história, essa dupla é Kellen e Fátima. Por todo o perfil de Fátima que descrevi acima e por Kellen ser uma ex-prostituta e agora cafetina que passa por cima de todos (inclusive por cima de Fátima e Rose) para alcançar seus objetivos, nada discreta ou comportada; essas duas se confrontam diretamente e chamam a atenção do público que, apesar de torcer para Fátima, nem sempre condenam a Kellen. O resultado dessas oposições são comparações entre personagens e um interesse do público em compreender qual a lição de moral a ser tirada dessas representações.

A seguir irei analisar o conteúdo de Justiça e alguns desses pontos que destaquei a partir das recepções das pessoas com quem acompanhei a minissérie.

5 A RECEPÇÃO DE JUSTIÇA

5.1 A recepção de Vicente

A história de Vicente era bastante comentada em qualquer casa que eu estivesse, mesmo que não fosse segunda-feira. O incômodo com Elisa e Vicente era um sentimento constante. Além da relação amorosa rápida, mas marcante, que se estabeleceu entre os dois e que gerou bastante revolta, outras atitudes dos personagens eram lembradas e repudiadas como a necessidade de Vicente em conseguir o perdão de Elisa, o que acabou gerando uma verdadeira perseguição do personagem à sua ex-sogra e mesmo com todas as ferramentas sendo utilizadas para tentar criar algum tipo de empatia do público pelo personagem pós prisão, isso não ocorreu e talvez o objetivo da emissora seja justamente aprofundar esse distanciamento entre personagem e público. A obsessão de Elisa com a memória da filha também era o foco de muitas conversas, aquilo não parecia ser plausível para o público, a não ser que a personagem fosse verdadeiramente louca.

Na casa de Pedro, eles reconheceram o ator que o interpreta e que eu, particularmente, desconhecia (várias vezes usei minha reação como parâmetro para comparar com a reação dos outros), segundo eles, esse seria um daqueles atores envolvidos em produções culturais mais “legítimas”, inclusive o Pedro comentou que ele seria um dos atores que a Globo impede que saia do armário para não deixar de ser uma espécie de galã. Segundo Bourdieu (2007), como foi comentado nos capítulos anteriores, esse tipo de reconhecimento é proporcional a frequência com que se assiste e acompanha o produto. Entretanto, nesse caso em específico, o ator que interpreta Vicente (Jesuíta Barbosa), não está presente nas novelas da Globo, tendo participado apenas de minisséries, que não são tão populares quanto as novelas, e filmes (vários deles inseridos em um contexto cultural mais *underground*). Sendo assim, considero esse tipo de reconhecimento um paralelo entre reconhecer diretores e autores e, portanto, tem caráter distintivo. Afinal, o reconhecimento desse ator foi o único destacado por Pedro e Sandra, já que o resto do elenco da minissérie era composto majoritariamente por nomes bastantes comuns da faixa das 9 horas.

Uma das propostas da minissérie é a de tratar de temas polêmicos e dentro da história de Vicente, um desses temas é o relacionamento abusivo. A série não diz claramente que se trata de um relacionamento abusivo com essas palavras, apesar de ser esse o intuito da linguagem proposta para Justiça, isso poderia acontecer em uma novela, por exemplo, que são mais didáticas; mesmo assim, Pedro e sua mãe, Sandra, utilizam essas palavras para descrever

e reprovar esse namoro. Eles também não deixam passar despercebida a fetichização da atriz que interpreta Isabela, Marina Ruy Barbosa, que constantemente interpreta personagens sedutoras e infantilizadas ao mesmo tempo. Nessa casa, as polêmicas relacionadas a gênero são sempre enfatizadas. Mais uma vez, associo a fluência em certos conhecimentos e, principalmente, em certos vocabulários a posse de capitais escolares e culturais. De um mundo geral, em todas as casas que visitei, era comum a minissérie nunca ser aceita na totalidade da sua mensagem, ela é constantemente interpretada e criticada e, mais do que tudo, nessa casa ela não é poupada de ser problematizada, mas nem por isso, ela é rejeitada e expulsa de dentro do lar das pessoas.

Logo de início, Sandra repara que fazia tempo que não via cenas com cigarro na TV (revelando, mesmo que sem querer, sua identidade de noveleira), isso a incomoda mesmo que o cigarro não carregasse uma conotação negativa ou fosse o princípio de um merchandising social, diferentemente das telenovelas populares onde o consumo de drogas costuma ser estigmatizado.

Dando continuidade a questão do relacionamento abusivo, outra polêmica presente na história de Vicente é a cena em que ele mata sua namorada por ciúme. E, então, Sandra lembrou a quantidade de homens que matam suas parceiras e como isso é banal ao mesmo tempo que é revoltante. Ela repetiu essa observação diversas vezes, até finalmente questionar se esse tipo de representação na TV (do namorado abusivo que mata sua namorada) não estaria inspirando outros caras a fazerem o mesmo. Esse comentário chamou atenção pelo reconhecimento da novela como formadora de opinião (e até caráter), mas ao mesmo tempo nos pegou de surpresa, afinal se a minissérie influencia os homens a cometerem esse tipo de crime, isso os isentaria da culpa?

A ideia da minissérie como influenciadora de comportamento é interessante, porém, a quem ela está influenciando, segundo Sandra? Aparentemente, seu lar e os homens que o compõe estão a salvo das influências dessa mídia, então quem são os homens que deixariam se levar? Provavelmente seriam pessoas mais ingênuas que “levam a sério” as representações das novelas, enquanto que nós apenas assistimos por hobby, ou pessoas com o caráter menos sólido, enquanto que nós temos opiniões formadas e sólidas? Enfim, Sandra expulsa a minissérie da zona de coisas relevantes na formação de suas ideias, mas aponta sua relevância na formação das ideias dos outros. Porém não fica claro quem são essas pessoas que apenas recebem a mensagem da TV e a reproduzem.

E assim como demonstrado nos capítulos anteriores, a novela (nesse caso, a minissérie) é atribuída ao universo do “outro”. Essa observação de sempre atribuir a minissérie o poder de

influenciar o outro, mas não a si é bastante recorrente nas casas em que estive. Mas já adianto que nunca chegaremos a saber quem é esse outro.

Com a morte da personagem Isabela e a passagem dos anos, chegamos a outro ponto de destaque para quem assistia a minissérie. O quarto da personagem Isabela que se mantém intocado mesmo anos após sua morte é sempre um assunto muito comentado e discutido pelo público. Quão verossímil isso pode ser? Segundo Andrea, que demonstrou repulsa pela ideia de morar na mesma casa que alguém que você ama, morreu, esse seria quase que um erro no roteiro, algo difícil de engolir. Ou loucura da personagem. Assim como Andrea, Clara nos disse que não teria ficado na casa e que já que ela ficou, isso seria um sinal de que ela havia cultivado ódio o suficiente para cometer qualquer tipo de loucura, coisa que a personagem não faz ao hesitar em atirar no Vicente por causa de sua filha. Coincidentemente (ou não) quem mais se incomoda com o quarto de Isabela são as pessoas que não possuem filhos.

Não fica claro se esse tipo de crítica é direcionado ao roteiro ou se apenas constata que a personagem é alguém com problemas psiquiátricos na opinião dessas telespectadoras, mas aponta que a questão da verossimilhança é importantíssima e está sempre associada a qualidade da minissérie, há um reconhecimento de que a novela deve, sim, representar uma realidade possível e causar identificação entre personagem e público representando, segundo elas, uma realidade possível. Ou seja, segundo Clara e Andrea, a personagem não pode ser sã ao mesmo tempo que preserva o quarto da filha.

Quando a minissérie não mostra de forma direta que a personagem Elisa é, sim, desequilibrada emocionalmente, ela automaticamente perde parte da sua credibilidade com essas telespectadoras, afinal, da perspectiva destes, não é possível acreditar que as atitudes dela sejam compatíveis com a de uma pessoa equilibrada.

Clara comentou durante todo o capítulo, em tom de humor, que se ela fosse a mãe da Isabela, teria matado o Vicente e a filha dele logo e depois acrescentava, um pouco mais séria, que a personagem Elisa havia cultivado o tal ódio durante muito tempo com toda a preparação e a lembrança viva da Isabela naquele quarto intocado para desistir bem na “hora H” e se deixar comover pela criança. Aparentemente esse plano de vingança era loucura e, portanto, a loucura da personagem deveria ser levada até o fim. Como não foi esse o caso, o erro estaria no roteiro.

A valorização da verossimilhança e coerência do roteiro é um valor também associado a classes, segundo Ondina Fachel Leal em *A Leitura Social da Novela das Oito* (1983), enquanto que a classe popular tem um domínio sobre os códigos da telenovela, sabendo que os personagens podem mudar completamente de personalidade e comportamento, pois, afinal de contas, trata-se de uma ficção cuja a maior importância é que haja uma linha de tempo; as

mulheres da classe que Leal chama de “dominante”, por outro lado, valorizam essa verossimilhança, ou seja, a possibilidade de que aqueles eventos ocorram também na vida real.

A busca de Vicente pelo perdão de Elisa é uma questão presente em diversos episódios, talvez em quase todos. Ao contrário da contradição do quarto de Isabela e o estado mental de Elisa ou do pequeno romance entre ela e Vicente, que foram momentos considerados incoerentes, a busca do perdão era coerente, mas extremamente condenável.

Andrea desaprovou qualquer tentativa dos outros personagens em fazer com que a mãe que teve a filha assassinada fosse compreensiva com o assassino e que o mínimo que ele poderia fazer era se manter longe dela, esse tipo de assédio por parte de Vicente só tornava a vida de Elisa e seu luto de anos muito mais difícil e doloroso. Em suma, segundo Andrea, Vicente não tinha o direito de pedir perdão e deveria sequer frequentar a faculdade em que ela dava aula.

Durante a cena em que Heitor tenta convencer Elisa a perdoar Vicente e, logo em seguida, tem uma conversa particular com Vicente buscando amenizar a situação, na casa de Andrea, tudo isso foi considerado absurdo e insensível. Ela chega a comparar essa conversa entre os personagens Vicente e Heitor com o companheirismo entre homens que se sobrepõe aos relacionamentos entre homens e mulheres, ou seja, Heitor estaria sendo mais fiel a esse “companheirismo” firmado informalmente entre os homens do que a sua namorada de anos, Elisa.

Quando se trata da casa de Andrea, a postura dos personagens masculinos é sempre muito visada e comentada. Até mesmo a conversa entre Heitor e Vicente é criticada como uma traição. Sua solidariedade e empatia está sempre com as mulheres. Os sentimentos provenientes da sua militância no feminismo mesclam com os seus sentimentos com relação a minissérie e moldam sua interpretação. Ou seja, a vivência pessoal é determinante para a construção dessa interpretação e a solidificação de certos valores pode fazer com que todos esses sentimentos e reflexões independam da mensagem que a minissérie quer passar. Afinal, a minissérie (assim como as novelas) portam seus valores e os repassam para o público, mas, a exemplo de Andrea que reagiu as atitudes machistas do personagem Heitor, as pessoas não são folhas em branco que apenas absorvem a mensagem da televisão. Sua vivência consolida valores e esses valores são ferramentas de interpretação dos fatos, inclusive dos fatos não-reais das telenovelas.

Em grande parte de Justiça, a personagem Regina encara a proximidade de Vicente e Elisa com mágoa, revolta e muito ciúme que, a princípio, era representado de forma negativa pela minissérie, apesar disso, Regina nunca toma uma atitude com relação ao seu incômodo. Até então, ela era indiferente para o público, quase nunca era lembrada. Quando finalmente

vemos a personagem reagir e encarar tanto Vicente quanto Elisa, somente nesse momento ela passa a ser reconhecida.

Clara aprova essa atitude na cena em que Regina encara e afronta seu marido. Ela também manifesta descrença de que Vicente não seria capaz de bater em Regina, como a minissérie tenta nos convencer. Daqui até o final de Justiça, Clara toma partido de Regina, talvez porque todos os outros personagens pareçam incoerentes para ela. No geral, apesar de todas as tentativas da minissérie de criar empatia pelo personagem, não presenciei nenhum telespectador que de fato fosse solidário ao Vicente.

A minissérie nos apresenta, então, várias crises nos relacionamentos que acompanhamos até agora e todas incomodaram e revoltaram as pessoas com quem estive. O personagem Heitor passa a receber cantadas e investidas de uma aluna, diante dessas investidas e das tentativas dela de convencer Heitor a lhe dar uma chance, Clara, com quem eu assistia o episódio naquele dia, diz que “homem é otário”, ou seja, bobo, fácil de enganar e que, obviamente, ele cairia no papo dela. Ela também compara a honestidade do reitor com a promiscuidade da aluna, opondo essas duas características para saber qual delas vai “ganhar” e, como ela havia dito antes, já que os homens são todos otários, a honestidade dele quebra.

Paralelamente a iminente traição de Heitor, temos a cena de beijo entres os personagens Elisa e Vicente. Clara a encerra com um “que merda, hein...”. As críticas se dividem entre “minissérie mal escrita” e “personagem louca” (sobre a Elisa) como se tratasse de uma pessoa de verdade, esses dois universos da minissérie (o enredo incoerente que admite a minissérie como um mundo fantasioso e a crítica a própria personagem como se tratasse de alguém com vontade própria) se misturam e muitas vezes não é possível separá-los e compreendê-los isoladamente. A minissérie (e as novelas) comporta incoerências e oposições sem se anular, como, por exemplo, ser negada por todas as classes assim como ela pertence a todas as classes. E mesmo com tudo isso, a minissérie e sua interpretação não deixa de fazer sentido e ninguém deixa de assisti-la.

Ainda a história de Vicente, tem algumas cenas que se mostraram pouco relevantes para o enredo principal, mas que chamaram bastante atenção. Uma delas é a da personagem que tenta se matar após ter um vídeo íntimo vazado. Essa exposição indevida é uma prática cada vez mais comum e a tentativa de suicídio diante desse fato também não é novidade da minissérie, tendo ocorrido eventos muito semelhantes na vida real, muitas vezes esse tipo de material é utilizado como uma forma de vingança contra a mulher que é exposta. E apesar de não estar nos moldes tradicionais, essa cena parece parte de um merchandising social.

Isso fez com que Andrea se recordasse de um episódio da sua vida, ela elaborou um paralelo entre a menina que tentou se matar porque divulgaram um vídeo íntimo seu com uma outra menina que estudou com a Andrea e teve fotos íntimas vazadas pela atual namorada do seu ex-namorado e que a reação dela havia sido reafirmar publicamente que ela era linda mesmo, que as fotos estavam ótimas, que adorava transar e “é isso aí”. Isso despertava a admiração da Andrea, ao mesmo tempo em que ela tinha empatia pela personagem que tentou suicídio.

Outra cena que chamou atenção e deixou Clara confusa foi quando a personagem Elisa recorda que Isabela abandonou a escola e nós somos surpreendidos por essa descoberta. Clara faz diversos comentários sobre como ela poderia ter sido enganada dessa forma e por tanto tempo: “Ela nunca foi em uma reunião de pais?” e conclui que Elisa era uma mãe ausente, insana ou hipócrita, mas que a devoção dela pela filha não era tão romântica assim.

Durante toda a minissérie, Clara trata o desenvolvimento e fechamento da história de forma cômica, o tal deboche que tratamos anteriormente. As traições, os laços familiares, os convites para padrinho e madrinha e as conveniências características de novelas que proporcionam cenas e situações que não aconteceriam na vida real. Enfim, ela parece que considera tudo aquilo absurdo.

Ao final do último episódio, Clara nos pergunta sobre a moral da morte do Vicente e de toda a “Justiça” em si, ela busca uma mensagem final que a minissérie gostaria de ter no passado: “Justiça divina? A gente tem que esperar? Morreu no auge?”. Isso é uma característica das novelas comuns que possuem “moral”, mas, na minha opinião, esse não era o objetivo da minissérie e eu não entendo qual a necessidade de que haja uma moral. Porque o público espera uma lição ao final da série e que tipo de público espera isso?

5.2 A recepção de Fátima

Por algum motivo, as terças-feiras eram os dias da semana em que as pessoas mais desmarcavam minhas idas e, por isso, muito do que elas tinham a dizer sobre essa história, foi dito em outros dias enquanto outros personagens protagonizavam outros enredos, durante os intervalos ou quando as narrativas se cruzavam.

No geral, terça-feira estive, principalmente, com Andrea e seus amigos, seguindo o ritual já mencionado anteriormente. De todas as pessoas da casa, entre seu marido, seus amigos e eventualmente, meu namorado que me acompanhou algumas vezes já que ele tinha amizade com os donos da casa; apenas eu e Andrea acompanhávamos a minissérie, mesmo assim, as

peessoas não se privavam de fazer comentários e também de questionar sobre a linha temporal da história. No próximo capítulo tecerei algumas observações sobre o “assistir indiretamente” às novelas.

A história de Fátima, bastante dramática, praticamente não incomodava ninguém. Os vilões e mocinhos estavam bem delineados (não que nas outras histórias também não estivessem, mas nessa eles desempenhavam papéis bem comuns com os quais o público já estava acostumado) e o final foi reconfortante. Em todas as casas que estive, o final de Fátima era lembrado como um bom final.

Não sei se pela escassez de visitas ou se pelo pouco incômodo que a história dessa protagonista causava, os episódios de terça-feira foram menos comentados. Tamanha era a satisfação e a concordância com as atitudes de Fátima que pouco havia para conversar sobre a sua história, e os papos giravam em torno de exaltar a personagem, sua trajetória, o enredo, o desfecho e a atriz. Até mesmo a prostituição de Mayara é relevada.

Como comentado no capítulo anterior, a minissérie trabalha com figuras e situações que se opõem. Dito isso, tanto Fátima quanto Kellen são mulheres marcantes e opostas. Apesar de ambas serem construídas a partir de estereótipos, elas são aclamadas em várias casas que estive visitando. O fato de Kellen ser uma vilã, não anulou a perspectiva de que ela é determinada e consegue o que quer e que, por isso, o público a admira. Enquanto que Fátima conserva os valores mais tradicionais de uma mulher guerreira e humilde que mesmo com todas as desventuras que acompanhamos na sua vida, ela não se deixa abater.

Na casa de Andrea, a admiração não apenas por Kellen, mas pela atriz que a interpreta, Leandra Leal, é enorme. Andrea se diz apaixonada por ambas, atriz e personagem. Isso não interfere no fato de que ela também admira a Fátima e a atriz que a interpreta, Adriana Esteves. Mais uma vez, creio que a militância dela interfere na sua leitura da minissérie. Assim, não importa se é uma vilã ou uma mocinha, o que realmente importa para Andrea é a questão da representatividade feminina dentro da mídia e, principalmente, dentro de uma das maiores emissoras do país. Andrea quer ver tanto heroínas quanto vilãs sendo representadas por mulheres.

Por ser uma personagem que gerou tanta empatia do público, o final feliz se fez praticamente necessário. Fátima não é controvérsia, não cometeu deslizes, o tiro que ela deu no cachorro nunca foi questionado ou condenado. Fátima poderia ser um personagem de novela comum.

Entre Andrea e seus amigos, é unânime o sentimento de que Fátima merecia esse final feliz. Por ser uma minissérie que se propõe a quebrar a mesmice das novelas, todos esperavam

(mesmo que torcendo contra) um fim trágico e conjecturaram sobre o que poderia dar errado, mesmo que tudo estivesse se encaminhando para um fim com assuntos concluídos e resolvidos, romance, segundas chances e família reunida.

Ser pego de surpresa pelo final de uma minissérie justamente por ela trazer um final tão comum as novelas que assistimos durante a vida inteira é cômico e, ao mesmo tempo, um alívio. A sensação de que aquele era o final adequado que trazia paz as nossas inquietações era compartilhada por todos os presentes na casa de Andrea que não paravam de mencionar quão ideal havia sido aquele desfecho que nada mais era que a reprodução de um clichê de anos. A novela é, portanto, um código extremamente familiar.

Entretanto, para Sandra, o final de Fátima é o melhor por ser, segundo ela, o mais plausível, afinal a vida não seria uma sequência de eventos trágicos e vinganças mirabolantes. Nesse momento, já começo a enxergar que a questão do que é mais plausível ou verossímil tem pouco a ver com os eventos que seriam possíveis na vida real e mais com a realidade familiar da estrutura dessa novela. Irei analisar essa questão tão recorrente em todos os discursos que coletei no campo, mais pra frente.

5.3 A recepção de Rose

Só havia uma protagonista negra na minissérie e apenas uma família negra entres os noveleiros com quem estive. Coincidentemente, assisti ao primeiro episódio da personagem Rose justamente na casa de Maria.

Na casa de Maria, quando ela e suas irmãs, todas negras, assistiam ao primeiro episódio de Rose, foi ironizado e debochado do fato de que “como sempre” a branca era a justiceira e a negra abaixa a cabeça. Essa parece uma representação comum, segundo elas. Mesmo quando a TV fala sobre racismo, é a branca que ocupa o lugar de heroína, corajosa que não teme o constrangimento. Nos primeiros capítulos, temos a impressão de que os capítulos de quinta-feira da minissérie irão se aprofundar em questões sobre o racismo, mas esse tema logo se dilui. Entretanto, as cenas iniciais são marcantes e muito comentadas.

Enquanto acompanhávamos a personagem Rose sendo barrada na porta do restaurante, a casa em que eu assistia a minissérie naquele dia foi tomado por um enorme sentimento de revolta. Para Maria e suas irmãs, mulheres negras reais, não fazia o menor sentido Rose ter entrado no restaurante, mesmo depois de terem “resolvido” a situação. Afinal, para que dar dinheiro para um estabelecimento preconceituoso ao invés de ir atrás de um local onde ela é

bem-vinda? Mas as personagens jantam no local como se essa fosse a atitude rebelde, mas que Maria não reconhece nenhuma rebeldia.

Ainda no mesmo capítulo, temos a cena da prisão de Rose. A intenção da minissérie é deixar margem para que você, audiência, não culpe Débora mesmo com toda a situação racista que se desenrola nessa cena, a amiga de Rose é representada de forma frágil e assustada para buscar alguma empatia do público com a personagem.

Mas, pelo menos dentro da casa de Maria, essa tentativa de sensibilizar o público com a amiga branca não deu certo. Como disse, sua atenção (e das pessoas que iam e vinham dentro da sua casa) nunca se dedicava continuamente a minissérie, somente em momentos pontuais, e esse era um desses momentos em que todos os presentes pararam para se indignar com a prisão de Rose. Antes mesmo de a minissérie trazer as cenas que culpam Débora pela prisão de Rose, Maria e suas irmãs já haviam apontado a falta de companheirismo dela e, segundo elas, Débora deveria ter ajudado Rose mesmo que isso a prejudicasse também. Desde o princípio, elas desconfiam dessa amizade. A minissérie apresenta Débora como uma jovem ingênua e irresponsável, mas bem-intencionada. Porém, dentro da casa de Maria, ninguém compra essa ideia. Desde o princípio deixam claro que não acreditam nessa amizade entre filha da patroa e filha da empregada, de amiga justiceira e amiga injustiçada e quando, finalmente, chegamos na cena em que Débora a abandona, elas respondem com deboche de “eu já sabia”.

Sete anos depois, com a soltura, Rose volta a procurar Débora. Há um grande questionamento na casa de Maria de porquê Rose foi atrás de Débora, se ela por acaso havia visitado a amiga na prisão, pois esse era o mínimo que ela poderia fazer depois de tudo, enfim, muitas perguntas sobre o relacionamento das duas, relacionamento que já não fazia mais sentido para aquela audiência. E Maria e suas irmãs já esperavam o pior de Débora novamente. E acertaram.

Mais uma vez, todas estavam indignadas com a amiga que além de abandoná-la, nunca foi visita-la na prisão. A sala de Maria ficou repleta de comentários de que “ninguém quer uma amiga assim”. E, por fim, todas concordaram que isso já era de se esperar diante de todas as atitudes condenáveis que a personagem havia tido com relação a sua amiga.

Após esse primeiro episódio, enquanto estive nas outras casas, tentei conversar sobre a prisão da personagem Rose e a culpa de sua amiga Débora, mas ninguém pareceu tão indignado quanto na casa de Maria. Na verdade, esse era um assunto quase que esquecido dentro das outras casas e rapidamente a atenção e a empatia desse público passaram para Débora.

O foco dos capítulos se tornou a busca de Débora por vingança. Durante esse novo tema, me ausentei da casa de Maria que, como vimos no capítulo “Os Noveleiros”, não acompanhava

a minissérie e com os novos arranjos das visitas, passei a frequentar a casa de Pedro algumas quintas-feiras.

Na cena em que a personagem Débora chega para ver seu suposto estuprador apanhando, os homens presentes na casa naquele dia em que assistíamos Justiça, Pedro e Luiz, ironizam dizendo que ela queria tanto isso e agora está fraquejando e Sandra responde que é normal “dar um cagaço na hora H”. Eles consideram a sequência previsível e antes mesmo que algo aconteça, eles já comentam que aquele não seria o cara certo e partir daí começa as cenas consideradas, unanimemente, absurdas em que a personagem age de forma quase que incoerente, começando pelo convite dela ao cara que havia apanhado para dormir em sua casa.

Apesar de ter levado uma surra no lugar de outra pessoa injustamente, todos na casa de Pedro concordam que ela não deveria tê-lo colocado para dentro de casa já que, agora sim, ele teria motivo para fazer mal a ela. A imprudência da personagem incomoda a todos e os fazem questionar a qualidade do roteiro.

Diante de todas essas atitudes ingênuas e precipitadas, como sair correndo da escola e levar o homem desconhecido para casa, a família de Pedro acha quase que cômico e ele chega a comentar que a partir daquele momento tudo que aconteceu de ruim a ela era culpa dela mesma. A minissérie busca ser tensa, mas não há tensão se não há verossimilhança, na visão do telespectador, e coerência nas decisões da personagem. Entretanto, esse não é um fator decisivo ao ponto do público deixar de assistir a minissérie.

Com todas as mentiras da personagem para acobertar seu plano de vingança e disfarçar as consequências sofridas pelas suas atitudes irresponsáveis, Luiz diz que a vida dela se tornou uma mentira e eles condenam essa nova realidade confusa em que a nova protagonista se inseriu.

Outro aspecto da vingança da Débora era como isso interferiria no processo de adoção dela e de seu marido. Afinal, ela estaria ou não preparada para isso? Na casa de Pedro, isso foi uma discussão que durou praticamente um capítulo inteiro, onde Sandra e Luiz tinham opiniões opostas. Luiz acreditava que ela não deveria adotar uma criança enquanto continuasse planejando se vingar, e Sandra acreditava que isso não tinha nada a ver, que tanto a necessidade de vingança quanto a adoção eram vontades compreensíveis e até de certa forma conciliáveis. Ela tinha o direito de buscar sua “justiça”, assim como tinha o direito de ter um filho.

Na casa de Pedro, eu percebia uma empatia maior de Sandra com a personagem do que de Luiz ou de Pedro e, por isso, me chamou a atenção quando ela contou que havia assistido uma entrevista no programa Encontro da Fátima Bernardes com a atriz que interpreta a Débora e que ela concordava que a atitude da personagem se devia ao desamparo legal que uma vítima

de estupro sofre. Nenhum dos demais personagens e nem mesmo a lei estavam interessados ou entendiam o que ela passava e isso a levou a atitudes extremas e Sandra era bastante solidária a isso.

O fechamento dessa linha da história foi considerado por todos na casa de Pedro como um “acerto de contas” do destino. A personagem que havia sido abandonada e presa injustamente agora estava bem, constituindo família e a outra que a abandonou agora estava sem rumo tendo que fugir e perdendo tudo que amava.

Acho que posso considerar, então, que essa família também refletiu sobre a lição ou a moral da minissérie, buscando um significado ou uma mensagem naquele desfecho. Ou seja, essa é uma prática que se repete dentro das casas que estive e que irei analisar mais pra frente.

5.4 A recepção de Maurício

Nesse dia da semana, fui principalmente a casa de Luísa e Bia, calhou de que a história que mais tratava sobre política, eu assisti justamente com a casa que comportava as visões mais opostas sobre o assunto. Elas discordavam de quase tudo, mas concordavam sobre a beleza do ator Cauã Reymond (que interpreta Maurício) quase toda vez que ele aparecia na televisão. Elas também concordavam que as cenas românticas eram exageradas – o ponto de, na opinião delas, se tornarem cômicas.

Durante minhas idas a essa casa, enquanto acompanhávamos a história de Maurício, elas fizeram referências ao cenário político nacional do momento, mas nem sempre do mesmo viés e também nem sempre interpretando o posicionamento da emissora da mesma maneira. De qualquer forma, elas julgam que a Globo joga com esses eventos e com a opinião pública.

Mais uma vez, elas se colocam fora do universo das novelas e minisséries. Apesar de serem assumidamente noveleiras e reconhecerem esse produto como um formador de opiniões e valores, elas não acreditam estar dentro do alcance da influência dessas narrativas. As novelas e minisséries podem influenciar outras pessoas, mas não a elas que já teriam suas ideias feitas. Novamente, é atribuído um caráter ambíguo a relação das pessoas com as novelas e minisséries e que, como foi dito anteriormente, não torna a minissérie incoerente.

A morte da personagem Beatriz causou diversos comentários. Primeiro que Bia não conseguia deixar de achar graça no fato de que a cena foi exibida todos os dias durante a primeira semana da minissérie, todo dia a mulher de Maurício era atropelada. Segundo que durante esse episódio, Luísa comentou que, na opinião dela, o autor havia pecado quando fez com que tudo acontecesse tão rapidamente desde o acidente até a decisão da personagem de

querer morrer. Segundo ela, ninguém desiste da vida logo de cara quando fica tetraplégica, afinal, há tratamentos, curas novas para serem testadas e descobertas, etc. A personagem deveria lutar e perseverar (um comportamento que eu considero bem comum em protagonistas de novelas tradicionais). Luísa também reparou em como ela não estava machucada e inchada e que o diagnóstico final saiu em menos de 24 horas. Resumindo, tudo foi muito ligeiro e superficial.

O curioso nesse caso é que a verossimilhança do enredo, segundo a interpretação de Bia e Luísa, está justamente associada a um comportamento comum de novelas e que são, inclusive, o ponta pé inicial de muitas histórias exibidas as 21 horas na Rede Globo. Provavelmente, a vida real não é tão otimista quanto as protagonistas da TV que sofrem acidentes (e talvez não sejam tão pessimistas quanto a personagem que decide abrir mão da sua vida com apenas algumas horas para refletir sobre o assunto), mas o interessante é que a realidade e a representação da novela se confundem nessa interpretação sobre o que seria mais plausível.

Em vários momentos temos provas do mau-caratismo de Antenor. Dá um golpe no seu sócio e funcionários, atropela e não presta socorro a Beatriz, corrupto, trai sua mulher na boate da Kellen com Mayara, encobre todos os crimes do filho e é abusivo com Vânia. Antenor é um vilão típico, não há uma outra face a ser descoberta, uma fragilidade ou uma insegurança que gere empatia, ele é odiável sem ressalvas e tudo isso é representado na figura de um político. Esse fato é curioso, pois reforça a aversão a política e políticos num geral, um sentimento que já é tão comum na cultura do brasileiro.

Um dos pontos da composição desse personagem, era sua relação com Mayara (filha de Fátima) no bordel de Kellen e sobre o qual Bia e Luísa discutiam. O debate girava em torno do fato de Antenor ser candidato a governador, rico (devido ao golpe na empresa de ônibus e isso é outro ponto de discordância entre as duas, já que elas não conseguiam chegar em um acordo sobre os detalhes do tal golpe e às vezes até se confundiam com os eventos que envolviam essa parte da minissérie) e frequentador de um bordel barato. Para Bia, isso não fazia sentido nenhum, ele poderia muito bem frequentar um lugar de luxo. Para Luísa, “político é assim mesmo” e que prostitutas de luxo não são confiáveis para um cara na posição dele, além disso, o interior do Nordeste funcionava dessa forma mesmo como retratada na minissérie. E, então, houve outra discussão em consequência dessa representação da minissérie:

Bia: “Isso não é o interior. ”

Luísa: “É sim. Isso é o que? Ceará? ” (A história se passa em Recife)

Bia: “Olha o mar! ”

Luísa: “Qualquer interior no Nordeste tem mar. ”

Bia: “Como é que interior tem mar?!”

Para fazer valer seu ponto e (tentar) encerrar a primeira discussão, Luísa comparou essa história da minissérie com a de um político que foi flagrado num barco com diversas garotas, inclusive menores de idade.

Na casa de Bia e Luísa, o plano de vingança de Maurício não fez sentido algum e cada vez mais essa linha da história estava “difícil de engolir”, segundo Luísa. Primeiro, a ideia do personagem de Cauã Reymond para matar Antenor era muito mirabolante e cara. Segundo que, ainda por cima, contra todas as possibilidades, ela deu errado. Dentro dessa casa, a verossimilhança é um fator muito importante para a qualidade da novela. É comum que tanto Bia quanto Luísa discutam e destaquem justamente esse aspecto ao longo do capítulo.

Enfim, tudo isso foi absurdo para as duas em vários níveis. Segundo elas, ele poderia simplesmente ter contratado alguém para fazer o serviço. Afinal, como ele mataria Antenor agora que gastou toda essa grana? E quem é que sobrevive a uma queda de helicóptero no mar? Elas até acharam graça da possibilidade do helicóptero ser investigado e Maurício voltar para a cadeia, mas isso não chegou a acontecer.

Luísa comparou a queda do helicóptero do personagem Antenor, sabotado, e a queda do avião do candidato Eduardo Campos¹⁵, para ela, isso foi uma “boa sacada” dos roteiristas. Não entendi muito bem se ela quis dizer que a Globo estava tomando algum tipo de partido ou se estava apenas fazendo referências. O fato é que Luísa traz um paralelo da minissérie com a vida real, ela cria essas ligações rapidamente e mais de uma vez, como foi exemplificado antes.

Essas observações levam a crer que para capturar algumas referências da minissérie, é necessário certo capital cultural, conhecimentos gerais, não necessariamente eventos como esse do candidato Eduardo Campos que foram amplamente divulgados pela mídia, mas conhecimentos de eventos políticos semelhantes que ela trazia constantemente para as conversas e para comparara com a minissérie e que eu e Bia desconhecíamos.

Finalmente na história de Maurício, retornamos a cena da menina que tem seu vídeo íntimo vazado. Ela não acrescenta muito para nenhuma história principal, alguns eventos secundários se desenrolam por causa dela, mas nada que tenha apreendido a atenção do público ou que influenciou nos rumos dos personagens, principalmente dos protagonistas. Esse episódio problematiza a questão dos homens que expõem suas namoradas ou ficantes na internet, mas é apenas superficial, sem mais do que cinco minutos dedicada a esse tema por capítulo. O que

¹⁵ Em agosto de 2014, o então candidato a presidência, Eduardo Campos, sofreu um acidente fatal de avião e nas redes sociais iniciaram-se várias teorias com o que poderia ter causado o tal acidente, inclusive a possibilidade de sabotagem.

parece, então, é que o objetivo principal de tudo isso é nos dar mais materiais e exemplos para compor toda a maldade do personagem Antenor e de seu filho, Téo que é quem divulga o tal vídeo.

Fora os comentários da Andrea sobre essa parte da minissérie, como vimos na história do personagem Vicente, houve poucas lembranças desse ocorrido nas outras casas, pouco ou nada se falou sobre o assunto. Entretanto, na casa de Maria, onde assisti ao capítulo em que Antenor tenta chantagear a moça, essa cena foi bastante comentada. A atitude da personagem em recusar a chantagem não fez muito sentido para a audiência, afinal ela se punha numa situação de risco que não era compatível com a realidade. Na casa de Maria foi dito: “aceita o cheque e depois mete o pau”. Ela e minha mãe, que sempre me acompanhava nas idas a casa de Maria, concordavam que não aceitar o cheque era burrice ou ingenuidade, tanto porque ela perderia uma grana, quanto porque o Antenor poderia se irritar e matá-la ali mesmo.

Várias vezes me envolvi como a minissérie e desde minha primeira visita, pretendi assistir a Justiça como assistiria se tivesse em minha casa. Sendo assim, eu tinha minhas personagens preferidas e Vânia era a que mais gostava. Por esse motivo, me peguei fazendo diversos comentários tanto sobre a personagem quanto sobre a atriz.

Em resposta a toda minha falação, Bia diz que não gosta dessa personagem, ela se incomoda quando uma atriz é escalada para interpretar sempre os mesmos tipos de personagem, como acontece com Drica Moraes que dá vida a Vânia. Esse tipo de mesmice, desvaloriza o potencial da atriz e recordamos alguns papéis recentes dela onde quase sempre ela é uma esposa vivendo injustiças e violências.

Essa linha do enredo da minissérie é bastante política e permeada por referências à eventos da vida real. Mesmo quando eu não percebia nenhuma ligação entre a cena e qualquer notícia recente envolvendo políticos, Luísa e Bia apontavam e elaboravam esse paralelo, como exemplifiquei nos parágrafos anteriores. Mesmo nas cenas não que pareciam fazer referências tão diretas a eventos específicos, como a da discussão sobre se era plausível um candidato a governador frequentar um bordel de segunda linha, as duas eram afiadas em apontar esses eventos e fazer comparações. Isso parece compreensível e até necessário dentro dessa casa quando pensamos que ambas discordam em várias questões ideológicas principalmente sobre o cenário político atual e que o domínio do conhecimento desses eventos é que determina a vitória em suas discussões.

Sendo assim, Luísa e Bia estavam o tempo inteiro destacando esses eventos com referências e fazendo comparações. No capítulo em que o vídeo do personagem Antenor confessando seus crimes é vazado e pouco depois, sua mulher, Vânia morre caindo da janela

do hotel, Bia e Luísa fizeram, mais uma vez, um paralelo com o vazamento do vídeo do candidato Antenor com um vídeo do Eduardo Cunha e posteriormente ironizaram que, mesmo diante de todas essas circunstâncias que prejudicavam a candidatura do vilão, o personagem ganharia as eleições por causa do luto da morte da esposa, o que não aconteceu.

Mais para frente, vemos mais um desses eventos: o pанаção em protesto a Antenor enquanto ele tenta almoçar em um restaurante. Essa referência faz com que Bia dê risada, ela acha cômica a ideia dos pанаções na vida real e ainda mais cômico que a Rede Globo leve eles a sério a ponto de representa-los na minissérie. Para Bia, o pанаção é uma manifestação elitista, pouco eficiente, contra uma presidenta que não deveria ter perdido seu cargo e a favor de políticos e partidos que são mais corruptos e menos interessados na população. O pанаção foi principalmente um movimento de classe média, mas, mais uma vez, a classe média não age de forma homogênea e dentro dessa casa, Bia achava esse ato uma verdadeira piada.

Bia diz ainda que “Justiça” lembra “House Of Cards”¹⁶, não pela política (um dos pontos centrais dessa linha da minissérie), mas pelos assassinatos. A quantidade de mortes parece ser algo bem relevante para ela, é como se todo dia fosse necessário que alguém morresse dentro da minissérie.

O fim dessa história não gerou muitos comentários. As personagens com quem tínhamos empatia, morreram, Maurício busca recomeço e o vilão Antenor está preso. Parece que foi um desfecho suficientemente agradável. Afinal, esperávamos um final trágico, mas, como manda a cartilha das novelas, o vilão se deu mal e isso foi suficiente para nos deixar satisfeitas. Na casa de Luísa e Bia, não houve buscas para entender qualquer tipo de moral no final da história, o que difere de pelo menos algumas casas que estive.

Antes de vermos o fim da minissérie, Bia diz que “a minissérie tem cara de que o mal triunfa”, como se fosse uma forma de mostrar que “isso é Brasil”, mas que ela preferia um final mais ameno, que ela precisava de um “alívio” pois já tinha visto gente demais morrer. De qualquer forma, ela prevê um final trágico. O que não chega a se concretizar completamente.

Esse comentário me dá impressão de que Bia domina melhor o código de uma minissérie e não espera dela os clichês de uma novela, mesmo assim “Justiça” explora alguns desses clichês e talvez ela tivesse acertado e cheio quanto ao final totalmente trágico se pensássemos na história de Vicente.

¹⁶ Série dramática sobre a política norte americana disponível na Netflix.

5.5 O que é verossímil?

*“A dramaturgia precisa ser verossímil enquanto a realidade é livre para ser absurda.”*¹⁷

Diante de todos esses relatos sobre a minissérie e sua interpretação, acabamos esbarrando sempre num mesmo ponto: a verossimilhança dos personagens e do enredo. Entretanto, não fica claro o que isso significa. Nós percebemos, a partir das falas das pessoas com quem estive acompanhando a minissérie, que a tal verossimilhança é importantíssima e necessária nesse tipo de produção, mas não chegamos a saber o que isso implica na realidade.

Sendo assim, pretendo analisar esse ponto comum em todas as casas e, para isso, utilizarei o termo “verossimilhança” como uma categoria nativa que possui seus próprios significados quando inserido nesse contexto.

Primeiramente, lembraremos dos comentários das recepções de cada linha de história de Justiça. Todas elas foram fortemente criticadas pelas questões da verossimilhança. Não eram histórias plausíveis e seu caráter fantasioso, forçado, com situações por demais convenientes, era algo incômodo e tratado como um desleixo do roteiro, os desfechos eram vistos como inverossímeis, trágicos além da conta. Entretanto, uma linha da história foi considerada agradável e até chegou a ser classificada como plausível, a história de Fátima.

Ao meu ver, a trajetória de Fátima é tão mirabolante quanto as outras, mas ela continha elementos que faltavam as demais: a história de Fátima era repleta dos clichês de uma telenovela convencional. Desde a representação de estereótipos, Fátima é a própria mocinha injustiçada, batalhadora e honesta que não busca vingança e apenas quer reconstruir sua vida com seus filhos, ela perdoa até mesmo seu vizinho e pede para que Mayara também esqueça de Kellen; além disso, temos o final feliz que sempre era lembrado como adequado e as atitudes da protagonista humilde que só se revolta quando tem de defender sua própria filha. Fátima está sempre nos levando pelos caminhos familiares de uma novela, utilizando de um código que dominamos bem.

O que quero dizer a partir dessas reflexões é que a ideia de verossimilhança que o público tanto buscou na minissérie está mais ligada às expectativas para que o enredo se desenrole como o de uma novela convencional do que com a possibilidade desses eventos ocorrerem na vida real. Quando a minissérie precisa ser verossímil, ela, na verdade, precisa ser

¹⁷ Depoimento de Manuela Dias, autora da minissérie “Justiça” (2016) para a revista digital Veja, setembro de 2016. Disponível em: <<http://veja.abril.com.br/entretenimento/manuela-dias-criadora-de-justica-agora-quer-escrever-novela/>>

familiar e se organizar da maneira que estamos acostumados a assimilar a partir de uma telenovela. Nesse caso, isso quer dizer finais felizes, mocinhas e vilões bem delineados, alguns valores presentes na personagem Fátima que é humilde, honesta e batalhadora e até mesmo lições de moral no final de cada das histórias.

6 CONCLUSÃO

Minha conclusão acerca desse trabalho irá abordar os principais pontos com relação a recepção, a interpretação e ao uso social da minissérie. Ao longo dos capítulos destacamos pontos que chamaram a atenção e que retomaremos agora. Dessa forma, trataremos respectivamente sobre os códigos familiares de uma telenovela, sobre o ritual de socialização que envolvia assistir uma telenovela, a atribuição do universo da telenovela ao “outro” e as problematizações e engajamento do público (especificamente desses “noveleiros” com quem estive).

6.1 Novela x Minissérie e seus códigos familiares

Primeiramente, a recepção da telenovela por essas pessoas que compuseram minha pesquisa, nos trouxe conceitos interessantes que mesclam o que é plausível com o que familiar. A questão da verossimilhança foi um dado novo que demorei a identifica-lo por estar ausente na literatura a respeito do assunto. Os códigos da novela convencionais que permeiam diversas faixas de horário na Rede Globo são tão familiares que o público os espera mesmo quando está assistindo a um produto diferente, como Justiça, que busca provocar novos sentimentos no público por meio do incômodo que seu enredo causa no telespectador. Durante os capítulos sempre era ressaltado a necessidade de eventos específicos para justificar o protagonismo daqueles personagens (como encontros que permitissem a interferência direta de um personagem na história do outro). Também eram muito questionadas (ou buscadas) as lições de moral do final da minissérie, algo muito comum também das telenovelas, mas que não necessariamente estava presente nas histórias de Justiça. Algumas pessoas simplesmente aceitavam que não havia necessidade dessas lições, como Bia e minha mãe, mas a maioria buscou um significado maior nos eventos, algo que justificasse toda aquela história, algumas vezes dizendo até que sem a tal lição de moral não haveria porquê de toda aquela narrativa.

Dessa forma, mesmo a minissérie sendo um produto diferente das telenovelas, pude perceber um pouco do que significava assistir a uma novela, pois a todo momento os comentários, a satisfação e o incômodo das pessoas criavam um paralelo entre minissérie e novela. Assistir a uma novela, portanto, significa dominar códigos já conhecidos e que trazem tranquilidade por sua previsibilidade. Isto é, a sensação que tive é de que assistir a uma novela e dominar os seus enredos tradicionais e, muitas vezes, repetitivos é uma habilidade que a maioria de nós possui. A intimidade com que tratamos as histórias, os personagens e até mesmo

os atores, mesmo aqueles que não assistiram a um capítulo sequer, coloca a novela numa relação de intimidade com o nosso cotidiano. A novela, por si só, é pensada para que o telespectador não precise ver todos os seus capítulos para acompanhar a história, afinal, é ingênuo pensar que durante meses alguém terá sempre aquela faixa de horário disponível quase todos os dias da semana, além disso, mesmo que você não se sente na frente da TV e assista atentamente, a novela lhe cerca nas propagandas da própria novela, nos anúncios, nas referências em outros programas, nas conversas dentro da faculdade ou do trabalho, na nova moda que surge, no novo vocabulário, ou até mesmo na sua casa quando outras pessoas se reúnem para assisti-la e comenta-la. É comum que se diga que para entender algumas novelas é necessário assistir apenas ao primeiro e ao último capítulo, a talvez seja, de fato. Afinal estamos acompanhando seus desdobramentos em diversas outras esferas de nossas vidas além daquela que envolve sentar e assistir a TV.

A minissérie, por ser um produto mais dinâmico com menos capítulos e por se passar em um horário que acaba por limitar e selecionar um pouco a sua audiência, talvez não provoque o mesmo que a telenovela, mas, ainda assim, diante do comportamento dos amigos de Andrea, percebo que o reconhecimento da possibilidade de assimilação rápida de toda uma história de horas e dias em apenas 40 minutos (que era o tempo que passávamos com eles) é o mesmo de quando assistimos a uma novela.

Sendo assim, os amigos de Andrea que nada sabiam empiricamente sobre a minissérie, pois nunca a haviam assistido, tudo sabiam sobre seu enredo.

Em segundo, além dos paralelos entre novela e minissérie, percebi alguns eventos na recepção da minissérie que também gostaria de explorar a seguir.

6.2 A novela como um espaço de socialização

Sempre que chegava a casa de alguém, com exceção de quando estava atrasada, conversávamos sobre os capítulos anteriores da minissérie e, às vezes, sobre a novela das 21 horas, Velho Chico que dificilmente não estava passando na televisão naquele momento. Também era comum que conversássemos durante a minissérie sobre a mesma, apesar de que durante o capítulo as regras para conversação são mais restritas tendo em vista que algumas cenas e diálogos exigem atenção ou simplesmente prendem mais a atenção. Também conversávamos durante os intervalos sobre a minissérie, às vezes fazíamos aquele comentário mais exaltado que guardamos durante alguma cena para não atrapalhar os demais. E, enfim, ao final do capítulo, conversávamos mais uma vez sobre a minissérie.

Assim como demonstrei no capítulo sobre minha rotina de campo e dos noveleiros, esse era um comportamento esperado. Assistir a uma novela ou minissérie em completo silêncio era desconfortável, criava um clima de formalidade e constrangimento. Ao contrário de um filme no cinema ou um documentário na Netflix, quando se assiste a uma telenovela, é normal e até incentivado que se converse.

Por isso mesmo, sempre que sentávamos para acompanhar *Justiça*, estávamos delimitando a minissérie como um espaço de socialização. Como Bia que assistia novelas e séries com a mãe para passarem mais tempo juntas, como Andrea que sempre recebia os amigos em casa das terças-feiras. Eles pediam pizza e fumavam maconha e mesmo que eles não acompanhassem a minissérie como ela, eles comentavam e acompanhavam o capítulo do dia e como Sandra que assistia com a família debatendo as escolhas dos personagens, principalmente com o marido.

Outra forma de socialização perceptível, entre as pessoas mais jovens como Bia e Andrea, era por meio das redes sociais. Conforme os capítulos se desenrolavam, elas postavam no Twitter suas impressões e algumas piadas a respeito da minissérie e logo outras pessoas respondiam e interagiam com aquelas postagens. É inclusive bastante comum que se criem *hashtags* para identificar os comentários de um determinado programa de TV. Além disso, Bia reservava o horário da minissérie para conversar no *Whatsapp* com uma amiga que também estava assistindo a todos os capítulos como ela.

Enfim, a novela, como pude perceber por meio dessa pesquisa, é um momento de reunião e socialização entre aqueles que assistem a novela e até aqueles que as acompanham de forma indireta.

6.3 Os outros

Uma questão bastante presente na introdução desse trabalho e na bibliografia que o acompanha é o discurso das pessoas que se distanciam do universo das novelas e a colocação de que elas sempre pertencem ao domínio do “outro”. Antes de ir a campo, esse era um dado que presenciei apenas nos livros, mas que me chamava bastante atenção. Com minha ida ao campo, percebi bastantes discursos que se alinhavam a essa ideia.

Como mencionado nos capítulos anteriores, a novela é pensada como uma influenciadora de atitudes e valores, mas sempre uma influenciadora que tem poder sobre o “outro” e nunca sobre nós mesmo. Mais de uma vez há uma preocupação de que esse “outro”

se deixe levar pelas violências expostas em *Justiça*, ao mesmo tempo que se admite que o interlocutor dessas preocupações e os seus iguais estão imunes a esse tipo de influência.

A percepção desse tipo de dado e o consenso, dentro do campo, de que novelas não são uma produção de grande prestígio e chegam até a ser cômicas diante dos absurdos e conveniências mesmo em suas cenas tensas e dramáticas, como vimos no capítulo anterior, dá a impressão de que essa expulsão da novela de dentro do seu domínio possui um caráter de distinção. De acordo com o próprio conceito e categorias de gosto que exploramos de Bourdieu, o gosto legítimo, da classe dominante, não poderia, ao meu ver, estar atrelado a uma minissérie por todos esses motivos que explorei acima. Por isso mesmo, assistir a minissérie, mas negá-la ao mesmo tempo é uma forma de se elevar numa hierarquia social de capitais escolares e culturais, afastando-se do gosto e estética popular.

6.4 Justiça e as problematizações

O objetivo desse trabalho era perceber a recepção da minissérie *Justiça* dentro de uma camada tratada muitas vezes como homogênea, porém extremamente diversificada. Ao contrário do que é comum na literatura do gênero, não pretendi criar comparações a partir de oposições de classe e, sim, compreender as particularidades desse grupo em si, sem tratar dos extremos.

No decorrer desse trabalho vimos características de recepção que são amplamente atribuídas a uma classe em específico, A ou C, que se opõem e contrastam. Ao invés de características específicas bem delineadas por distinções de classe, dentro dos lares analisados, vimos uma mescla de vários desses atributos. Ou seja, a classe média transita entre os extremos.

Entretanto, algumas coisas se destacaram como presente em quase todas as casas e ausentes na literatura selecionada. A classe média guarda alguns símbolos de distinção quando assistem a minissérie, como, por exemplo, seu próprio discurso de atribuir ao “outro” a característica de ser um noveleiro. E, ainda, essa prática particular que explorarei agora.

Com exceção da casa de Clara, a audiência esteve sempre engajada em questões de gênero, violência, preconceito, ideologia e política, mesmo aquelas que não se auto declaravam militantes de alguma forma ou engajadas em algum tipo de movimento. Era comum que cenas fossem problematizadas, que relacionamentos fossem questionados, que eventos políticos fossem apontados. Sempre são traçadas comparações e levantadas questões sobre essas polêmicas, por exemplo, quando Sandra problematiza a atitude de todos os personagens que são passivos e omissos diante do estupro sofrido pela personagem Débora. Esse tipo de

problematização vem até mesmo em momentos em que a minissérie não parece querer provocá-los como na casa de Maria em que se fala sobre a relação entre patroa e empregada e onde a representação da personagem branca defendendo a personagem negra do racismo é bastante criticada e vista de maneira nem um pouco heroica.

O público estava sempre disposto a iniciar discussões acerca das representações da minissérie e também apontava mais de uma vez que “outras pessoas” poderiam simplesmente assimilar o enredo da novela, sem questioná-lo e se deixar influenciar por caminhos duvidosos, enquanto que eles estariam prontos para assistir a Justiça de forma crítica.

Esse engajamento, portanto, a partir do seu próprio discurso, os diferencia do resto da audiência de uma minissérie ou uma telenovela e é uma ferramenta de distinção dos demais públicos e principalmente do “outro” que é ignorante e influenciável. Ou seja, o que esse discurso nos leva a crer é que essas famílias estão assistindo a minissérie de forma reflexiva e que não fazem parte da parcela que pode ser influenciada por esse produto cultural, segundo eles próprios.

7 BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Heloísa Buarque de. “Classe média” para a indústria cultural. **Psicol. USP**, São Paulo, v. 26, n. 1, p. 27-36, abr. 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-65642015000100027&lng=pt&nrm=iso>, acessos em junho, 2017.

ALMEIDA, Heloísa Buarque de. **Muito Mais Coisas: Telenovela, Consumo e Gênero**. 2001. 160f. Tese de doutorado em Antropologia Social. Departamento de Antropologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas, Campinas – SP.

BOURDIEU, Pierre. **A Distinção**. 1ª edição. Porto Alegre – RS: Zouk, 2007. 556 p.

FILHO, Ciro Marcondes. **Quem Manipula Quem? Poder e Massas na Indústria da Cultura e da Comunicação no Brasil**. Petrópolis – RJ: Vozes, 1986. 163 p.

HAMBURGER, Esther. **O Brasil Antenado** A Sociedade da Novela. Rio de Janeiro – RJ: Jorge Zahar Editor, 2005. 193 p.

LEAL, Ondina Fachel. **A Leitura Social da Novela das Oito**. 1983. 84f. Dissertação de mestrado em Antropologia Social. Curso de pós-graduação em Antropologia, Política e Sociologia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre – RS.

ROCHA, Everardo. **Magia e Capitalismo**. Um estudo antropológico da publicidade. 3ª edição. São Paulo – SP: Brasiliense, 1995. 162 p.